



VALÉRIA CRISTINA COSTA

**MULHER E EXTRATIVISMO
NA COMUNICAÇÃO DA PESQUISA AGROPECUÁRIA
O caso das catadoras de manga**

**CAMPINAS,
2014**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO
LABJOR**

VALÉRIA CRISTINA COSTA

**MULHER E EXTRATIVISMO
NA COMUNICAÇÃO DAPESQUISA AGROPECUÁRIA
O caso das catadoras de mangaba**

Orientadora: Profa. Dra. Mónica Graciela Zoppi-Fontana

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre (a) em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

**CAMPINAS,
2014**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

C823m Costa, Valéria Cristina, 1961-
Mulher e extrativismo na comunicação da pesquisa agropecuária - O caso das
catadoras de mangaba / Valéria Cristina Costa. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Mônica Graciela Zoppi-Fontana.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Mulheres. 2. Extrativismo. 3. Divulgação científica. 4. Análise do discurso.
5. EMBRAPA. I. Zoppi-Fontana, Mônica, 1961-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Women and extractivism in agricultural research communication - The case of mangaba's picker women

Palavras-chave em inglês:

Women

Extractivism

Scientific dissemination

Discourse analysis

EMBRAPA

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Mônica Graciela Zoppi-Fontana [Orientador]

Maria Virginia Borges Amaral

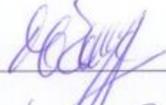
Marko Synésio Alves Monteiro

Data de defesa: 24-03-2014

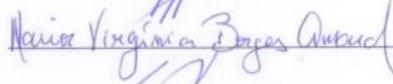
Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

Mónica Graciela Zoppi Fontana



Maria Virginia Borges Amaral



Marko Synesio Alves Monteiro



Cristiane Pereira Dias

Ana Josefina Ferrari

IEL/UNICAMP
2014

RESUMO

MULHER E EXTRATIVISMO NA COMUNICAÇÃO DA PESQUISA AGROPECUÁRIA O caso das catadoras de mangaba

A tarefa de conciliar produção de alimentos e uso sustentável de recursos naturais depende também da eliminação de restrições de gênero no campo, onde a mulher é mais de 40% da força de trabalho, em países em desenvolvimento, mas detém apenas 2% das terras agricultáveis, no Brasil. Assim, problematizamos acerca da invisibilidade da mulher rural na atuação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, focalizando o caso da comunidade tradicional das Catadoras de Mangaba, afetada pela perda de remanescentes da fruteira nativa do Brasil. No entendimento de que invisibilidade implica em silenciamento, buscamos na Análise Materialista de Discurso, meios de refletir sobre as formas e sentidos do silêncio nas práticas discursivas e comunicacionais da Empresa refletidas em duas peças de divulgação científica e confrontadas com material colhido, em 2013, por meio de entrevistas e de observação participativa da interlocução pesquisa-agroextrativistas em dois povoados sergipanos. Tal abordagem metodológica foi adotada para, ao atender o quadro analítico da Teoria Ator-Rede, potencializar o alcance da Análise de Discurso e observar que tecnologias, extrativistas, instituições, pesquisadores/as se entrelaçam em práticas discursivas que constituem redes – entendidas como posições-sujeito – que ou reproduzem os sentidos dominantes ou expressam práticas de resistência, respectivamente, silenciando ou revelando o protagonismo das catadoras, na conservação da fruteira e na sobrevivência física e cultural da família e da comunidade, na medida em que tais sentidos são negociados pelos sujeitos em interação. Ao colocar a comunicação da Embrapa entre os atores investigados na interlocução com a mulher rural, observou-se a pertinência da efetiva atuação multidisciplinar da equipe (agronomia, sociologia, comunicação), desde 2003 no caso, junto à comunidade tradicional com impacto na identificação da diversidade de segmentos afetados pela perda de remanescentes da mangabeira, na simetria do diálogo entre os saberes científico e popular, e na ampliação do leque de soluções de pesquisa.

Palavras-chave: Mulheres, Extrativismo, Divulgação Científica, Análise de Discurso, EMBRAPA

ABSTRACT

Women and extractivism in agricultural research communication - The case of mangaba's picker women

Reconciling food production and sustainable use of natural resources also depends on the removal of gender restrictions in the countryside, where women represent over 40% of the workforce in the developing countries, and here in Brazil have only 2% of agricultural land. Thus, we question about country women's invisibility in Embrapa's procedures, focusing on the case study of the traditional mangaba's picker women community, which is affected by the loss of these native remaining trees. Considering that invisibility implies a "silence", we search, by the Materialist Discourse Analysis, for means to reflect upon senses and meanings of this "silence" in the Embrapa's discursive and communicative practices, which appear in two scientific articles, and confronting them with some material collected in 2013 from interviews and participative observations from the interaction between researchers and mangaba's picker women that live in two villages in Sergipe. Such a methodological approach has been adopted to boost the reach of the "Discourse Analysis", considering the analytical description of the "Actor-Network Theory", and to show that technologies, picker women, institutions, and researches interact, using discourse practices which constitute a network – this latter meaning subject positions – which either reproduces hegemonic meanings or express resistance practices, respectively, silencing or disclosing the picker women's major role in the preservation of native trees, and in the physical and cultural survival of family and community, to the extent that such meanings are negotiated by subjects in interaction. By putting Embrapa among the actors investigated in the interaction with rural women, we could observe the relevance of the effective multidisciplinary group activity (Agronomy, Sociology, Communication), which is working with the traditional community since 2003, noticing the impact on the identification of the segments diversity affected by the loss of native remaining trees, the symmetry of the dialogue between scientific and popular knowledges, and the growth of the range of scientific solutions as well.

Keywords: Women, Extractivism, Scientific dissemination, Discourse Analysis, EMBRAPA

SUMÁRIO

Introdução.....	(.01)
Capítulo I	
1. Apresentando o tema.....	(09)
1.1. Pergunta de pesquisa.....	(14)
1.2. Programas da Embrapa.....	(15)
1.3. Caminhos já percorridos.....	(19)
1.4 O corpus.....	(22)
1.5. Comunidades	(25)
1.6 Abordagem Teórico-metodológica.....	(27)
1.6.1 Análise de Discurso	(28)
1.6.2. Sociologia da Associação - TAR.....	(30)
Capítulo II	
2. DCTV, Prosa Rural e condições de produção.....	(35)
2.1 O cultivo da mangabeira – DCTV	(38)
2.2 A conservação da mangabeira – Prosa Rural	(49)
2.3 A comunicação na Embrapa	(63)
2.4 TT e modelo difusionista	(66)
2.5 DC e modelo de déficit	(69)
2.6 Rede Agronomia – Mangabeira: insumo agrônômico.....	(72)
2.7 Considerações: os significados de falar <i>para</i> e <i>por</i>	(79)
Capítulo III	
3. Uma equipe interdisciplinar.....	(82)
3.1 Em campo com a equipe de pesquisa.....	(83)
3.1.1 O lugar da mulher na estratégia de comunicação	(86)
3.1.2 O lugar da academia na estratégia de comunicação	(96)
3.1.3 Rede Sociologia – Mangabeira: insumo de uma mobilização.....	(100)
3.1.4 Considerações	(106)
3.2 Seguindo as extrativistas.....	(108)
3.2.1 Mangabeira: insumo da sobrevivência	(109)
3.2.2 Rede Catadoras de Mangaba	(119)
3.2.3 O silêncio no discurso das catadoras de mangaba.....	(127)
Resultados e Considerações Finais	(130)
Referências.....	(137)
Anexo 1 – Edital – Seleção de propostas de temas para o programa televisivo semanal – DCTV 2014	(148)

Anexo 2 – Edital – Seleção de propostas de temas para o programa radiofônico Prosa Rural 2014	(152)
Anexo 3 – Formulário Dia de Campo na TV 2014	(156)
Anexo 4 – Formulário do Prosa Rural 2014.....	(159)

DEDICATÓRIA

Aos amores de minha vida: Caio, Lucas e Luna, que me acompanharam de tão perto as delícias (e desesperos) do retorno aos “bancos escolares”, eu dedico o resultado dessa trajetória percorrida num movimento de dentro pra fora e de fora pra dentro.

***O menino que amava sementes. A menina apaixonada por gente.
A gente que só queria ser***

Era uma vez um menino que adorava sementes. Seu coração batia mais forte sempre que encontrava uma diferente. Elas lhe pareciam completas e o completavam. Desconfiara desde cedo que o segredo de tudo de bom e grande que aparecida pra fora da terra estava guardadinho ali, na semente. Será que ela gosta de sol ou de chuva, de frio ou de água? Perguntava-se, sempre arranjando um jeito de tirar aquilo da mente. Andava assim, como um tatu, criando caminhos por debaixo da terra buscando entender aquele ente. Até que um dia, inocente, do lado de fora da terra ouviu vozes de gente. Nossa, exclamou. As sementes já haviam lhe contado que punham flor e davam frutos, mas aquilo? Logo reconheceu na semente crescida aquela a que chamava mangabeira. Mas ela também dá gente ???

E não era só isso. Havia duas gentes pequenas penduradas nos galhos e uma gente grande embaixo dizendo: - Cuidado com essa árvore! Ela dá a roupa que veste a gente, ela dá o leite, ela dá o pão de cada dia.

O apaixonado por sementes jamais podia imaginar aquilo. Voltou pra debaixo da terra, que era onde se sentia em casa, e pensou: - Não pode ser, a semente nunca me disse nada sobre dar gente, pão, roupa! Perguntou aos seus amigos do clube da semente e nada. Ninguém ali tinha ouvido falar em tal coisa. Então resolveu procurar a menina apaixonada por gente. Interessada em conhecer essa gente que dava em galho correu atrás do menino das sementes e se maravilhou. Ela, que adorava saber como gente vivia e do que gente gostava logo descobriu que a semente mangabeira, lhe contaram, também era como a gente que só queria viver e continuar a ser.

AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos a partir do ventre materno onde foi tecida a brasilidade de onde enuncio minha palavra e da qual me orgulho de fazer parte, essa conjunção entre negros, indígenas e brancos que resultou na nona de dez filhos do casal Agar Conceição de Souza Costa (sempre na memória), a amante de filhos e plantas, e o clarinetista-mestre de obras Francisco Costa. A ambos devo a vida, o exemplo de inteireza, bem como a alegria da família numerosa, com a qual tenho compartilhado minha trajetória, da infância à maturidade.

Eu agradeço às queridas irmãs Selma Costa Hadilenko (sempre na memória), Maria Aparecida de Fátima Costa Alves, Vânia Lúcia Costa Damaso e à irmã do coração, Elizabeth Righi Giostri; bem como aos amados irmãos Alexander Gino Costa, João Carlos Costa, Francisco Costa Jr., Miguel Arcanjo Costa, Moacir Costa e meu mestre e guru José Abadio da Costa, irmandade que aqui represento.

Eu agradeço a Minas Gerais que preparou minhas raízes, à cidade de São Paulo que me viu nascer e crescer e à Capital Federal onde criei meus filhos e liguei minha vida a instituição que trata da alimentação, da cultura e de parte importante dos saberes nacionais.

Eu agradeço à Embrapa por investir em minha formação, oportunidade que espero multiplicar compartilhando as informações reunidas nesta dissertação e os conhecimentos que serão incorporados à minha prática profissional. À Embrapa eu devo o encontro com gente amiga e companheira que me ajudou a chegar até aqui como Assunta Sícoli, Iraciara Martins da Silva, José Roberto Rodrigues Peres, Marcelo Mikio Hanashiro, Margarida Lago, Marta Sudário, aos quais agradeço. Eu agradeço ao conselheiro Otávio Valentin Balsadi e também à presença amorosa da jornalista Nadir Rodrigues Pereira, por meio da qual homenageio todos os colegas que atuam na comunicação da Embrapa, cujas práticas serviram de base às reflexões apresentadas. Por me permitirem acompanhar seu trabalho em campo junto às “mulheres mangabeiras”, eu agradeço à equipe de pesquisa da Embrapa e Universidade Federal do Pará representada, neste momento, pelo mentor da ação desenvolvida de forma interdisciplinar: o pesquisador Josué Francisco da Silva Jr., especialista em atrair competência para a sua nobre causa: a conservação da biodiversidade brasileira, sem esquecer, igualmente, de valorizar a diversidade humana que a integra.

Eu agradeço às catadoras de mangaba por me lembrarem, com sua história, a força e coragem com que forjamos a identidade de povo brasileiro.

Eu agradeço ao Programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Labjor/IEL que ao abrigar “o multidisciplinar”, colaborou para o enriquecimento de meu olhar sobre o mundo. Ali desfrutei da dedicação de Alessandra Carnauskas, do companheirismo de Carina Garroti, Fernanda Pestana, Gabriela Villen Malta, Grazielle Moraes, Luciana Purcino, Maísa Maryelli de Oliveira, Marcos Pereira e Tatiane Furukawa Liberato. Agradeço ainda o aprendizado junto às colegas do Grupo Mulheres em Discurso.

Eu agradeço ao professor Marko Synésio Alves Monteiro por suas aulas instigantes, por nunca ter deixado de responder aos meus pedidos de orientação – formais, para participação nas bancas de qualificação e defesa; ou informais, nos momentos de indecisão em que invariavelmente compareceu com entusiasmo e respeito aos meus saberes, aportando sua competência.

Eu agradeço de modo especial à professora Mónica Graciela Zoppi-Fontana, que de forma corajosa me acolheu como sua orientanda, apoiando-me no desafio de fazer convergir os domínios da Análise de Discurso e da Teoria Ator Rede, cujos referenciais teórico-metodológicos fui levada a me aprofundar por influência dos apaixonantes educadores Mónica e Marko, suporte na revisão de práticas.

Eu agradeço às queridas Nice Caetano e Elo Teixeira que me apresentaram AmmaBhagavan, avatares com os quais tenho aprendido o caminho mais direto para o encontro com meu Antaryamim, fonte de equilíbrio e unidade que me mantiveram íntegra até a reta final.

Eu, finalmente, agradeço ao Caio Silva Costa e ao Lucas Silva Costa, pela coragem de terem aceitado virem ao mundo como meus filhos, assim como Luna Silva Costa – que aos três anos já questionava: e a Mamãe do Céu?

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Figura árvore-gráfico concepção própria Arte Fernanda Pestana....(07)
Figura 2 - Semente Chip – Ivan Schuster e Ivo Carraro(Coodetec).....(73)

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Mapeamento das ações e projetos descritos no Balanço Social 2011.....	(18)
Quadro 2 – Dados dos povoados visitados	(24)
Quadro 3 – Pontos de contato entre os discursos da pesquisa e empresária.....	(42)
Quadro 4 – Quadro de distribuição do tempo no vídeo <i>O cultivo da mangabeira</i>	(44)
Quadro 5 – Quadro de distribuição do tempo no programa A conservação da mangabeira	(47)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS – Assessoria de Comunicação Social da Embrapa
AD – Análise de Discurso
ANATER – Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
ASCAMAI – Associação das Catadoras de Mangaba de Indiaroba/SE
CAP – Coordenadoria de Articulação e Programação do Departamento de TT da Embrapa
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEC – Coordenadoria de Articulação e Estudos em Comunicação da Embrapa
CIE – Coordenadoria de Informação e Estratégias do Departamento de TT da Embrapa

CJO – Coordenadoria de Jornalismo da Embrapa
CMP – Coordenadoria de Gestão da Marca e Publicidade da Embrapa
CMA - Coordenadoria de Métodos e Análises do Departamento de TT da Embrapa

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRP – Coordenadoria de Relações Públicas da Embrapa
DC - Divulgação Científica
DDC – Discurso de Divulgação Científica
DCTV – Dia de Campo na TV
DGP – Departamento de Gestão de Pessoas da Embrapa
DTT - Departamento de Transferência de Tecnologia da Embrapa
DPD – Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento
ECA - Escola de comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
EMATER – Empresas Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura
FHC - Fernando Henrique Cardoso
FIOCRUZ – Fundação Osvaldo Cruz
IICA – Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura
INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

IPBES- (na sigla em inglês) Plataforma Inter-governamental de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos
IPCC - Painel Mundial para Mudanças Climáticas
MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MCM – Movimento das Catadoras de Mangaba
MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário
MDS – Ministério do Desenvolvimento Social
MPs – Macro Programas da Embrapa
MPF – Ministério Público Federal

NEAD – Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural do Ministério do Desenvolvimento Agrário
OEPAS – Organizações Estaduais de Pesquisa Agropecuária
OIT – Organização Internacional do Trabalho
PD&I – Pesquisa Desenvolvimento e Inovação
RIDELC – Rede Internacional de Desenvolvimento Local e Comunitário
SECOM – Secretaria de Comunicação da Embrapa
SEIDES - Secretária-adjunta de Inclusão, Assistência e Desenvolvimento Social de Sergipe
SEPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SNPA – Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária
SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação e Uso Sustentável
SPM – Secretaria de Políticas para as Mulheres
SPSB – Serviço de Produção de Sementes Básicas
TAR – Teoria Ator Rede
TT – Transferência de Tecnologia
UD – Unidade Descentralizada da Embrapa
UFS – Universidade Federal de Sergipe
UnB – Universidade de Brasília
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

INTRODUÇÃO

A presente dissertação focaliza mulheres negras, nordestinas e do meio rural da perspectiva de uma mulher igualmente negra, paulistana e jornalista que desde a graduação volta-se para problemáticas do segmento feminino. Como funcionária de uma creche municipal localizada na periferia de São Paulo aliou o trabalho administrativo com a promoção, junto às “pajens”, de dinâmicas em grupo em que era tratado o drama de cuidarem dos filhos alheios enquanto deixavam os seus próprios sozinhos em casa, entre outros conflitos que vivenciavam.

Concluída a graduação, o primeiro emprego remunerado como jornalista foi em veículo de comunicação especializado em questões indígenas, editado por instituição católica dedicada à temática. Ali, acompanha de perto como repórter, no final dos anos 1980, os primeiros casos de suicídio entre os Guarani-Kaiowa, da região de Dourados/MS, onde meninas e adolescentes alvos de abusos - por parte de membros de instituições religiosas, inclusive - tiravam a própria vida por envenenamento ou enforcamento para escapar da dor e constrangimento frente à comunidade. Alijadas de suas terras pela dinâmica da política agrária brasileira em curso, as populações indígenas da região passavam a ocupar áreas cada vez menores, de recursos naturais insuficientes, transformando-se em mão-de-obra quase escrava nos canaviais. Lá, a violência sexual soma-se às demais resultando na expulsão das mulheres também da comunidade indígena de origem. Engravidadas, sem poder fazer uso de métodos contraceptivos ou partos tradicionalmente adotados pela etnia, davam à luz do lado de fora dos hospitais, que lhes recusavam atendimento. Sobreviventes, passavam a morar com os filhos sob lonas, à beira das estradas, aonde sob condições precárias os viam perecer sem qualquer assistência do Estado. Quem dera essa história pudesse ser contata apenas no pretérito.

Do jornal das causas indígenas para a chamada grande imprensa de veículo sediado na Capital Federal ainda a situação da mulher no País. Desta vez num centro urbano. Gravidez na adolescência, prostituição e Aids, clínicas clandestinas de aborto, a vida de jovens de periferia encurralados entre a discriminação de suas formas de expressão cultural e a morte em brigas de gangues juvenis movidas pelo desejo de fama e poder, protagonizadas também por meninas da periferia brasiliense. Estes foram temas que marcaram a produção dessa fase em páginas de um

jornal diário, às vezes transbordando para o ambiente parlamentar ou motivando pesquisas e iniciativas institucionais, outras apenas gerando espanto passageiro.

Com o ingresso na assessoria de imprensa da Embrapa o interesse pela temática de gênero ganha espaço no convite para participar de grupo de trabalho formado para discutir ações de responsabilidade social, que resultou na proposta de adesão da Empresa ao Programa Pró-Equidade de Gênero da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres (SPM), do Governo Federal. Por dois anos (2009/10), o viés jornalístico foi emprestado ao programa Nossas Vozes, (COSTA, 2009) podcast produzido como parte do plano de ação da empresa, que buscou introduzir a temática relacionada a gênero e valorização da diversidade junto aos públicos internos e externos da instituição.

A oportunidade de retomar questões relacionadas ao diálogo entre os saberes acadêmico e popular - já visitadas por ocasião do envolvimento com comunidades indígenas - cria condições para lançar olhar sobre a interface mulher e etnia quando da realização de roteiro e direção do vídeo *Semente Crioula: resistência quilombola – Construção da soberania alimentar na Caatinga* (COSTA,2010), que documentou parte do trabalho de resgate de sementes crioulas, tradicionalmente utilizadas por quilombolas de comunidades pernambucanas, entre outras ações. Essa etapa da atividade foi desenvolvida por técnicos da Embrapa, numa iniciativa das Associações Comunitárias e em parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), a Organização Não Governamental Centro Cultural Luiz Freire, com apoio da Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional. Entre os povoados envolvidos esteve a comunidade Conceição das Crioulas, localizada em Salgueiro e formada a partir da ação de quatro mulheres negras e livres que encontraram no cultivo do algodão um meio de tecer sua sobrevivência.

Após a breve retrospectiva chegamos ao momento atual. Devidamente motivada, então, pelas experiências acumuladas ao longo da trajetória pessoal e profissional, e de dentro da assessoria de comunicação de instituição de pesquisa agropecuária desemboco na pergunta levantada pela presente dissertação: a invisibilidade da mulher rural tem expressão na comunicação da Embrapa?

É certo que a invisibilidade da mulher do campo é assunto conhecido da academia, cuja atuação oferece suporte à formulação de políticas públicas, inclusive. No entanto, aqui problematizamos acerca da invisibilidade da mulher rural a partir da pesquisa agropecuária, que é um caminho ainda não percorrido. Optamos por fazê-lo tendo como ponto de partida as práticas de comunicação de uma equipe de pesquisa da Embrapa e parceiros que há dez anos interagem com extrativistas de mangaba. Focalizamos, em especial, a etapa da pesquisa (nem sempre considerada parte da pesquisa) que é comumente denominada transferência de tecnologia (TT), por ser nela que os profissionais de comunicação têm mais atuação, e em que há grande aproximação com os/as usuários/as – ainda que frequentemente via multiplicadores e parceiros da extensão rural. Preferimos ao longo desta dissertação chamar a etapa de o ¹trânsito pesquisa-usuários/as finais a fim de evidenciar a existência de interação mútua entre as partes (nem sempre intermediada), que não se dá necessariamente apenas ao término da pesquisa – mesmo nos modelos mais tradicionais.

Por que esse tema?

Vivemos um dilema mundial em que se faz urgente encontrar meios de conciliar a produção de alimentos, com conservação de recursos naturais frente a demanda populacional crescente. No mundo, a mulher é cerca de metade da força de trabalho no campo, sendo apontada como importante agente de desenvolvimento social nos âmbitos familiar, comunitário, local e nacional. No Brasil, as mulheres estão majoritariamente inseridas na agricultura de perfil familiar, que é o segmento responsável por colocar o alimento na mesa dos brasileiros. Apesar da relevância da força feminina no campo, restrições de gênero dificultam a atuação das mulheres, responsáveis por apenas 2% das terras agricultáveis, segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Para resolver essa equação, que visa a sustentabilidade socioeconômica e ambiental da atividade agropecuária frente a um quadro de mudanças climáticas é preponderante o papel da pesquisa agropecuária. Embora esteja ainda muito marcada pelo masculino (dos 9.797 empregados/as da Embrapa apenas 2.957 eram mulheres, que ocupavam 30,57% dos cargos em chefia em 2013, segundo dados de 2013 fornecidos pelo Departamento de Gestão de Pessoas), a

¹ Chegamos a tal designação por meio de diálogo com a socióloga Maria Teresa Citelli.

pesquisa agropecuária vive momento de revisão de paradigmas, com a incorporação de novas áreas de investigação como a bioenergia e a atenção a setores descapitalizados da agricultura, bem como a incorporação de questões de gênero e étnico-racial demandadas por estruturas públicas criadas na última década para fazer frente à desigualdade que tem marcado a história desse País continental.

A entrada no tema pela via da comunicação justifica-se por visualizarmos o potencial da área no suporte à referida revisão de paradigmas, agindo como facilitadora do processo de transição na medida em que os comunicadores estejam igualmente dispostos a reavaliar suas próprias práticas - como buscam fazer, por exemplo, os entusiastas da comunicação para o desenvolvimento² ao qual nos somamos. No entanto, o fazemos partindo da prática e de perspectiva ainda pouco explorada, que coloca a comunicação da empresa de pesquisa entre os atores investigados na interlocução com a mulher rural, forma pela qual pretendemos contribuir para o debate.

E como foi que, metodologicamente, fizemos isso?

No entendimento de que invisibilidade implica em silêncios e silenciamentos, buscamos na Análise Materialista do Discurso (AD) o referencial teórico- metodológico para pensar as *formas e os sentidos* do silêncio (ORLANDI,2007) nas práticas discursivas e comunicacionais da Embrapa. Recorremos também à Sociologia da Associação (LAW, 2008), mais conhecida como Teoria Ator-Rede (TAR) para nos ajudar a observar como as associações constituídas e mantidas no âmbito da pesquisa agropecuária por meio das práticas discursivas concorrem ou não para a invisibilidade da mulher. Outra motivação para acessarmos a TAR está no fato de que a teoria permite considerar como agentes também tecnologias, instituições, artefatos, atores não humanos que proliferam na pesquisa agropecuária que frequentemente os tem como objeto e produto de investigações. E não foi (inicialmente) muito diferente no caso que focalizamos nesta investigação, onde uma árvore nativa, a mangabeira, está na posição do mediador, mobilizando três atores, que, por sua vez, constituem redes - descritas ao longo deste estudo.

² No contexto desse debate, desenvolvimento é pensado numa abordagem humanista e sustentável e não produtivista e tecnológica, segundo Juan Díaz Bordenave. (2012, p.13).

Avaliamos ainda que a tarefa de refazer e seguir os passos da equipe de pesquisa como recomenda a TAR (LATOURE, 2000) nos levaria a visualizar o funcionamento das complexas e heterogêneas redes em formação, identificando pontos cegos nessas mesmas redes, ocultados pelo olhar da naturalização. A opção pela metodologia do estudo de caso nos pareceu a mais indicada para explorar o objeto, dado o grande número de variáveis envolvidas na investigação - mulher, raça e etnia, espaço rural, pesquisa agropecuária. O estudo de caso é também muito utilizado por pesquisadores/as da comunicação (outra variável em foco), assim como aqueles que têm empreendido estudos tendo por base a TAR.

O Corpus - Para constituir o corpus da investigação focalizamos as formas de comunicação utilizadas pela equipe de pesquisa junto a extrativistas sergipanas. Analisamos duas peças de comunicação, uma em vídeo e outra em áudio, ambas produzidas por profissionais de comunicação da Embrapa. O Dia de Campo na TV (DCTV) focalizou o cultivo da mangabeira, numa edição de 2007. O Prosa Rural, programa de rádio especificamente criado para a agricultura familiar, em 2011 tratou da conservação da mangabeira. Confrontamos esse material com aquele que foi colhido em campo, em 2013, a partir da observação da interlocução direta entre a equipe de pesquisadores/as e as mulheres de comunidade tradicional em dois povoados sergipanos. Também foi feita a análise documental de folderes, divulgações/publicações, tanto aqueles produzidos pela pesquisa como os elaborados pela associação das extrativistas, cuja mobilização tem gerado mudanças nas formas de comunicação.

O caso – Além de reunir alguns dos principais segmentos que postos na mira de políticas públicas na última década – mulheres, negras, Região Nordeste e o meio rural – a inovação na forma de abordagem do problema da perda de remanescentes da mangabeira pela equipe de pesquisa, o caso das catadoras de mangaba ofereceu a oportunidade da controvérsia, permitindo assim que entrássemos pela porta dos fundos da ciência em construção, como recomenda Bruno Latour (2000). As causas do problema identificado por agrônomo da Embrapa, especialista em conservação de fruteiras nativas, seriam avanço da especulação imobiliária (construção de condomínios de luxo e resorts) para áreas de ocorrência da mangabeira, paulatinamente substituídas também pela monocultura (cana-de-açúcar, carcinicultura entre outros).

A mangabeira é uma fruteira nativa, de ocorrência espontânea em algumas regiões do país, mas com destacada importância em Sergipe, principal Estado produtor, que adota a árvore como símbolo. Lá, cerca de 7.500 pessoas vivem da coleta do fruto, uma atividade sazonal que responde por 60% da renda das famílias, cujas mulheres atuam em atividades complementares como a pesca e o emprego no comércio local nos meses em que não há mangaba. A grande maioria das catadoras de mangaba não são proprietárias de terras e historicamente vinham coletando a fruta em áreas de livre acesso, nas proximidades de suas casas. No entanto, a mudança no uso da terra na região alterou esse quadro, empurrando as catadoras para cada vez mais longe e tornando a atividade mais penosa e perigosa devido aos embates com os proprietários das áreas de ocorrência da mangabeira. A comercialização do fruto pelas extrativistas é feita basicamente *in natura*, em feiras, beira de estradas e junto aos intermediários, que lhes buscam a produção em suas residências.

Redes – O referencial teórico metodológico que nos guiou no processo de investigação de nosso objeto - a interlocução mantida entre a equipe de pesquisa da Embrapa e parceiros junto às catadoras de mangaba - levou à identificação de três atores, a partir das posições sujeito que representam, cujos pressupostos descrevem redes específicas: Agronomia, Catadoras de Mangaba e Sociologia, embora se articulem em torno da mesma problemática que envolve a mangabeira. Ao representar graficamente as três redes a partir da figura da mangabeira (a seguir), além de resgatar o papel desse mediador não humano, desejamos marcar como fundamental o caráter dinâmico, em permanente construção que tais redes assumem.

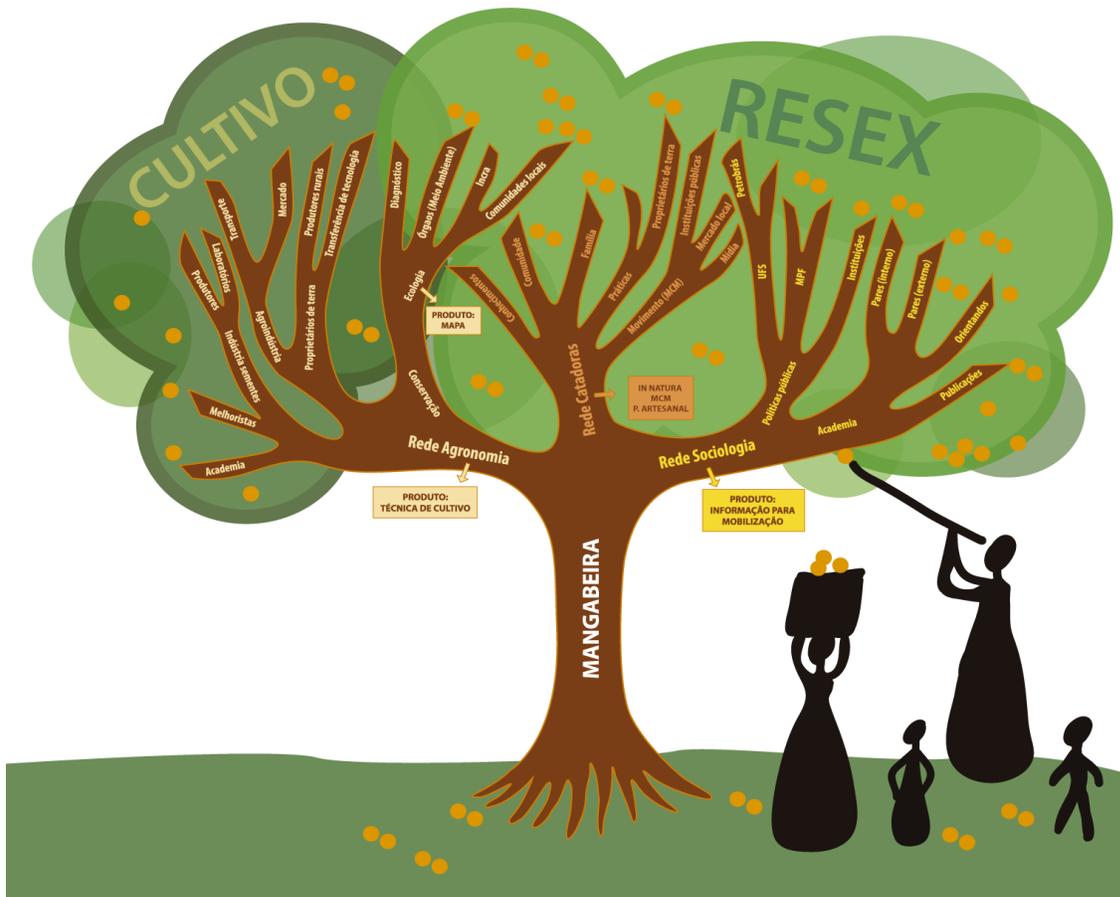


Figura-gráfico de concepção própria. Arte: Fernanda Pestana

Da esquerda para a direita representamos, na árvore-gráfico, a Rede Agronomia, a primeira descrita pelo estudo e que tem como ator o agrônomo responsável pela identificação da perda de remanescentes da mangabeira. O pesquisador, localizando o problema como de ordem técnica e econômica vai buscar no insumo agrônômico básico a informação a partir do qual vislumbra a solução de pesquisa: o desenvolvimento de uma técnica de cultivo racional. Por esse meio visualiza o reordenamento da oferta da matéria prima, com regularidade, quantidade e qualidade demandadas pela agroindústria e pela indústria sementeira, entre outros segmentos da cadeia produtiva, que vão sendo agregados como elos da Rede Agronomia. Ao agir desse modo, focaliza prioritariamente o mercado formal, deixando de fora as extrativistas, destituídas que são, em sua maioria, de áreas para promover o cultivo. O produto final da pesquisa na Rede Agronomia é a técnica de cultivo da mangabeira por semente, solução disseminável por meio de veículos de comunicação de massa e/ou por técnicos da extensão rural.

Seguindo-se à Rede Agronomia, localizada à direita na figura-gráfico está a Rede Sociologia. De perfil diferenciado, o agrônomo identifica a ação conservacionista que a coleta de mangaba assume na medida em que, ao colherem o fruto, as catadoras promovem igualmente o manejo da planta, acumulando conhecimentos valiosos sobre a fruteira nessa prática realizada ao longo de anos e por gerações. Tal percepção o fez atrair para a “causa da mangabeira” profissional com formação em sociologia, para atuar junto às mulheres. A iniciativa inaugura a fase interdisciplinar do trabalho em equipe.

Para o elo sociologia (que incorpora também uma profissional de comunicação), resolver o problema da perda de remanescentes de mangabeira vira uma questão de mobilização social, iniciada pela etnografia do grupo, já que nesta rede a informação de relevância está nas pessoas. O levantamento ajuda a delinear os contornos do extrativismo da mangaba em Sergipe, revelando a face feminina da atividade coletiva e familiar, majoritariamente desenvolvida pela mulher negra. Os dados coletados por meio de métodos científicos e reunidos pela equipe de pesquisa servem tanto à caracterização da comunidade como tradicional – com endosso da academia - como à valorização e motivação das mulheres na autodeclaração Catadoras de Mangaba e, conseqüentemente à reivindicação do direito ao acesso às mangabeiras. Nesta rede, a comunicação é prioritariamente interpessoal, acompanhando aquela mantida pelas catadoras. E a solução de pesquisa não é uma tecnologia, mas os caminhos para a reivindicação de uma Reserva Extrativista de Mangaba (Resex) entre outras coisas.

Para a Rede catadoras de mangaba - representada ao centro na figura-gráfico - a perda das mangabeiras configura-se, então, como um problema de sobrevivência física e cultural. Entre as catadoras, a informação relevante está na própria prática do extrativismo, no conhecimento tradicionalmente repassado, bem como naquele renovado no dia-a-dia da relação com a fruteira. A comunicação interpessoal, mantida na atividade da coleta e comercialização do fruto, ganha novos contornos diante da necessidade de as extrativistas ampliarem o círculo de associações que lhes vão assegurar os direitos, entre eles a Resex.

A descrição das redes constitui o coração desta dissertação, estruturada em três capítulos. O primeiro deles apresenta o contexto político em que o caso das catadoras de mangaba se insere e que suscitou a pergunta de pesquisa, bem como os programas em desenvolvimento na Embrapa

relacionados àquela comunidade tradicional. O capítulo inicial também traz informações sobre o programa Pró-equidade de Gênero e Diversidade da Embrapa, bem contextualização desta investigação entre outras que focalizaram catadoras de mangaba no âmbito da comunicação, por exemplo. Oportunidade para também apresentarmos o material que compõe o corpus da investigação e a descrição das comunidades envolvidas.

Dedicamos o final do primeiro capítulo à descrição e justificativa da abordagem teórico-metodológica adotada. Tal abordagem teve impacto na estruturação da dissertação em que a descrição do material colhido nas etapas de campo e do levantamento documental, assumem o primeiro plano, tornando necessária a divisão das análises em duas etapas. São apresentadas considerações sobre os resultados obtidos ao final de cada uma. Desse modo, começamos, o capítulo II, pela análise das peças de comunicação televisiva e radiofônica produzidas pela Embrapa e que focalizaram a problemática da perda de remanescentes da mangabeira, nos permitindo delinear os contornos da Rede Agronomia. Nesse contexto aproveitamos para refletir sobre os modelos difusionista e de déficit na Transferência de Tecnologia (TT) e na Divulgação Científica (DC), respectivamente, bem como no âmbito do setor de comunicação da Embrapa.

No capítulo III, apresentamos as análises do material colhido na etapa de campo, realizada para observação da comunicação interpessoal realizada pela equipe de pesquisa junto às catadoras de mangaba de povoados sergipanos. A partir do material surgido do acompanhamento da equipe de pesquisa analisamos o lugar da mulher e da academia nas estratégias de comunicação, que ajudaram a descrever a Rede Sociologia. Em seguida passamos à descrição da Rede Catadoras de Mangaba, a partir da análise das entrevistas e da observação participativa. Finalizamos a dissertação apresentando os resultados e as considerações finais.

CAPÍTULO I

1. Apresentando o tema

A urgência em encontrar respostas para o dilema mundial que é aliar conservação de recursos naturais e aumento da produção de alimentos reforça o debate sobre a inclusão produtiva do/a trabalhador/a rural e os fatores de gênero que contribuem para incrementar ou limitar a

produtividade das lavouras e a qualidade de vida no campo. O acesso diferenciado de mulheres e homens às soluções tecnológicas ou não, por meio da interação entre pesquisadores/as e trabalhadores/as rurais, pode ser considerado uma questão relevante no combate à pobreza, à miséria e desigualdades sociais no Brasil e no mundo. Outro aspecto de relevância diz respeito ao papel ativo das comunidades tradicionais - onde a mulher tem atuação preponderante, especialmente no caso em foco – em termos de conhecimento e preservação da biodiversidade de ecossistemas e culturas alimentares de variedades nativas, saberes com os quais podem contribuir com questões científicas também ligadas às pesquisas sobre mudanças climáticas, como vem ressaltando o Painel Mundial para Mudanças Climáticas (IPCC), em suas últimas edições, e a recém criada Plataforma Inter-governamental de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (Ipbes, na sigla em inglês). Assim como o ministério brasileiro da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) que trabalha na elaboração do Programa Nacional de Pesquisa Intercultural, que terá participação da Embrapa. Embora o extrativismo da mangaba não ocorra numa região como a Amazônia, onde o apelo em termos de conservação é mundialmente evidenciado, a produção científica acerca da relação amigável mantida há décadas entre extrativistas e recursos naturais pode ajudar a pensar a problemática proposta pelas instâncias governamentais.

As soluções desenvolvidas por centros de pesquisa somente poderão realizar seu potencial se forem apropriadas ou desenvolvidas em sintonia com as demandas dos agricultores e em respeito e reconhecimento das inovações por eles pensadas, tarefa que depende do êxito no trânsito pesquisa-usuário/a final com o suporte, quando necessário, de políticas públicas de incentivo. Com destaque especial para a trabalhadora rural, cuja relevância como agente de desenvolvimento sustentável nas comunidades agrícolas cresce em importância no cenário atual, devendo transformar-se em alvo privilegiado da pesquisa agropecuária.

Dados da Organização das Nações Unidas (FAO, 2011)³ mostram que 43 % da força de trabalho agrícola dos países pobres e em desenvolvimento é formada por mulheres, que, no entanto, ainda encontram-se frequentemente apartadas dos recursos necessários para tirar da terra o próprio

³ A informação consta do documento *O estado mundial da agricultura e da alimentação. Mulheres na agricultura: superar a brecha de gênero em prol do desenvolvimento*, cujas estatísticas estariam subestimadas, segundo avalia a pesquisadora Maria Inez S. Paulilo (2013, p), pois dados da própria FAO teriam apontado para uma participação de 60% a 80% de trabalho feminino na agricultura de países do Sul. Para ela, as estatísticas apresentadas *subestimam a contribuição da mão de obra feminina ao trabalho nas lavouras porque as mulheres geralmente veem os campos em volta de sua moradia como uma extensão da casa e não separam o trabalho que fazem nos dois espaços.*

sustento e o da família. No Brasil, o primeiro censo agropecuário realizado pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) a incluir a variável sexo na caracterização dos responsáveis pelos estabelecimentos adotando também o conceito Agricultura Familiar data de 2006, com resultados divulgados em 2009 (NOBRE, 2012). O levantamento apontou que as mulheres como responsáveis por 12,68% (656.228) do total de estabelecimentos rurais, enquanto que os homens respondiam por 87,32% (4.519.261).

As trabalhadoras rurais possuem menos de 2% das terras agricultáveis, recebem somente 1/3 da renda mundial e dificilmente são consideradas pelas estatísticas oficiais nacionais. Em nível internacional, a dimensão de gênero está explicitamente incorporada em menos de 10% da assistência oficial ao desenvolvimento direto da agricultura (DALLER, 2009)

Os resultados da desigualdade de tratamento foram dimensionados e apontam: “restrições de gênero provocam uma produtividade de 20% a 30% menor nas lavouras sob controle feminino, em comparação com áreas equivalentes sob comando masculino”. (FAO, 2011)

A necessidade de superação das disparidades de gênero é reiterada pelos números: “a igualdade de acesso à terra, insumos e crédito poderiam elevar a oferta de alimentos em até 4%, tirando de uma condição de subnutrição de 100 milhões a 150 milhões de pessoas num universo de quase um bilhão de famintos.” (GRAZIANO DA SILVA, 2011)

Os dados remetem a uma dimensão de Estado em termos de responsabilidade na busca por soluções para os problemas apontados. E mais: indicam a necessidade de envolvimento das instituições de pesquisa agropecuária, em especial as públicas, no debate sobre instrumentos de desenvolvimento e inserção social e econômica. Esta é a principal razão pela qual este estudo focaliza organizações do Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária (SNPA).

No Brasil, a agricultura familiar é o segmento agropecuário que apresenta maior inserção de mão-de-obra feminina, cuja atuação no extrativismo bem como no cultivo de hortas e roçados familiares confunde-se com o trabalho doméstico, desembocando numa conseqüente ausência de remuneração e, por fim, na chamada invisibilidade econômico-social.

“O trabalho feminino na agropecuária é majoritariamente não remunerado e para consumo próprio; para poucas que auferem rendas monetárias, estas ainda são inferiores às percebidas pelos homens.” (BUTTO, 2009).

Ainda assim, o estudo reafirma a posição da trabalhadora rural como agente de segurança alimentar e de bem-estar familiar e comunitário. Mobilizadas, as mulheres do campo têm aos poucos conseguido atrair uma rede de serviços públicos nas áreas de saúde, educação e produção sustentável – como bem exemplificam as conquistas do movimento Marcha das Margaridas, que congrega trabalhadoras rurais de várias regiões do País.

A atenção à agricultura de base familiar também tem motivação no seu potencial como agente do desenvolvimento sustentável.

A relação da agricultura familiar com recursos naturais é considerada positiva quando ela está enraizada no meio físico, tendo controle sobre seu processo produtivo. Seu potencial para promoção da sustentabilidade ecológica diz respeito à sua capacidade de conviver de forma harmônica com ecossistemas naturais, percebidos como um patrimônio familiar (ALTAFIN, 2003, p. 16).

Entre as comunidades tradicionais essa relação com os recursos naturais é notável, como acontece entre populações extrativistas que coletam plantas ou animais, como é o caso das catadoras de mangaba – que diferem do extrativismo de madeira, de caráter predatório. No entanto, é igualmente visível sua maior vulnerabilidade frente aos imperativos do mercado, que se impõe no campo como um todo.

A perspectiva da inserção econômica coloca o extrativismo em posição desfavorável frente a outros segmentos da agricultura de perfil familiar dada a dificuldade de sua adequação a regras de mercado, como regularidade da oferta e controle de qualidade do produto. Para Homma (1993), o extrativismo vegetal é uma “economia moribunda, cuja tendência inevitável é seu desaparecimento” e iniciativas de apoio à atividade são tidas como uma forma de “prolongar essa agonia”. No entanto, a equipe interdisciplinar que há uma década atua com as catadoras de mangaba pauta-se por corrente diversa, que não questiona o sentido de existência de extrativistas, vistos como portadores de conhecimentos fundamentais à conservação da biodiversidade.

No Brasil, a primeira Reserva Extrativista (Resex) surge na década de 90, na região acreana do Alto Juruá, num contexto de conflito social que colocou em lados opostos seringueiros e madeireiros, marcado pelo assassinato do líder sindical Chico Mendes. A ideia de tomar como base a forma de demarcação dos terras indígenas para as reservas extrativistas é fruto da discussão daquela época e, desde então, tais reservas são delimitadas como um território inteiro da união, destinado ao usufruto de extrativistas, sem lotes individuais (ALMEIDA, 2000). O conflito agrário também marca a trajetória das mulheres catadoras de mangaba, que igualmente demandando trabalho intelectual e mobilização social, conforme teremos oportunidade de observar.

A constatação de que a situação de exclusão de propriedades rurais familiares é danosa ao meio ambiente aponta para a responsabilidade da pesquisa agropecuária na oferta e busca conjunta de soluções, tecnológicas ou não, que possibilitem a crescente atenção da agricultura de administração familiar entre os programas de alta relevância para a gestão estratégica das pesquisas, bem como da inserção da mulher neste amplo segmento.

(...) a redenção desse símbolo da desigualdade pode significar, também, a redenção de um pedaço expressivo da fome, tornando a superação das discriminações de gênero no acesso à terra, ao crédito e a insumos uma das prioridades da luta pela segurança alimentar em nosso tempo. (GRAZIANO DA SILVA, J. 2011)

A revisão de paradigmas imposta à ciência faz emergir valores como trabalho cooperativo, pesquisa participativa e em rede, e indicativos de responsabilidade social. Além do compromisso com a excelência em pesquisa e da conduta ética, entre os imperativos em destaque encontram-se a responsabilidade socioambiental – em que é imprescindível a interação permanente com a sociedade.

O que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver. Na ausência de tal treino, somente pode haver o que William James chamou de ‘confusão atordoante e intensa’ (KUHN, 2006, p. 150)

Ao reavaliarm sua própria prática no contexto da pesquisa agropecuária a comunicação pode igualmente oferecer elementos que auxiliem na reeducação da percepção do cientista, realizando conjuntamente a consciente transição de paradigmas.

A comunicação que privilegia a área rural não pode ignorar, sob pena de tornar-se elitista e contribuir para a exclusão social, as práticas tradicionais de relacionamento entre as pessoas do campo, fundadas, quase sempre, na comunicação interpessoal. Mais do que nunca, é necessário desenvolver ações, metodologias, processos para tornar mais eficaz a interação entre os públicos que atuam na área rural, que, sobretudo, se pautem pela transparência, pelo respeito mútuo, pelo compromisso com a participação e a cidadania. (EMBRAPA, 2002)

1.1. Pergunta de Pesquisa

A comunicação é ponto chave em nossa investigação, motivo pelo qual focalizamos dentre as etapas da pesquisa agropecuária aquela em que o trabalho dessa área de conhecimento incide com maior proeminência: a Transferência de Tecnologia⁴, em que por definição se dá o compartilhamento dos resultados das pesquisas com seus usuários/as finais. Como entendemos que a comunicação com esse público não deva acontecer de modo unidirecional e numa via de mão única, como indicado pelo conceito de TT, preferimos denominar a etapa como o trânsito pesquisa-usuário/as finais – na tentativa de melhor representar a influência mútua. Cabe explicar ainda que a designação proposta por nós não visa indicar os objetivos⁵ da comunicação, mas a etapa dedicada ao compartilhamento de conhecimentos (embutidos ou não em tecnologias) - que no caso em estudo não está necessariamente localizada/circunscrita ao final do processo de pesquisa. O levantamento das formas de comunicação utilizadas na etapa indicada forneceu o corpus com o qual trabalhamos no mapeamento das práticas discursivas dos principais atores e

⁴ Segundo definição disponível no site do Núcleo de Inovação Tecnológica da Universidade Federal de Lavras, Transferência de Tecnologia é *o meio através do qual, um conjunto de conhecimentos, habilidades e procedimentos aplicáveis aos problemas da produção são transferidos, por transação de caráter econômico ou não, de uma organização a outra, ampliando a capacidade de inovação da organização receptora*. Dereti (2007) tenta conferir caráter mais amplo ao processo. Para ele difusão e TT são formas de compartilhamento do conhecimento gerado pela pesquisa agropecuária destinadas respectivamente aos setores primário e secundário. A difusão, delegada ao serviço da extensão rural. A TT, vinculada ao setor secundário, que teria sido incorporada à dinâmica do campo brasileiro onde hoje ambos os setores se articulam na agricultura familiar, em especial. Fator que levaria a considerar a adaptação e modificação ocorrida no processo como parte da TT, envolvendo variáveis econômicas e *fatores sociais, ambientais, o diagnóstico da situação anterior e dos impactos posteriores à adoção de uma dada tecnologia*. No entanto, Dereti define TT como *uma sucessão de ações articuladas cujo objetivo final é a capacitação para a incorporação de tecnologias*, que igualmente pressupõe levar conhecimento produzido numa ponta para a outra.

⁵ Comunicação para o Desenvolvimento, expressão que vem sendo utilizada como alternativa a Comunicação para TT indica a finalidade das ações de comunicação e não a etapa, como se pretende aqui.

suas respectivas posições sujeitos para responder se a invisibilidade da mulher no campo ganha expressão na comunicação da pesquisa agropecuária. Que nos fez focalizar questões de dominação e poder que transcendem o enfoque de gênero, mas que por ele podem ser evidenciadas, como dissemos na introdução deste trabalho.

1.2 Programas da Embrapa

Mangabeira



Foto: Valéria Costa

A mangabeira e questões relacionadas à conservação da fruteira, via manutenção de bancos de germoplasma ou com a participação das catadoras de mangaba, mantêm ativos na Embrapa cinco programas, eles contam com a participação e/ou liderança da equipe que há cerca de dez anos interage com as comunidades de catadoras de mangaba de Sergipe.

Além de desenvolverem projetos em comum, de caráter interdisciplinar, os membros da equipe vinculados à Embrapa e que atuam junto ao MCM mantêm projetos independentes, embora correlatos. Dois dos programas vigentes, ambos iniciados em 2009, têm à frente o engenheiro agrônomo da equipe: *Bancos ativos de germoplasma de fruteiras nativas e adaptadas do Nordeste, incluindo a mangabeira*, e *Conservação in situ dos recursos genéticos da mangabeira por populações tradicionais de catadores*. Ambos são financiados pela Embrapa.

A profissional de marketing que integra a equipe participa de dois outros programas em vigor: *Entre a valorização e a exclusão: o dilema das mulheres catadoras de mangaba no Nordeste e Norte do Brasil*, iniciado em 2008 com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com auxílio financeiro e da Embrapa Tabuleiros Costeiros, que arca com a remuneração, e *Experimentação participativa e agroecologia em assentamentos rurais de Sergipe*, cujo ano de início foi 2010, incluindo o assentamento Agroextrativista São Sebastião, em Pirambu, composto por catadoras de mangaba.

O atual e mais abrangente programa mantido pela equipe interinstitucional teve início em 2010 com financiamento do CNPq e é denominado: *Sistematização de experiências e formação de profissionais para apoiar as catadoras e o extrativismo sustentável de mangaba no Norte e Nordeste do Brasil*.

O programa de sistematização de experiência da Embrapa focaliza a formação de profissionais para atuação em suporte às catadoras de mangaba, já o projeto de extensão em atividade na UFS, de cunho multidisciplinar e sob coordenação da pedagoga Sônia Meire de Jesus volta-se para as comunidades priorizando a capacitação das catadoras de mangaba em “novas tecnologias sociais como processo gerador de renda e oportunidade de trabalho”, conforme descrito pela pesquisadora, sendo denominado *Conhecimentos, Saberes e Práticas produzidos no trabalho e na cultura das mulheres catadoras de mangaba de Sergipe: a formação das extrativistas a partir das ações de educação popular*.

Já a Universidade Federal de Sergipe, em parceria com o Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM), desenvolve o projeto Catadoras de Mangaba, Gerando Renda e Tecendo Vida em Sergipe patrocinando pela Petrobrás teve uma primeira etapa no biênio 2011/2012 e tem uma segunda edição em vigor, 2013/2015, atuando junto às comunidades sergipanas onde ocorre a cata da Mangaba. O trabalho teve início em 2011 e vem sendo realizado pela Associação das Catadoras de Mangaba e Indiaroba (Ascamai) sob patrocínio do edital público do Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania, em parceria com a Universidade Federal de Sergipe e apoio do Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM). O projeto alcança 24 povoados em sete municípios sergipanos, atendendo cerca de 600 catadoras de mangaba, perfazendo um total de 1.357 dependentes da atividade, segundo informa a pesquisadora. Gênero, igualdade racial e

comunidades tradicionais são temas tratados de modo transversal pelo projeto, que em sua segunda edição atua no aperfeiçoamento da produção e qualidade dos produtos, informa o site do MCM.

Gênero

A Embrapa participa do Programa Pró-Equidade de Gênero da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) do Governo Federal, desde sua segunda edição, 2007/2008. Desde então os planos de ação têm sido desenvolvidos por meio de um comitê central, com coordenação do Departamento de Gestão de Pessoas (DGP). Também vinculadas ao setor de pessoal estão representantes lotados em cada uma das 47 Unidades Descentralizadas (UD) da Empresa divididas em unidades de serviço (05) e unidades de pesquisa classificadas em: produtos (14), temas básicos (11) e ecorregionais (17), distribuídas pelas cinco regiões do País.

Em pouco mais de cinco anos de adesão da empresa ao Programa, os planos de ação tem incidido, prioritariamente, sobre o público interno em iniciativas voltadas à informação como foi o caso do programa em áudio Nossas Vozes disponibilizado no portal da Empresa, especialmente dedicado ao tema e que foi produzido por dois anos. Ações educativas destinadas a gestores, empregados e colaboradores vem sendo feitas por meio de seminários e palestras, abordando questões como o avanço do papel da mulher na sociedade; a importância da criação de espaços igualitários e aspectos ligados à saúde da mulher, conforme indica o balanço de atividades de 2008. Levantamento em que o comitê apontou a “movimentação lenta” no desenvolvimento das ações do Pró-equidade no âmbito da Empresa justificada pelas dificuldades para fazer refletir na cultura organizacional a “quebra de paradigmas internos”, que o trato com o tema deveria significar. O levantamento indica como agravante o fato de tratar-se de uma instituição de estrutura descentralizada, com ramificações pelo País e permeada por abrangente diversidade cultural. No período, também foram desenvolvidas ações voltadas à atualização cadastral do quadro de pessoal com estímulo à auto declaração de cor/ raça.

No entanto, em 2012 o comitê identificou a necessidade de implantar ações voltadas à área fim (a pesquisa) movimentando-se em direção ao atendimento de uma relevante diretriz do Programa do Governo Federal que é a prática de sensibilização na cadeia de relacionamentos das

organizações. Para tanto, iniciou-se trabalho de mapeamento de projetos dos programas institucionais descritos no Balanço Social da Empresa de 2011. O objetivo foi a identificação daqueles que concorrerem para a promoção da equidade de gênero, raça e/ou valorização da diversidade na cadeia de relacionamento, de modo a alinhar o documento ao Programa Pró-equidade de gênero. Cem por cento das ações divulgadas naquela edição do Balanço Social tiveram seus resumos analisados, resultando na descrição a seguir:

Quadro: Mapeamento das Ações e Projetos descritos no Balanço Social de 2011

TIPOS DE AÇÃO/PROJETO	QUANTIDADE E DE AÇÕES	AÇÕES QUE PROMOVEM A EQUIDADE DE GÊNERO RAÇA E DIVERSIDADE
Agricultura Familiar	130	(56,9%)
Apoio Comunitário	60	(95%)
Comunidades Indígenas	24	(100%)
Educação e Formação Profissional: Ações Externas	167	(99,4%)
Educação e Formação Profissional: Ações Internas	95	(50,5%)
Meio Ambiente e Educação Ambiental	101	(34,6%)
Segurança Alimentar	77	(51,9%)
Reforma Agrária	31	(100%)
Saúde, Segurança e Medicina do Trabalho	79	27 (34,1%)
TOTAL	764	502 (65,70%)

Fonte: Embrapa - DGP 2012

O comitê avaliou que, embora muitos dos resumos descritos evidenciassem apenas implicitamente relação com a temática, percebeu-se que a maioria (65,7%) colabora com a promoção da equidade de gênero, raça/diversidade.

A publicação Balanço Social é onde a Empresa divulga com maior ênfase a etapa que compreende o trânsito pesquisa-usuário/a final, denominada pela pesquisa agropecuária de difusão ou TT, e cujo papel é assim compreendido:

Conhecimento por si só não gera produção. Entre o usuário final e o pesquisador transcorre imensa gama de ações e trabalhos que ligam estes dois grupos de trabalhadores. Muitas instituições estão envolvidas, da órbita do governo e da iniciativa particular. Tudo isto compõe o mercado da assistência técnica que consome recursos e gera a imensa safra que o Brasil produziu, orgulho de todos brasileiros. Esta safra quase toda ela calcada no incremento da produtividade, portanto fruto da ciência, é a prova incontestável de que o mercado de difusão de tecnologia é muito ativo entre nós. Ou seja, a difusão de tecnologia é o sucesso fantástico! (EMBRAPA, 2012)

Embora não tenha sido feito igual mapeamento no sistema que reúne os projetos de pesquisa em desenvolvimento na Empresa, idêntica dificuldade encontra-se ao tentar encontrá-los vinculados à temática da equidade de gênero ou focalizando a mulher rural, especialmente nos títulos com os quais são identificados, mesmo quando a busca se dá junto aos Macroprogramas (MPs) voltados à agricultura familiar ou à comunicação e TT.

A Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater), encontra-se em vias de ser implantada (2014). E, a exemplo do que acontece com as Empresas Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), os gestores da Embrapa já estão sendo convocados a atuar em estreita parceria com a agência no auxílio a agricultores familiares em ações que envolvam compartilhamento de conhecimento (serviços e produtos/tecnologia). Assim, estarão aumentadas as oportunidades de ressignificação do trânsito pesquisa-usuário/a, etapa da pesquisa à qual esse estudo se dedica por ser aquela em que, historicamente, é maior o contato pesquisador-agricultor/a.

1.3– Caminhos já percorridos

Comunicação e catadoras de mangaba

A produção acadêmica da equipe de pesquisa que atua junto às catadoras de mangaba é intensa e conta com a participação ativa de uma profissional de comunicação com formação em marketing, Raquel Fernandes. Como responsável pela comunicação da equipe, ela atua em suporte à produção e elaboração de peças de comunicação, sendo também co-autora de inúmeras publicações, mantendo vinculação mais próxima ao Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD) que aos núcleos de comunicação. Apesar disso, não há registro de

estudos de sua autoria ou da equipe focalizando especificamente as formas de comunicação adotadas pela equipe de pesquisa da Embrapa ou mesmo apresentação de estudos em fóruns desta área de conhecimento.

Encontramos, no entanto, um estudo que avaliou de forma específica os resultados do Plano de Comunicação elaborado no âmbito do projeto mantido pela Petrobras junto às extrativistas de mangaba. *Comunicação e Cidadania: Ecos de um Plano de Comunicação Para Comunidades Sergipanas* é de autoria da jornalista Rita Simone Liberato que integrou a equipe responsável pelo Plano. O estudo foi apresentado em 2013 durante o Congresso Brasileiro da Comunicação, organizado pela Intercom, e buscou refletir sobre *o uso das tecnologias de comunicação, práticas participativas e comunitárias* no âmbito da geração de renda, segurança alimentar e nutricional e gênero do Projeto da Petrobras entre 2011 e 2013. A análise se fez a partir de literatura que aborda a interface cultura - tecnologias de comunicação e comunicação participativa. A investigação concluiu que as ações contribuíram para tirar da invisibilidade as extrativistas, mas que a problemática envolvendo as catadoras de mangaba ainda *carece de atenção da mídia e do Estado*. (LIBERATO, 2013)

Comunicação e mulher na pesquisa agropecuária

O cuidado com o aperfeiçoamento e qualificação de profissionais de comunicação na Embrapa registra-se desde os primórdios da instituição, que adota a prática de apoiar empregados, cujos projetos tenham sido aprovados por comitês técnicos de avaliação. Em abril de 2012, a então CEC fez o levantamento do perfil dos programas de pós-graduação cursados por profissionais de comunicação da Embrapa, elaborado a partir de dados disponíveis no Sistema de informações de Recursos Humanos, que não incluem profissionais que cursam a pós-graduação de forma independente.

O estudo quantitativo compreendeu o período que vai do ano de criação da Empresa, em 1973, até 2010, em que ocorreram 79 liberações de empregados para a realização de cursos de pós-graduação, sendo 58 para cursos de mestrado, 18 de doutorado e 2 de pós-doutorado em comunicação ou em outras áreas. Doze dessas liberações foram para cursos em instituições

estrangeiras. No que se refere às áreas de concentração dos cursos escolhidos, o levantamento apontou que: 22 correspondem a áreas de Comunicação Social ou similares (Ciências da Comunicação, Comunicação Empresarial, Jornalismo etc.), 22 correspondem a Comunicação no Meio Rural ou similares (Difusão de Tecnologia), 12 correspondem a Comunicação Científica e Tecnológica, 9 a Gestão da Informação, Gestão do Conhecimento e similares (Sistema de Informação), 4 a Processos Comunicacionais e Midiáticos, 3 a Política e Gestão de C&T e 7 a áreas diversas (Sociologia, Processos Culturais, Comunicação Internacional, etc).

Publicação editada pela então ACS (DUARTE, RIBEIRO, 2006), reuniu 16 trabalhos de mestrado e doutorado, que focalizaram o tema comunicação em teses/dissertações. No entanto, não houve registro de estudos que tenham se debruçado especificamente sobre questões de gênero ou dedicados à problemática da mulher no campo em interface com a comunicação da pesquisa agropecuária.

A publicação *Mulheres Camponesas – Trabalho Produtivo e Engajamentos Políticos* (NEVES, MEDEIROS, 2013) realiza um inventário no portal de teses e dissertação da Capes. Ao agregar termos como agricultura familiar, povos tradicionais e campesinato em associação àqueles que remetem à temática de gênero, o levantamento indicou que processos de reflexão sobre a problemática das mulheres camponesas vêm sendo valorizados em campos específicos, como na formação de profissionais especializados em educação (pedagogia). O mesmo não se podendo dizer em relação ao mundo agrícola, em cujas áreas disciplinares verificou-se que *o investimento em pesquisa tende a se identificar a temáticas que secundarizam ou não acolhem a perspectiva valorativa de definições de relações de gênero* (op.cit. p. 350)

A economista e cientista política Cristina Buarque (2004), alinhada a essa preocupação, no artigo *A dimensão de gênero no mundo rural contemporâneo*, critica autores brasileiros que tratam da questão agrária sem destacar as batalhas emancipatórias das mulheres, lembrando que as lutas no interior do aparelho do Estado, nos organismos de classe e da academia são lutas por mudanças nas referências das organizações da sociedade brasileira rural.

Observar a dimensão de gênero no mundo rural contemporâneo é uma tarefa muito ampla. É necessário observar a variedade de relações sociais

existentes, questionando as relações de dominação e subordinação de sexo e as expressões atuais do patriarcado, a partir da perspectiva democrática de igualdade e liberdade para todas as pessoas. Deve-se considerar ainda a desconstrução, ou não, das identidades tradicionais de mulheres e homens, a construção de novos valores de sociabilização dos indivíduos e o surgimento de organizações que não se orientam pela tradição e que sejam capazes de influir nas instituições. (BUARQUE, 2004,p 120)

Esta dissertação não se sobrepõe à gama de trabalhos que têm focalizado a problemática da mulher no âmbito da agricultura familiar, da conservação ambiental e do extrativismo da mangaba, em particular, pois analisa o tema sob a perspectiva da comunicação, ressignificando o debate já produzido pelo setor sobre os modelos difusionista, na chamada TT, e de *déficit*, na divulgação e jornalismo científicos em geral. A partir do caso das extrativistas o estudo buscou oportunidade de colocar a atenção no universo que abrange também a comunicação da pesquisa agropecuária como um dos atores a ser igualmente investigado na interlocução com a usuária final, relação na qual a cultura da pesquisa agropecuária revela-se permeável ou não ao debate sobre questões de dominação e poder, que transcendem o enfoque de gênero, mas que por ele podem ser evidenciadas.

1.4 O Corpus

Conforme dissemos anteriormente, o levantamento das formas de comunicação utilizadas na etapa compreendida como o trânsito pesquisa-usuárias finais forneceu o corpus a partir do qual mapeamos as práticas discursivas dos principais atores envolvidos no caso das catadoras a fim de observar se a comunicação da pesquisa agropecuária expressa a invisibilidade da mulher no campo. Para tanto, elegemos duas peças de DC produzidas por profissionais de comunicação da Embrapa a partir de parâmetros institucionalmente estabelecidos pela instituição: as produções televisiva DCTV e radiofônica Prosa Rural, cujas programações são compostas por meio de editais anuais, que seleciona os temas. Ambos os programas dedicaram edições ao tema extrativismo da mangaba, o primeiro deles, de 2007, focalizou O Cultivo da Mangabeira e o outro, de 2011, A Conservação da Mangabeira, cujas materialidades discursivas foram analisadas bem como as redes e associações decorrentes das posições sujeito identificadas.

No entanto, nos últimos dez anos, a interlocução pesquisa-extrativistas tem priorizado a comunicação interpessoal o que exigiu uma etapa de pesquisa de campo, em que seguimos os passos da equipe de pesquisa em visita de trabalho a dois povoados sergipanos para ali colher o material discursivo que complementaria nosso corpus.

Dividimos o material colhido no trabalho de campo como se segue:

Entrevistas com pesquisadores/as – não estruturadas, registradas em áudio com gravador digital e/ou anotações de campo, versando sobre memória/histórico do contato com as agroextrativistas; metodologia de abordagem junto às comunidades/catadoras de mangaba; formas de comunicação com outros pesquisadores; com a comunidade acadêmica (externa) e da Embrapa (interna) e com gestores públicos.

- **Embrapa e parceiros:** apenas uma das entrevistas foi feita antes do trabalho de campo e com pesquisador que teve participação em ação específica (produção de mapa) no grupo, tendo sido feita no escritório de trabalho do especialista em ecologia, em Brasília/DF. Com três membros da equipe que desenvolve o principal projeto interdisciplinar em vigor: (*Sistematização de experiências e formação de profissionais para apoiar as catadoras e o extrativismo sustentável de mangaba no Norte e Nordeste do Brasil*) as entrevistas foram presenciais, durante visitas aos povoados. Estas entrevistas foram feitas sempre com a equipe de pesquisa, embora com visível ascendência da pedagoga sobre os demais na liderança das respostas - fato sobre o qual refletimos no item dedicado à Rede Sociologia - e durante os deslocamentos e pausas para as refeições - em que aproveitavam para discutir superficialmente algum resultado imediato ou sobre aspecto da programação não previsto anteriormente.
- **Universidade Federal de Sergipe:** a pedagoga e doutora em educação e sociologia, atual professora da UFS, iniciou contatos com o MCM em 2007, quando atuava na Secretaria de Estado da Inclusão, Assistência e do Desenvolvimento Social de Sergipe (Seides). Mas foi como professora e pesquisadora da UFS que passou a atuar mais proximamente ao MCM sugerindo e assessorando a elaboração de projeto, pelas catadoras, aprovado junto a Programa da Petrobras, em 2011. A professora e pesquisadora foi entrevistada durante café

da manhã, no hotel em que me hospedei durante a estada em Aracaju. A entrevista foi gravada em áudio, com gravador digital, acompanhada de anotações em caderno de notas. A pesquisadora da UFS atua com ênfase na educação do campo, políticas públicas em educação, gênero, políticas de conhecimento e em saberes e práticas educativas emancipatórias.

Entrevistas com catadoras e catador de mangaba e acompanhamento de rotina. A seguir quadro indicativo de dados dos povoados visitados.

Município	Povoado	Famílias/extrativistas	Produção mun. IBGE/Embrapa
Indiaroba (Microrregião Estância)	Pontal	400/120	25t/500t
Barra dos Coqueiros (Microrregião Aracaju)	Capoã	40/40	20t/200t

Fontes: Tabela montada com informações MOTA et al , 2011 e VIEIRA, PEREIRA, 2010

O quadro ajuda a visualizar as diferenças que marcam os povoados em que acompanhamos a equipe de pesquisa e onde realizamos as entrevistas com a comunidade. Tanto a proximidade com a capital e a conseqüente facilidade de acesso a equipamentos e o ambiente urbano, como a produção e o número de famílias envolvidas na atividade extrativista têm reflexos no comportamento das catadoras com o entorno e entre si, e na relação com as equipes de pesquisa atuantes na região.

- No povoados indicados foram feitas 10 entrevistas - não estruturadas - com catadoras de mangaba durante visita aos povoados. Em sua maioria, tiveram registro em áudio, com gravador digital, havendo uma entrevista em vídeo, com câmera digital, além de anotações de campo em caderno de notas (durante ou após as gravações). Entre as catadoras de mangaba entrevistadas há tanto aquelas que desde a infância atuam na coleta do fruto como as mais recentemente integradas à atividade; mulheres casadas, separadas e solteiras, com idades variando entre 19 e 57 anos. Obs.: Duas catadoras

quiseram falar, mas não gravar ou assinar o termo de consentimento. Também entrevistamos um pescador, que dedica-se à cata da mangaba, feita em terreno de sua propriedade.

- O acompanhamento da rotina das catadoras na comunidade se deu a partir de observação participativa durante o período de hospedagem em casa de uma delas, portanto em refeições conjuntas e momentos de convívio familiar e comunitário. Há registros em vídeo, feito com câmera digital, mas a maior parte das observações foi feita em caderno de notas.

A observação direta do contado entre pesquisadores/as e catadoras de mangaba nos povoados de Pontal e Capoã durante as entrevistas formais da equipe – conforme classificação detalhada no capítulo Rede Sociologia - foi exclusivamente registrada por meio de caderno de notas. O acompanhamento dos contatos aleatórios e das visitas para o convite de participação do evento que realizariam em Belém/PA para intercâmbio de experiências teve registro em caderno de notas e registro em áudio, em menor grau.

1.5 Comunidades



Foto: Capoã crédito: Valéria Costa

Sergipe é o maior produtor brasileiro de mangaba. O fruto está especialmente marcado no calendário do Estado por meio de iniciativa do município de Itaporanga D’Ajuda, que instituiu o dia 15 de abril como o Dia da Mangaba. Profundamente enraizada na cultura do estado, as populações locais acumularam conhecimentos sobre seu uso motivo que levou a Embrapa e a

Universidade Federal do Pará a priorizarem o Estado. Por consequência, foi também para lá que nos levou a estratégia de “seguir” os pesquisadores/as na interlocução com as catadoras de mangaba.

O levantamento etnográfico feito pela equipe de pesquisa da Embrapa delineou o perfil do segmento das catadoras: predominante constituído por mulheres negras.

Em Sergipe, a memória oral indica que, há muitas décadas, populações negras advindas do trabalho na cana-de-açúcar e nas grandes propriedades absenteístas em decorrência das sucessivas crises enfrentadas pelo setor agrícola (ALMEIDA, 1984) ou pela abolição da escravatura ocuparam áreas de restinga e tabuleiros pouco requisitadas pela agricultura na condição de posseiros. (MOTA et al, 2011, p. 107)

Segundo o levantamento, quase metade (48%) das cerca de 2.500 catadoras de mangaba encontra-se na faixa etária dos 50 anos, caindo progressivamente até o grupo com menos de 20 anos (6%). Há a predominância do estado civil casadas/união estável (39%) sobre as solteiras (22%), viúvas (20%) e separadas (16%). Os mais altos índices de escolarização ficam entre as mais jovens, 45% das entrevistadas pela equipe de pesquisadores informam ter concluído o ensino fundamental contra 35% daquelas que se declararam analfabetas, especialmente localizadas entre as mais idosas. (MOTA et al, 2011)

Informações captadas por imagens de satélite, fotografias aéreas e respaldadas pelo relato de moradores dos povoados ajudaram a fazer uma radiografia do extrativismo de mangaba no litoral sergipano. Os dados foram coletados entre os anos de 2008/2009 foram reunidos na publicação Mapa do extrativismo da Mangaba em Sergipe – Ameaças e Demandas (VIEIRA, PEREIRA, 2010) elaborada por pesquisadores da Embrapa, do Incra e representantes do MCM, entre outras instituições parceiras.

Segundo o levantamento, 1.628 famílias de treze municípios realizam a coleta da fruta. Tais famílias estão distribuídas por 64 comunidades, a maioria localizada em povoados, havendo também seis assentamentos da reforma agrária. Os dados demonstram que, além de abrangência territorial significativa, o extrativismo da mangaba é praticado por significativo contingente da população local. Em Barra dos Coqueiros a área do extrativismo (3.270) corresponde a mais de um terço da área total (9.190) do município, onde se localiza Capoã (um dos povoados que

integrou o nosso trabalho de campo), cuja totalidade das famílias atua na coleta da mangaba, associada à mariscagem e à pesca entre outras atividades produtivas. Igual situação é vivida em outros povoados dada a sazonalidade da fruta, cujo extrativismo, ainda assim, representa 60% dos rendimentos das famílias. O estudo aponta que:

(...) apenas uma porção pequena dessas áreas [extrativismo] é de sítios próprios (16%). Áreas de livre acesso (permitido) representam 49% da área total do extrativismo, o que é positivo no presente, mas constitui uma situação provisória na medida em que as terras valorizam e novos incentivos de conversão de áreas surgem. (VIEIRA, PEREIRA et al, 2010, p. 16)

De acordo com o diagnóstico, a proibição de acesso às áreas de extrativismo alcançava 12% e juntamente com as áreas de conflito somava quase 30%, à época do levantamento.

1.6 Abordagem Teórico-Metodológica

No entendimento de que invisibilidade implica em silenciamento, buscamos no referencial teórico da Análise de Discurso (AD) oportunidade para refletir sobre as formas e sentidos do silêncio nas práticas discursivas e comunicacionais da Embrapa a fim de problematizar acerca de possíveis reflexos da invisibilidade da mulher no campo na comunicação da Embrapa, mais especificamente no âmbito da interlocução pesquisa-catadoras de mangaba. Segundo Orlandi (2012, p 37) a AD fundada por Michel Pêcheux, nos anos 60, *marca sua singularidade por pensar a relação da ideologia com a língua.*

E é o silêncio pensado nesse contexto que lhe confere a dimensão política *podendo ser considerado como parte da retórica da dominação como do oprimido* (ORLANDI, 200, p.29) - importante no estudo do caso das extrativistas, atravessado por relações de dominação e poder nos âmbitos público e privado. A esfera pública coloca as extrativistas em disputa pelos recursos naturais com proprietários de terras e agentes da especulação imobiliária. Como atividade de perfil familiar majoritariamente desenvolvida por mulheres, o extrativismo da mangaba enfrenta embates na esfera doméstica onde a dominação masculina ainda se faz presente. Acrescenta-se ainda o fato de essas mulheres serem predominantemente negras, característica que se soma às demais, colocando as extrativistas às margens de uma sociedade de matriz machista, racista e elitista. O mesmo acontecendo com os pesquisadores que ao se dedicarem ao extrativismo

caminham contra a corrente hegemônica de País que baseia sua imagem de potência agrícola nos investimentos que faz para manter-se no mercado internacional por meio da produção de *commodities*.

Mas para seguir adiante em nossa investigação e focalizar a interlocução pesquisa-catadoras num complexo contexto de associações é preciso entender o silêncio não apenas em seu sentido de censura e silenciamento. Servirá também de base à presente análise a concepção de silêncio como constitutivo do discurso, dado o entendimento de que *todo dizer cala algum sentido necessariamente* (ORLANDI, 2007). Tomamos então o silêncio na dimensão política para identificá-lo enquanto parte das relações de poder e o silêncio fundador, entendido como constitutivo do dizer, para observar de que material discursivo (pressupostos) são constituídas as redes entendidas, então, como posições sujeito⁶. Para dizer é preciso não dizer e é dizendo e não dizendo que as associações acontecem no âmbito da relação pesquisa-extrativistas. Motivo que nos levou a seguir a equipe de pesquisa em campo - conforme recomenda a Teoria Ator Rede (TAR) de que igualmente nos valem - e identificar como são criados e mantidos os laços, não identificáveis somente pela análise da produção acadêmica da equipe de pesquisa e no site, do MCM no caso das catadoras. Para abri-las e poder ver fora dessas “caixas pretas” e identificar o tipo de laços discursivos que constitui a interlocução pesquisa-extrativistas lançou-se mão da TAR. O caso das catadoras de mangaba permitiu entrar no mundo da ciência pela “porta de trás”, (LATOURET, 2000, p 33), seguindo a equipe de pesquisa que saiu em busca de novos caminhos para dialogar com um segmento que reúne mulheres extrativistas, negras e nordestinas.

1.6.1 Análise de Discurso

A análise de discurso, proposta por M. Pêcheux, se faz no entremeio das disciplinas e as afeta em seus métodos de interpretação na medida mesmo em que articula linguagem e ideologia, praticando a análise de suas materialidades. (ORLANDI, 2012, p.23)

Adotamos nesse trabalho a definição de discurso conforme entendido por Michel Pêcheux e referido por Eni Puccinelli Orlandi, no artigo *Discurso, imaginário social e conhecimento* (1994). Nele, discurso é descrito como o efeito de sentido entre sujeitos que trata da linguagem em seu

⁶ Posições-sujeito entendidas como “posições ideologicamente marcadas, que recortam determinados sentidos disponíveis, ao mesmo tempo que rejeitam/silenciam outros” (ZOPPI-FONTANA, 2012, p.87)

funcionamento, considerada, portanto em relação à constituição dos sujeitos e à produção de sentidos. Segundo afirma, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique:

Isto quer dizer que o discurso supõe um sistema significante, mas supõe também a relação desse sistema com sua exterioridade já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique. Daí os efeitos entre locutores. E, em contrapartida, a dimensão simbólica dos fatos. (ORLANDI, 1994)

Tanto quanto Pêcheux e Orlandi, Marie-Anne Paveau concorda que o discurso não se reduz a parâmetros enunciativos e posição do sujeito, devendo ser consideradas as condições de produção. Para Paveau, a noção de contexto precisa ser ampliada e, aos dados sócio históricos que configuram essas condições de produção, devem ser acrescentados dados ambientais:

Falo de dados ambientais para designar, na perspectiva da cognição social, não só a relação entre os humanos e seus quadros de saberes, crenças e práticas (...), mas também a sua relação entre eles e sua ambientação material concreta (ambientes naturais ou artificiais, espaços, objetos, artefatos, suportes). Isso implica um remanejamento da noção de contexto e, nesse caso, o termo “ambiente” me parece mais pertinente. (PAVEAU, 2007, p. 312)

Ao evocar os avanços das ciências cognitivas, Paveau sugere uma articulação entre discurso e seus exteriores que inclua aí os não-humanos: “também uma árvore ou um prédio podem constituir agentes psíquicos que contribuem para a elaboração cognitiva” (PAVEAU, 2007,p.313). A professora em ciências da linguagem cita Bruno Latour e a sociologia associacionista entre os pioneiros da cognição nas atividades de linguagem e propõe a existência de uma “tecnologia discursiva”, definida como um “conjunto de procedimentos ligados a práticas ao mesmo tempo intelectuais e materiais que permita coletivização e a transmissão de pré-discursos” (PAVEAU, 2007, p.325.).

Alinhados a tais conceituações, partiremos do pressuposto de que um sentido é como ele se constitui, como se formula e como circula, caminhos que percorremos para perceber os modos como enunciações e seus silêncios se inscrevem e significam nas redes identificadas e analisadas.

1.6.2 Sociologia da Associação (TAR)

Além de permitir pontes entre AD e TAR a articulação entre discurso e seus exteriores é uma realidade na pesquisa agropecuária em que tanto o objeto de estudo como o produto final das investigações são comumente atores não-humanos; a semente está entre os principais cujo melhoramento genético resulta com frequência, em um novo produto (cultivar). A forma como a estrutura da Embrapa está configurada é uma demonstração disso, basta observar a classificação de seus centros de pesquisa/Unidades Descentralizadas (UDs)⁷: Produtos, Ecorregionais, Temas Básicos (agroenergia, instrumentação agropecuária, agroindústria de alimentos, monitoramento por satélite) e Serviços.

No caso das catadodas de mangaba, na base da constituição das redes analisadas está um ator não-humano: a mangabeira. De porte médio a alto, bela, magnífica e vistosa, ela “passeia” naturalmente nos tabuleiros, restingas e cerrados brasileiros das regiões Nordeste e Centro-Oeste e dos Estados de Minas Gerais e Pará, sendo registrada sua presença também no Paraguai e na Bolívia (MOTA, 2011, p.45)

É a *Hancornia*, assim denominada em homenagem ao botânico Philip Hancorn, *Speciosa* por sua beleza e Gomes por parte de “pai”, o padre naturalista português Bernardino Antônio Gomes que em 1803 a identificou, descreveu e registrou no Observationum Botanico-Medicarumem, a *Hancornia Speciosa* Gomes, ou simplesmente mangabeira, nome indígena com o qual ficou popularmente conhecida entre os sergipanos. Esta árvore frutífera, cuja problemática diz respeito à perda de seus remanescentes, tem mexido com a vida de muita gente, do campo aos gabinetes, ao ser transformada em ator a partir do qual se conectam/desconectam pesquisadores, tecnologias, extrativistas, artefatos, empresários, maquinários, leis e gestores públicos na trama de atores humanos e não-humanos sobre a qual nos detivemos para refletir sobre a interlocução pesquisa-usuárias finais.

⁷ Para detalhes sobre as missões das UD's acessar o site da Embrapa: http://www.embrapa.br/a_embrapa/unidades-de-pesquisa-e-de-servicos#

A descrição de rede assim heterogênea e tão característica da pesquisa agrária exigiu a busca por aparato teórico-metodológico que possibilitasse considerá-la em sua íntegra, oferecendo instrumentos para seguirmos o movimento traçado pelas relações entre pessoas, instituições, tecnologias. Este foi um dos caminhos que nos fizeram chegar à Teoria Ator-Rede, gestada na sociologia das associações, orientada a processos à qual trata agentes, organizações e máquinas como efeitos relacionais. (LAW, 2008).

Se os cientistas dos Estudos Sociais da Ciência criticavam o estruturalismo, a visão positivista da ciência, apontando a “erosão das certezas epistemológicas” teriam de propor/experimentar uma forma diferenciada de praticar ciência social. Foi assim que a TAR surgiu na década de 1980 da busca por uma teoria social ajustada aos estudos de ciência e tecnologia, momento em que os não humanos se apresentaram de uma nova maneira. (LATOUR, 2012, P.29).

A forma menos antropocêntrica de pensar as ciências sociais, dotando não humanos de agência e concorrendo assim para o entendimento do humano, foi o principal motivo pelo qual buscamos nos teóricos da sociologia da associação, como Bruto Latour e John Law, elementos para desvendar dentre as práticas das ciências agrárias – tão permeadas pela tecnologia - quais aproximam e quais distanciam pesquisa agropecuária do segmento feminino no campo.

Dada a compreensão de que o real é relacional, promulgado em práticas, os fundamentos da teoria tem sido desenvolvidos e sedimentados ao mesmo tempo em que são “experimentados” por meio de estudos de caso e estratégias etnográficas. Como demonstração da ênfase da TAR nesse aspecto, lembramos o artigo Traduction/Trahison: Notes On ANT (LAW, 2006) em que John Law discorre sobre aspectos da TAR a partir de quatro histórias (estudos de caso) descritas por adeptos/as da teoria.

Para rastrear relações enfatizando a dinâmica e fluidez do movimento de criação das conexões a TAR recomenda “seguir os atores” que compõem a rede científica em estudo. A estratégia metodológica deu base ao trabalho de campo e à pesquisa documental que focalizaram a interlocução pesquisa-catadoras de mangaba. A estratégia forneceu elementos significativos para a observação sobre como tais redes vão se configurando, em ordenações mais ou menos

duradouras. Nosso estudo do caso apontou para a importância das práticas discursivas, em especial, na constituição e manutenção das redes.

Redes como posições-sujeito



Frente a um objeto atentem primeiro para as associações de que ele é feito e só depois examinem como ele renovou o repertório de laços sociais

Bruno Latour

No presente estudo de caso, três redes se entrelaçam a partir da interlocução pesquisa-extrativistas que têm como ponto de partida e de convergência a mangabeira. No contexto de definição das redes com as quais trabalharíamos, o conceito de ator foi importante norteador. Segundo Latour, *qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator*, conceito que se mescla com o de mediadores, que seriam *aqueles que não podem ser contados*

como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias, ou uma infinidade e transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam (LATOURE, 2012, p. 108 e p. 65).

Para identificar os atores no caso das catadoras de mangaba fizemos a pergunta igualmente recomendada pela TAR: *“ele faz diferença no curso da ação de outro agente ou não?”*. A análise das materialidades discursivas que formariam nosso corpus poderiam ajudar a responder a questão ao apontar as posições sujeito que ao longo da interlocução pesquisa-extrativistas apresentavam esse potencial de, a partir de seus pressupostos, atrair elos, configurar associações, modificar a perspectiva a partir da qual a problemática da perda de remanescentes de mangabeira seria vista e, por consequência, a indicação das soluções mais adequadas.

Durante o acompanhamento das práticas envolvidas na interlocução pesquisa-usuárias em estudo ficaram evidenciadas três redes: Rede Agronomia, Rede Sociologia e Rede Catadoras de Mangaba, figurando como principais, então, aquelas a partir das quais outras foram se agregando de forma pontual ou não. Tais redes puderam ser identificadas com posições-sujeito distintas, dada a forma como seus atores/mediadores, veem e se relacionam com a árvore da mangaba e os reflexos disso nas práticas comunicacionais adotadas no contato entre si e com a sociedade.

Estudo de caso

*Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele,
dá de encontro com ele, o encontra*

Michel Pêcheux, 2008,p.29

A etapa de campo em que fomos colher o material discursivo que completaria nosso corpus a partir da comunicação interpessoal mantida entre pesquisa-extrativistas exigiu a adoção de metodologia específica encontrada no Estudo de Caso que, de acordo com a professora da ECA/SP, Maria Immacolata Vassallo de Lopes, é um dos métodos mais usados em pesquisas de comunicação, por *permitir ao pesquisador o uso de um roteiro de entrevistas, observação etnográfica, que podem ser somados com uma pequena história de vida da população em estudo (LOPES, 1990, p. 148).*

Por outro lado, o estudo de caso, conforme define Pontes:

É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico (PONTES, 2006, p.2)

Adotar uma metodologia de inspiração etnográfica atuou como um facilitador na tarefa de seguirmos a equipe de pesquisa na comunicação interpessoal com as catadoras de mangaba, como pede a TAR, priorizada na etapa de campo no entendimento de que quanto mais robusto o material discursivo levantando na etapa de observação participativa e entrevistas, melhor atenderíamos igualmente à AD. A compreensão de nosso objeto de estudo – a interlocução pesquisa-catadoras de mangaba - compreende questões de comunicação de diversas ordens (técnica, cultural, científica, saberes popular e acadêmico - de diferentes áreas de conhecimento) imbricadas em questões de gênero e etnia no âmbito de uma comunidade tradicional, complexidade melhor explorada a partir de uma investigação de cunho *particularística*.

Ao acompanhar a equipe de pesquisa em sua interlocução com as extrativistas pudemos atender importante regra metodológica da TAR definida por Latour: *entraremos em fatos e máquinas enquanto estão em construção; não levaremos conosco preconceitos relativos ao que constitui o saber.* (op. cit. p 31).

CAPÍTULO II

2. DCTV, Prosa Rural e as Condições de Produção

Começamos a análise das materialidades discursivas representadas em cada um dos programas circulando pelo entorno comum que as peças de comunicação *O cultivo da mangabeira* (DCTV) e *A conservação da mangabeira* (Prosa Rural) tangenciam. Um dos fatores de influência direta no condicionamento dos temas e abordagem dos conteúdos apresentados diz respeito às condições de produção - para além do que indicam os meios de comunicação radiofônico e televisivo, de linguagens específicas.

As programações do DCTV e do Prosa Rural são estruturadas por meio de editais, que objetivam dar transparência ao processo de seleção, de critérios pré-estabelecidos, e facilitar a logística de produção, que é descentralizada, além de denotarem o caráter institucional dos programas. Os editais (Anexos 1 e 2) indicam a possibilidade da apresentação de tecnologias, produtos e processos, mas os formulários de inscrição (Anexos 3 e 4) priorizam a apresentação de tecnologias, que além de estarem acessíveis ao público alvo, devem ter tido *resultados validados por instâncias técnicas*. Segundo os editais, a elaboração de roteiro, reportagem, produção das gravações, redação de releases fica sob responsabilidade de profissionais de comunicação.

Outro aspecto constitutivo da exterioridade – que funciona como interdiscurso - e afeta ambas as produções é a imagem da ciência que prevalece entre os jornalistas – formadores de opinião na medida em que atuam na produção, reprodução e circulação de sentidos. Estudo global de 2013, feito pelo Museu da Vida, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em parceria com a London School of Economics e o portal SciDev.Net revelou que, a maioria dos jornalistas acredita que seu principal papel é informar. (MOUTINHO, 2013). O estudo mostrou ainda que apenas 8% dos profissionais que fazem a cobertura da área acreditam que têm o dever de mobilizar a opinião pública e somente 3% entendem que devem defender os interesses da sociedade e vigiar o poder público.

Entusiastas da ciência, os jornalistas latino-americanos fazem uma cobertura mais positiva e menos crítica que os colegas europeus. O levantamento do perfil do jornalista de ciência foi realizado por meio de questionários junto a cerca de mil profissionais pelo mundo. Em entrevista

à repórter Sofia Moutinho (Ciência Hoje) uma das coordenadoras do estudo, Luiza Massarani, do Museu da Vida, declarou ter sido observado que, em detrimento dos riscos e impactos da ciência para os cidadãos, as notícias sobre ciência em jornais da América Latina focalizam mais os pontos positivos.

A percepção pública da ciência na sociedade brasileira, na qual os jornalistas se inserem, é a de “fonte de benefício para a vida do ser humano”, como apontou pesquisa de 2002/2003 (VOGT & CARMINO, 2003) realizada também na Argentina, Uruguai e Espanha que ofereceu indicativos sobre a visão do brasileiro em relação à atividade científica - embora as amostras tenham sido pouco representativas em termos estatísticos, como destaca a própria publicação.

O imaginário que envolve a prática científica revelado pelos dois levantamentos - corroborado pelos estudos que discutem a relação entre jornalismo e ciência (SILVEIRA & SANDRINI, 2013; NOVAES, 2008;) - encontra ressonância na missão que a Embrapa se propõe realizar. Conforme descrita no Plano Diretor da Empresa: *viabilizar soluções de pesquisa, desenvolvimento e inovação para a sustentabilidade da agricultura, em benefício da sociedade brasileira* (Embrapa, 2008). A apresentação do documento destaca ainda que a imagem da instituição é a de *uma empresa de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação – (PD&I) que desenvolveu uma agricultura tropical competitiva*. A percepção da ciência e a cultura organizacional desempenham papel preponderante no processo de constituição dos sentidos no que se refere ao trabalho da memória, o interdiscurso.

Nessa mesma direção cumpre lembrar que o programa DCTV estreou em 1998, em plena era FHC, do presidente Fernando Henrique Cardoso, quando a Embrapa investia no processo de internacionalização⁸ da empresa e no aumento de parcerias com o setor privado. O programa surgiu direcionado a “*diversos segmentos da sociedade – produtores rurais, pesquisadores, professores, estudantes, donas-de-casa, técnicos, empresários entre outros*”, conforme detalha o hotsite⁹ do programa no portal da Embrapa. Nas palavras da apresentadora Olga Vasoni, na

⁸: Decisão de criação de Laboratórios virtuais da Embrapa no exterior foi assinada em 24 de março de 1997, pelo então diretor-presidente Alberto Duque Portugal detalhes: <http://hotsites.sct.embrapa.br/pme/laboratorios-virtuais>. Sobre parceria privada: <http://www.embrapa.br/imprensa/artigos/1997/artigo.2004-12-07.2521181883/>).

⁹ <http://hotsites.sct.embrapa.br/diacampo/historico>

edição inaugural¹⁰ do programa, tratava-se do *lançamento de um novo método de transferência de tecnologia*.

Já o programa semanal de rádio que surge na primeira gestão do governo Luís Inácio Lula da Silva, ainda no ano 2003, foi criado em apoio à estratégia do Programa Fome Zero, patrocinado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome para *levar tecnologias aos jovens e pequenos produtores da região do semiárido nordestino*, conforme destaca o Manual de Produção e Edição do programa (MIURA, BELTRÃO, 2009). Posteriormente, o Prosa Rural foi estendido às demais regiões do País sempre voltado a segmentos da agricultura de perfil familiar, fator que está na base da motivação para a escolha do meio radiofônico na interlocução com o segmento. “*O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre*” (MIURA, BELTRÃO, 2009 p 19, apud FERRARETO, 2001, p. 97) lembra o Manual, citando definição para o veículo feita por um dos pioneiros do rádio no Brasil, Roquette Pinto.

O Gênero Discurso da Divulgação Científica

Com relação às circunstâncias de enunciação, destacamos que as duas produções da Embrapa têm como suporte veículos de comunicação de massa. No caso do DCTV, particularmente canais e/ou programas especializados e educativos, como informa a Empresa em seu portal na internet, onde os conteúdos encontram-se disponíveis, assim como os do Prosa Rural. Este último veiculado em emissoras comunitárias e comerciais do Brasil, com distribuição gratuita. Informações disponíveis no portal na internet da Embrapa apontam os objetivos e públicos-alvo das produções em vídeo e áudio, que seriam, respectivamente, “*tornar disponível os resultados dos trabalhos desenvolvidos pela Embrapa, em linguagem de fácil compreensão para um público diversificado*” (Embrapa, 2012) e “*disponibilizar informações para melhorar a vida das pessoas do campo*¹¹”. O Manual do programa radiofônico coloca como objetivo a divulgação da pesquisa científica e tecnológica nos seguintes termos:

Ele leva os resultados da pesquisa científica em linguagem fácil e regionalizada para o público, difundindo tecnologias que possam ser

¹⁰ <http://hotsites.sct.embrapa.br/diacampo/historico/dctv-10-anos>

¹¹ <http://hotsites.sct.embrapa.br/prosarural>

aplicadas nas propriedades rurais. Além disso, divulga a cultura local, na forma de cordel, música, conto e radiodrama. (MIURA, BELTRÃO, 2009 p. 33)

A descrição dos objetivos dos programas permite classificá-los no gênero Discurso de Divulgação Científica (DDC), caracterizado por Jacqueline Authier-Revuz como um “discurso de reformulação explícita”, baseado em um discurso fonte: o da ciência, resultando em um discurso segundo, destinado ao público leigo (AUTHIER REVUZ, 1998), o que já permite supor uma assimetria em termos de representação textual.

Vejamos, a seguir, como essas exterioridades conformam de modo semelhante os programas e se somam a outros aspectos observados e que dizem respeito a cada um em particular, colaborando para a produção de sentidos no vídeo “O cultivo da Mangabeira” e na edição do Prosa Rural dedicado ao tema “A conservação da mangabeira”.

2.1 O Cultivo da Mangabeira - DCTV

Ao buscar as marcas da categoria Discurso de Divulgação Científica na produção audiovisual “O cultivo da mangabeira” encontrou-se o seguinte:

- *“Um levantamento feito pela Embrapa em alguns estados do Nordeste mostra que os remanescentes de mangabeira já desapareceram de algumas regiões. Uma alternativa para disponibilizar a fruta no mercado em grande escala é ampliar a produção comercial com o plantio de mudas obtidas por sementes. (Locução em off - O cultivo da mangabeira, parte 2)*
- *“No Nordeste, a forma mais econômica e mais eficaz pra variedade que ocorre nessa região tem sido a produção por meio de semente , né. Esse tipo de propagação, ele também é eficiente quando a gente quer promover um aumento da variabilidade genética, principalmente em áreas já devastadas. A variedade de mangabeira que é encontrada aqui, no Nordeste, pelo fato do caule ser muito ... muito delgado, a gente não pode realizar enxertia como na variedade do cerrado, né ,de modo que nós recomendamos a produção de mudas a partir de sementes” (Pesquisador Josué Francisco Souza Júnior - O Cultivo da mangabeira parte 2)*
- *A produção das mudas deve ser feita quatro a seis meses antes do plantio definitivo. As sementes devem ser obtidas de plantas produtivas e livres de pragas e doenças para obter porcentagens de germinação superiores a oitenta por cento. As sementes devem ser*

retiradas de frutos sadios e maduros, frutos que estejam de vez também podem ser colhidos, mas a retirada das sementes deve ser feita após a maturação completa . Após a seleção dos frutos, começa o processo de retirada das sementes. Fique atento a cada a detalhe: Coloque os frutos numa peneira debaixo de água corrente e macere até a retirada de toda polpa e do látex. Seque as sementes, coloque sobre papel e deixe na sombra por 24 horas. (O Cultivo da mangabeira parte 2, Locução em off coberto com imagens do pesquisador demonstrando as etapas exatamente como o descrito)

- *Elas **devem ser** plantadas imediatamente ou, no máximo, em três dias, para garantir melhor germinação. Na hora do plantio das sementes **podem se usar** sacos de plástico com substrato arenoso, que é o ideal, ou areno-argiloso. **Evite** o esterco de curral porque provoca o aparecimento de doenças nas raízes. Os sacos de plástico **devem ser** furados para que o excesso de água esorra. **Coloque**, em seguida, o substrato. Use os dedos para fazer dois ou três buracos de um centímetro cada na superfície. Em cada um deles **coloque** uma semente e **cubra** com substrato. Os sacos **devem ficar** em canteiros - dentro de um viveiro com cobertura de palha ou sombrite. Cerca de 60 dias após a sementeira, o produtor **deve deixar** no saco apenas a muda mais vigorosa. (O Cultivo da mangabeira parte 2, Locução em off coberto por imagens de empregado uniformizado, mas não identificado)*

Os trechos foram destacados como pertinentes à análise dos discursos da ciência e iniciamos observando no material em questão por quais sujeitos é ocupada a função autor – que funciona como “princípio de unidade do texto, colocando imaginariamente o sujeito na origem do sentido e como responsável pela sua produção” (ZOPPI-FONTANA, 2012). Nos quase dez minutos do vídeo (somadas as partes I e II), fica escassamente evidenciado o lugar da mediação, devido a ausência de características que frequentemente marcam textos de divulgação científica. Faltam expressões como: *ou seja, mais conhecido como, é o chamado*, e não se identificam metáforas, apostos explicativos ou mesmo a “tradução” de terminologia da ciência para a linguagem do leigo, exceto no final da parte II do vídeo, quando no passo-a-passo do plantio das sementes algumas palavras técnicas como *descarte, substrato, arenoso, areno-argiloso, germinação* são justapostas imagens para facilitar a compreensão. O enunciado inicial: *Um levantamento **feito pela Embrapa***, é a única em que se dá a introdução de uma informação referenciada (terceira pessoa).

Trechos selecionados a seguir trazem, no entanto, marcas do discurso da ciência:

- *Nativa do Brasil, a mangaba é uma planta de porte médio, atinge de 5 a 10 metros de altura ... é encontrada nos tabuleiros costeiros e restingas do Nordeste e no cerrado...*
- *É na agroindústria que a fruta tem maior aceitação alguns dos motivos são o rendimento da polpa que chega a 94% e o sabor, que agrada a população.*
- *A mangaba é uma cultura essencialmente extrativista. No litoral do nordeste, onde a fruta é mais presente, as áreas remanescentes de mangabeiras vêm sendo destruídas e substituídas pela expansão imobiliária...*
- *O nome é de origem indígena e significa coisa boa de comer.*

Ressalta-se ainda que a fala do pesquisador Josué Francisco Souza Júnior, assim como as demais (catadora e empresária), não surge numa mediação com jornalista, que lhe solicite reformulações nos modos de dizer, por exemplo. Mas se dá como uma sequência alternativa à locução em *off*, havendo, portanto, uma indistinção entre as posições de onde falam o narrador e o pesquisador, ambos do lugar da ciência. Isso é verificado pelo uso da primeira pessoa do singular/plural: *quando a gente quer promover um aumento da variabilidade genética; a gente não pode realizar enxertia como na variedade do cerrado* e ainda *nós recomendamos a produção de mudas a partir de sementes*. Todos esses *a gente* e *nós* remetem ao lugar do especialista, do saber, da autoridade conferida à ciência pela ação da memória, no interdiscurso, como apontamos no início; também deixam à mostra o modo do fazer científico (investigar, constatar, recomendar).

Tais observações indicam que, estando pouco representada, a figura do divulgador enquanto mediador do diálogo da Empresa com a sociedade busca ser feito de forma direta, sendo a função autor preenchida com a imagem da própria pesquisa. Isso, no entanto, acontece até o ponto em que se passa da explicação à prescrição das técnicas, o receituário sobre como aplicar os resultados da pesquisa, mesmo quando circula fora dos contornos de um suporte de comunicação de massa.

Nas imagens, essa alteração está sugerida pela chegada do técnico uniformizado, mas sem identificação, que assume a etapa do cultivo das sementes. Em termos de texto, como marcas

discursivas, assinalamos a presença do verbo “dever”, próprio do discurso pedagógico, e do uso do imperativo: *evite, coloque, cubra* demonstrando estarmos já no território da difusão de tecnologia, que passa então a preencher a função autor. A mudança na função autor vai ser seguida de um deslocamento também no efeito leitor.

Todo texto produz um jogo de representações imaginárias que incluem, também, a imagem do leitor ideal previsto pelo texto. Essa configuração se dá por um mecanismo de antecipação (Pêcheux, 1969), pelo qual o autor projeta-se imaginariamente no lugar em que o outro o espera na sua escuta/leitura, organizando seu texto em relação à imagem que prefigura do seu leitor (ZOPPI-FONTANA, 2012)

No tocante ao leitor ideal do discurso da ciência, observemos a transcrição da fala da empresária, antecedida por mais uma locução em *off*, também transcrita abaixo.

- *Além da importância para a agroindústria é muito apreciada pelos nordestinos (...).Mesmo sendo uma das mais tradicionais e saborosas frutas do nordeste, a mangaba é pouco consumida in natura, por isso grande parte da produção é comercializada para fabricação de polpa, sorvete e suco. É na agroindústria que a fruta tem maior aceitação alguns dos motivos são o rendimento da polpa que chega a 94% e o sabor, que agrada a população. (O Cultivo da Mangaba Parte I - locução em off)*
- *“A industrialização da mangaba é uma atividade agroindustrial muito importante porque ela agrega valor econômico à fruta ela representa na nossa empresa uma venda de 23% no valor de é... no total de 20 sabores que nos possuímos, então ela além de ser muito aceita no mercado pelo seu cheiro, pelo seu sabor ela é muito aceita na... principalmente na região nordeste tem uma aceitação enorme e ela tem também um grande rendimento, o que é bom tanto pros produtor de polpa de fruta como para aqueles que a consomem ou a utilizam pra fazer sucos, sorvetes Então a mangaba é um produto que tem um valor econômico muito expressivo” (O Cultivo da Mangabeira Parte I – Empresária Glícia de Carvalho Aragão, a partir de 1,35’ por 52s)*

Vale ainda a descrição das imagens que acompanham os trechos citados acima. O texto da locução em *off* (5) é acompanhado das seguintes imagens:

- Mulher sai de automóvel parado na estrada para comprar mangaba
- Câmera aproxima imagem da barraca onde os frutos são oferecidos e mostra que a vendedora é uma mulher, focalizando também as latas cheias do fruto sendo escolhidos pela consumidora/cliente.
- Um corte nos leva para ambiente industrial, onde há uma funcionária de avental, luvas, touca e máscara de cor branca sob fundo branco das paredes. Ela despeja mangabas em equipamento semelhante a enorme liquidificador de alumínio, que contrastam com as vasilhas que acondicionavam os frutos na estrada.
- Cena continua no ambiente industrial, suco e fruto surgem sendo despejados em vasilhas por mãos enluvadas.
- Outra máquina despeja saquinhos contendo o que parece ser o suco da fruta e, em seguida, o líquido surge agora no interior de um jarro – sustentado por mãos que portam pulseiras e relógio femininos em lugar das luvas - sendo despejado num copo. A sequência parece remeter à trajetória da fruta do processo de industrialização à mesa do consumidor

Já a empresária de Aracaju, Glícia Aragão, aparece identificada e encontra-se em ambiente externo. Dali fala para a câmera, que a tem em foco. Ela usa óculos, colar e porta uma caneta numa das mãos enquanto fala. O fundo, embora emoldurado por uma espécie de palmeira, deixa ver que o lugar de onde fala não é o campo, ambiente que contrasta com o das catadoras.

Pontos de contato entre os discursos da equipe de pesquisa/empresária:

Pesquisa	Empresária
<i><u>plantas produtivas</u></i>	<i><u>agrega valor econômico</u></i>
<i><u>germinação superior a 80%</u></i>	<i><u>venda de 23%</u></i>
<i><u>aumento da variabilidade genética</u></i>	<i><u>aceita no mercado</u></i>
<i><u>forma mais econômica e mais eficaz</u></i>	<i><u>grande rendimento</u></i>
<i><u>rendimento da polpa chega a 94%</u></i>	<i><u>a mangaba é um produto</u></i>
<i><u>agroindústria que a fruta tem maior aceitação</u></i>	<i><u>valor econômico muito expressivo</u></i>

A sintonia entre os discursos da ciência e do empresariado guarda relação com o que a pesquisa entende como o problema solucionável por seu intermédio, aquele de ordem técnico-econômica, conforme explicitado abaixo:

Problema: *Um levantamento feito pela Embrapa em alguns estados do Nordeste mostra que os remanescentes de mangabeira já desapareceram de algumas regiões. Outro problema é a falta de plantios comerciais para a exploração racional*

Solução: *Uma alternativa para disponibilizar a fruta no mercado em grande escala é ampliar a produção comercial com o plantio de mudas obtidas por sementes.*

Problema e solução, como se verifica, correspondem às expectativas que, por sua missão, a empresa se propõe atender. Mas se o discurso da ciência no vídeo encontra maior ressonância no discurso do empresariado, tocando apenas lateralmente na problemática que afeta os/as coletores/as, o discurso didático da difusão de tecnologia antecipa uma posição leitor que pode ser ocupada pelas/os catadoras/es. Além de marcas como o já assinalado uso do imperativo, é importante destacar ainda o passo-a-passo da técnica de plantio de sementes.

Presença e Ausência

O silêncio é preche de sentidos. Ao tratar o silêncio de modo a incluí-lo na perspectiva analítica do discurso, não pensamos o silêncio místico, nem o silêncio empírico, mas o silêncio que tem sua materialidade definida pela relação estabelecida entre dizer e não dizer.(ORLANDI, 2008)

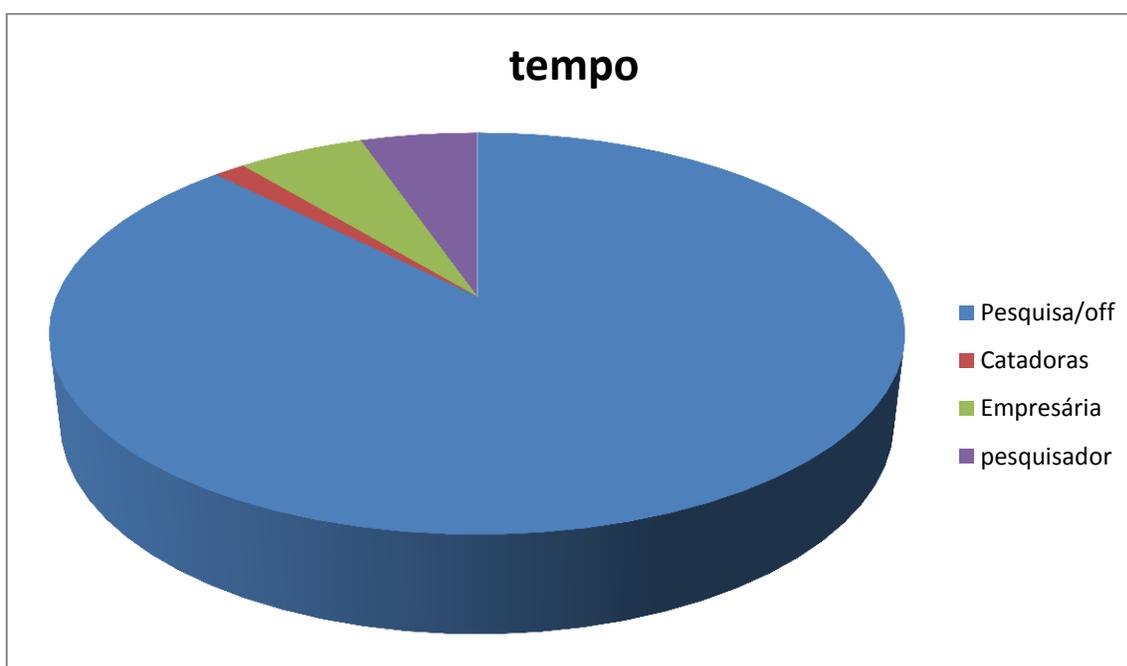
Em jornalismo, a importância de um tema/personalidade veiculado no meio televisivo é dimensionada, basicamente, pelo tempo que lhe é dedicado e como (localização/destaque: favorável, neutro ou negativo), além do conteúdo. Os 9 minutos e 50 segundos do vídeo, entre partes I e II foram ocupados da seguinte maneira:

Catadoras (total de 13 segundos) – a) Parte I inicia com mulher não nominada que declama trecho de música por 4 segundos, caminhando por entre mangabeiras **b)** aos 4,16' da Parte II catadora creditada como Edvânia Moraes dos Santos, no quintal de sua casa, fala por 9 segundos sobre a importância da mangaba no sustento da família.

Empresária (52 segundos): Glícia de Carvalho Aragão, inicia fala aos 1,35' da Parte I, destacando aspectos econômicos da atividade agroindustrial.

Pesquisa/pesquisador (total 8'45) - Entre locuções em off e pesquisador (por 48') tendo como objeto do discurso os resultados da pesquisa/técnica do cultivo

Quadro de distribuição do tempo no vídeo Cultivo da Mangabeira



Além da forma como o tempo do vídeo foi distribuído entre os segmentos, outro aspecto a observar é o uso persistente de verbos no imperativo e os enunciados em forma de receita (pressupondo que uma técnica de cultivo possa ser adotada indistintamente em qualquer circunstância, desde que se sigam as instruções, pois parte-se do pressuposto de que se fala para um público homogeneamente constituído), aliados aos dados sobre o tempo concedido às posições sujeito representadas na produção audiovisual, vão dando mostras sobre como silêncio e silenciamento se expressam no discurso da empresa de pesquisa. Os traços observados indicam quais significados estão sendo postos a circular e delineiam a relação que prevalece entre os interlocutores.

Há textos/gêneros em que a reversibilidade entre os interlocutores tende a zero (...) e uma imagem única e homogênea do objeto de discurso é imposta por um dos interlocutores ao outro como se fosse evidente por si mesma. Esse funcionamento é caracterizado por Orlandi (1987) e por Bakhtin (1988[1934-35/1975]) como o de um discurso autoritário (ZOPPI-FONTANA, 2012).

Na produção audiovisual, a pesquisa está na posição da autoridade, do saber organizado que se ocupa da problemática técnico-econômico-científica vinculada ao cultivo da mangabeira e, dessa perspectiva confere agência à fruteira. E qual posição, no vídeo, é reservada aos/às catadores/as de mangaba e aos seus modos de construção dos saberes? E como estão representados os conflitos agrários que a atividade envolve?

Os trechos selecionados a seguir ajudam a visualizar a posição de passividade reservada às catadoras, que não protagonizam, mas recebem as ações:

- *Mas é no Nordeste que a mangaba está diretamente envolvida com a cultura popular;*
- *Além da importância para a agroindústria é muito apreciada pelos nordestinos;*
- *A mangaba é uma cultura essencialmente extrativista;*
- *Perda da fonte de renda para centenas de famílias;*
- *Uma das comunidades contempladas no trabalho da Embrapa;*

Além da pesquisa, é a mangaba que tem agência no discurso da ciência (trechos sublinhados). É a fruteira que *está diretamente envolvida* com a cultura popular e *é muito apreciada* pelos nordestinos - não são os nordestinos que a apreciam. As/os extrativistas surgem como personagens da narrativa do outro, não como sujeitos de uma prática. Não falam, mas são ditas. As famílias são as “beneficiárias” da pesquisa e o problema das comunidades está restrito à dimensão econômica: uma questão de *renda*. Vale ainda observar, que embora a extração da mangaba seja uma atividade predominantemente feminina (MOTA et al, 2011), estando essa percepção representada nas imagens escolhidas para cobrir a locução em *off* (as mulheres e crianças que aparecem na paisagem que abriga a fruteira), o texto refere-se apenas **aos catadores**.

Para a pesquisa, conforme o vídeo, os problemas são de ordem técnica e econômica e são vistos sob a perspectiva da cultura da fruteira, sendo que a dimensão humana dos conflitos aparece sempre de forma lateral.

- *“No litoral do nordeste, onde a fruta é mais presente, as áreas remanescentes de mangabeiras vêm sendo destruídas e substituídas pela expansão imobiliária, pelos criatórios de camarão, pela cana-de-açúcar e de coqueirais. Todos esses fatores constituem uma ameaça à preservação da fruteira o seu desaparecimento significará a perda da fonte de renda para centenas de famílias..”*

Observa-se que a questão principal em foco no trecho acima põe em primeiro plano a ameaça sofrida **pela fruteira**. Desse modo, na produção audiovisual, a questão social/agrária é sobrepujada pela dimensão técnica-ambiental. O texto diz à sociedade que as mangabeiras vão desaparecer. Não são as famílias que chegam para dar significado humano à “perda de fonte de renda”. No lugar desses sujeitos, a locução em *off coberta* com imagens/paisagens de criatórios de camarão e coqueirais descreve a ameaça à preservação da fruteira.

Mulheres Mangabeiras – O documentário

Com o objetivo de melhor observar a relação discursiva mantida pela pesquisa com seus interlocutores no caso do vídeo *O cultivo da mangaba* buscamos um contraponto no documentário *Mulheres Mangabeiras* (LIBERATO, 2011), com duração de 32’, realizado pela Associação das Catadoras de Mangaba de Indiaroba/SE (Ascamai), que igualmente trata da cultura da mangaba, mas foi produzido com base em diferente formação discursiva – que, segundo Eni Orlandi, “se constitui na relação com o interdiscurso (memória do dizer), representando no dizer as formações ideológicas” (ORLANDI, 2004)

Disponível no portal da associação e acessado também via *Youtube*, a narrativa do documentário - diferentemente do que acontece com o vídeo - é delineada predominantemente pelas falas das catadoras, exceção dada a um indígena e uma criança. Todas as catadoras aparecem nominadas, o mesmo não acontecendo com o garotinho e com o indígena. A narrativa praticamente dispensa locuções em *off*, que abundam no vídeo, mas no documentário aparecem em menor número de

vezes e substituídas por canções sobre a vida das extrativistas, aspectos que reunidos as colocam na posição de agentes.

Embora o objetivo aqui não seja nos determos em todos os aspectos do discurso das catadoras representados no filme, destacaremos fragmentos textuais que colaboram para a compreensão do discurso da ciência como dado no vídeo *O cultivo da mangabeira*. Em primeiro lugar, veremos em dois trechos como as catadoras cuidam e recomendam cuidados à mangabeira :

- **Maria Aparecida** : *“...as pessoas vem de fora, tiram a casca da mangaba, tiram demais... porque se tirá um pouquinho ela nasce novamente, mas se tirá demais ela morre, aí tiram.. quer dizer que, né, aí sai aquele leitezinho dela todo... como se fosse o sangue dela”*
- **Dona Lau**: *“porque dando um tairo assim como eles qué dá pra tirá o leite, eles mata, e eles cortando assim... só não corte pra topá na madeira mesmo, só corte pra deixá ainda um pouco do casquinho dela, porque ela vai engrossando, vai crescendo e aquilo vai tapando, vai tapando de novo, se cortá até chegá na madeira mesmo: mata.”*

Aos 31’51”, dona Valdice, que aparece sentada na área externa de uma casa, dá detalhes sobre o cultivo da mangabeira, segundo sua experiência acumulada:

- *“ A mangaba quando ela vem nascendo a raizinha do chão, né, se você pranta o caroço ela não é muito boa; agora, se você pega o pezinho dela quando vem assim (mostra o tamanho com a mão), cave por baixo que não sinta a raiz em baixo, tá entendendo? Você passa assim um metro, um metro e meio e prante de um pro outro, tá entendendo? Prante de um pra outro e vá zelando ela. Ela só não se une muito com água, com água ela não se une muito não, que num lugar que ela pega muita água, ela morre ... E aí você vai tratando da mangaba ... que aí ela vai abrindo, vai desganhando o olho, é olhinho praqui olhinho pracolá....aí tá na hora de você tratar da mangaba. Muitos pés se também... se for prantado... se for pra você pegá três carocinho de mangaba não prante você, que você já tá velha, mande um garotinho, menininho ... Porque o menino botando a mangaba no chão, a mangaba logo nova nasce, logo nova ela bota o caroço...”*

Aqui foi possível observar que, assim como o pesquisador/técnico, as catadoras fazem uso de uma fala didático descritiva, em especial a descrição metodológica – “aquela utilizada para

explicitar métodos”. (ORLANDI, 1989, p.120) Todo um procedimento técnico também é descrito passo a passo pelas extrativistas, em linguagem metafórica com base na descrição de um saber vivenciado na tradição e que não foi representado no vídeo de divulgação científica.

Mas para avaliar como o discurso do saber produzido pela ciência está significado em termos de memória no discurso da comunidade tradicional destacamos inicialmente dois trechos da fala de uma liderança da associação, Alicia Moraes:

- *(dos 9’49”/11’45”): “A partir do trabalho dos pesquisadores da Embrapa, eles fizeram com que **a gente** entendesse que **nós somos** catadoras de mangaba e temos um valor e que **a gente** tinha que ser reconhecido como **catadoras** (...) Então **a gente** começou a se reunir(...) e a partir daí **a gente** junto com **eles** (...) **a gente fundou** o movimento catadoras de mangaba*
- *“... junto com a professora Sônia Meire da Universidade Federal de Sergipe ela veio aqui, conheceu **a gente** e fez cursos de capacitação também com **a gente** (...) a professora Sônia Meire (...) ajudou a elaborar estatuto, (...) **elaboramos** o projeto e foi aprovado no programa de desenvolvimento da cidadania da Petrobras”*

Vale ainda adicionar, para efeito da análise do interdiscurso, a fala de duas outras catadoras:

- **Dona Ilsa - Japuratuba/SE: 5’56”** - *muita gente aqui não deu o nome que apanhava mangaba porque **achava que era uma coisa de pobre...***
- **Dona Ninha – 5’21”** : *A gente usava mais na semana santa pra fazer o suco pra o almoço assim do meio dia e através duma **pesquisa** aí nós vimos que mangaba dá muita coisa muita coisa gostosa aí nos **fizemos o curso** (...) e hoje em dia eu sou conhecida como catadora de mangaba **tenho muito orgulho.***

É interessante observar que o imaginário da ciência enquanto lugar da autoridade, da relevância e da credibilidade mantendo-se como interdiscurso assume dimensão diversa, significa diferentemente em novo contexto.

O uso abundante do *a gente* e da primeira pessoa do plural, indica estar em ação um nome de autor coletivo, legitimando-se na auto nomeação “catadoras de mangaba”, que assume status de manifesto em que se busca romper com a identificação negativa historicamente constituída (do atraso e resistência ao novo, saber ultrapassado e predominantemente ligado à credence) criando

uma outra positiva (representação legal, agentes da conservação ambiental), ponto em que as trabalhadoras contaram com a chancela da academia. Não mais na direção do silenciamento do que seja a posição sujeito ocupada pelas catadoras de mangaba, mas no estímulo à prática de resistência contra esse lugar sem direito à voz; saindo da vergonha em direção ao orgulho.

O vídeo *O Cultivo da Mangabeira* apresenta uma relação entre interlocutores de dominância autoritária em contradição com aquela que transparece no discurso das catadoras no documentário assinado pela entidade que as representa. A fala da líder das trabalhadoras mostra momentos em que a interlocução do movimento com a academia foi de respeito mútuo e de quase simetria. (...) “*e a partir daí a gente junto com eles (pesquisadores) fundamos o primeiro encontro das catadoras...*” E ainda: “*com a professora Sônia Meire ajudando, e ajudou a elaborar estatuto...*”

O diálogo pesquisa-catadoras deixou marcas no discurso das extrativistas. Destaca-se da fala das mulheres uma pesquisa agropecuária de prática diferenciada daquele discurso da pesquisa, permeada por formações discursivas diversas, que segundo depreende-se seriam responsáveis por incorporar a dimensão do humano (e complexidades inerentes) ao embate da agronomia com a natureza, provavelmente funcionando na abertura de canais de diálogo. No discurso das catadoras identifica-se ainda a dimensão da ecologia, que lhes revelou o status de agentes da conservação ambiental, papel valorizado atualmente.

2.2 A conservação da mangabeira – Prosa Rural

A análise do vídeo mostrou que o título da produção - *O Cultivo da mangabeira* - indicava já o leitor ideal da mensagem: não apenas quem se interessasse pela adoção da técnica de cultivo, mas, principalmente, detivesse terra disponível para fazê-lo - deixando de fora do alvo da mensagem, por consequência, a maioria das catadoras de mangaba, desprovidas do bem. Já a produção em áudio, por outro lado, ao optar pelo título *A Conservação da mangabeira*, conforme veremos com detalhes mais adiante, amplia desde cedo o público de interesse alcançando segmentos diretamente afetados pelo debate, mas também quem sequer conheça a fruteira, porém esteja atento a temas relacionados ao meio ambiente – aspecto também ligado à circunstância de anúncio, pois, embora o programa tenha sido distribuído para veiculação em emissoras de

rádio da região Nordeste e Vale do Jequitinhonha em 2011, o áudio encontra-se disponível no portal da internet da Empresa.

Conforme observado anteriormente, por seus objetivos o programa Prosa Rural pode ser classificado no gênero DDC, cujas marcas de reformulação são visibilizadas ao longo da produção, como demonstram os trechos a seguir:

Apresentador: o pesquisador explica que algumas atividades econômicas podem acabar causando o desaparecimento da mangaba

Pesquisador: ... essas áreas apresentam turismo muito intenso, com grande exploração imobiliária: (traduzindo) construções de casas de veraneio, condomínios, rodovias. E, além disso, a construção de viveiro de camarão e o cultivo cana-de-açúcar e grãos também são responsáveis pelo desaparecimento da mangaba de muitas regiões, como é o caso de regiões da Paraíba e Alagoas...

Pesquisador: para nós (pesquisa), é uma das mais eficientes e menos dispendiosas formas de conservação

Apresentadora: ... ele (pesquisador) explica também como o trabalho de pesquisa aliado ao conhecimento das comunidades tradicionais pode evitar que isso (desaparecimento da mangaba) aconteça.

Maneco: segundo informações, no Brasil, 17 Estados são produtores de mangaba.

Repórter ao pesquisador: mas a Embrapa já desenvolveu um sistema de cultivo da mangabeira?

No DCTV o lugar da mediação foi praticamente apagado em favor do efeito de interlocução direta Embrapa-sociedade. Aqui, não existem *offs*, pois se trata de programa radiofônico, mas a

função autor também preenchida pela Empresa foi feita por meio de uma multiplicidade de “representantes”.

As marcas da reformulação, que identificam o DDC remetendo ao discurso primeiro da pesquisa, não aparecem somente nas falas da repórter e de âncoras, mas pontuam o diálogo dos *compadres*, do pesquisador e da técnica que procuram traduzir para linguagem mais simples e de forma coloquial os dados levantados pela pesquisa. O artifício da mediação múltipla faz com que o discurso de reformulação não se apresente tão ostensiva ou explicitamente, evitando o tom professoral. Colabora nesse sentido o formato do Prosa Rural, estruturado em quadros reservados a entrevistas (*Um dedo de Prosa*); receitas ou dicas (*Pitacos da Hora*); poesias, músicas e “causos” (*Favas contadas*); depoimentos de produtores (*Fala, produtor - a voz da experiência*), serviço ou dicas de cidadania (*Ao pé do ouvido*) e ao radiodrama (*Um dedo de prosa ou Favas Contadas*). Esses blocos podem ter conteúdos adaptados de acordo com cada edição.

Na edição em foco, figuraram cinco blocos, sendo três deles dedicados a entrevistas: com dois membros da equipe de pesquisa, em *Um dedo de Prosa* (Josué Francisco Souza Jr. e Raquel Fernandes), e com a representante das catadoras de mangaba de Sergipe (Edilma Alves Moura), no *Fala, Produtor*.

No lugar do *off* está a dupla de âncoras, que apresentam o programa, Ilka Oliveira e Dílson Santafé, que por vezes fornecem informações sem citação de fonte. O apresentador, por exemplo, afirma: *no estado de Sergipe, por exemplo, minha terra, mais de 90% da mangaba comercializada no Sergipe é retirada de áreas nativas*, ancorado no fato de o programa levar a assinatura da empresa de pesquisa agropecuária, como fosse evidente que a fonte e o endosso da informação tivesse como origem a Embrapa – destacada como instituição produtora do programa nas vinhetas de abertura e encerramento do programa.

A figura de repórter mediando a interlocução da pesquisa com o público do programa está resgatada na edição do Prosa pela jornalista Sayonara Marinho, responsável pelas entrevistas em que solicita esclarecimentos sobre resultados da pesquisa, do lugar de enunciação ocupado pela própria pesquisa como indicam os usos de *a gente* e do *eu fiquei sabendo*, embora neste último

caso figure a primeira pessoa do singular e não do plural – uma busca do coloquial em favor da empatia com a entrevistada e com o público:

Agora a gente vai conversar um pouquinho com Edilma, que é membro do Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe

Edilma, eu fiquei sabendo que as catadoras de mangaba têm um hino...

A mediação surge mesmo no quadro Favas contadas, já que a poesia foi escrita e é declamada por empregados da instituição, indicando mais uma vez ser este o lugar de enunciação. Como também na fala dos membros da equipe de pesquisa:

Pesquisador: A conservação da mangabeira realizada pelas catadoras de mangaba, para nós (pesquisa), é uma das mais eficientes...

Técnica: ... nós, técnicos, visitamos as catadoras de mangaba em todo Brasil para obter informações iniciais: quem são, onde vivem, o que fazem... Com o passar do tempo sentimos a necessidade de reuni-las para elas conversarem entre elas, trocar experiências e listar as principais ameaças e demandas.

Pesquisador: nós, pesquisadores, aprendemos muito sobre os tipos de frutos de mangaba, entre outras coisas. E as catadoras sobre como produzir mudas de mangabeira.

O radiodrama, por sua vez, é protagonizado por dois personagens masculinos, Os amigos conversam (dos 9'41" aos 13'15") sobre a mangabeira e a problemática da perda de remanescentes da fruteira trazendo alguns dados adicionais, mas basicamente atuam reforçando informações já vistas ao longo do programa¹². Antes de introduzir novas informações, o compadre aparentemente mais instruído diz coisas como: *segundo informações, ficou comprovado*, implicitamente chamando a autoridade da pesquisa para imprimir confiabilidade aos dados, ainda que sem citar a Empresa, já que é um personagem fictício.

Cabula, um dos compadres – como eles se denominam – realça o jeito nordestino de sua fala, simulando ainda o linguajar campesino. Ele demonstra respeito por Maneco, que deixa o sotaque

¹² Estratégia comumente utilizada em transmissões radiofônicas, em que o público não tem a possibilidade de rever as informações, como nos jornais, ou não contam com imagens para fixar a mensagem.

menos à mostra. É este último quem repreende Cabula lembrando-o de sua idade, na introdução do quadro, que busca tirar graça do duplo sentido criado pela ênfase de Cabula ao cheiro e gostosura **da** fruta, elogio confundido pelo amigo com a referência a uma mulher. “*Não tá vendo que nessa altura do campeonato o senhor não tá mais com esse apetite todo, homem?*”, diz Maneco.

O compadre desfaz a confusão e aproveita para lembrar que as qualidades do fruto *têm gerado muita renda na região*, no que recebe a concordância do amigo que detalha: *é verdade, a mangaba, além de ser muito apreciada, tem dado uma grande colaboração para melhorar a renda da população dos estados produtores*. E segue tirando dúvidas de Cabula que, *para não ficar parecendo fuxico*, pede informações adicionais sobre os estados produtores. É também Maneco quem cita legislação que transformou a mangabeira na árvore símbolo de Sergipe, fornecendo número da lei e data de criação.

O Papel Conservacionista das Catadoras de Mangaba

O viés da conservação, como o título anuncia desde cedo, é o que dá o tom de todo o programa e permite explorar a problemática das catadoras embora ainda de forma anexa à ambiental. A principal diferença em comparação com o vídeo do DCTV, que igualmente trata de aspectos relacionados à perda de remanescentes da mangabeira, é que o caráter socioambiental do problema ganha realce, fazendo com que o protagonismo das extrativistas seja exaltado no discurso da pesquisa.

Isso se dá, em parte, pela forma central como o papel positivo do agroextrativismo na conservação dos recursos naturais é apresentado. Como se verá a seguir no depoimento do pesquisador, ressaltando aspecto que não figurou no vídeo: o saber das comunidades tradicionais.

A conservação da mangabeira realizada pelas catadoras de mangaba, para nós, é uma das mais eficientes e menos dispendiosas formas de conservação uma vez que essas comunidades, em grande parte, dependem da preservação desses recursos para garantir a sua própria sobrevivência. As catadoras detêm grande volume de informação que são passados de geração a geração há muitos séculos (Pesquisador)

... na verdade há uma troca de informação sobre o ponto de vista científico e popular com ambos os grupos se beneficiando... Por exemplo, nós, pesquisadores, aprendemos muito sobre os tipos de frutos de mangaba, entre outras coisas. E as catadoras sobre como produzir mudas de mangabeira. (Pesquisador)

É importante observar que são as catadoras e seus conhecimentos que chegam para dar significado ao termo *conservação* no contexto apresentado pelo pesquisador.

A mudança de olhar sobre o problema da fruteira chega acompanhada da introdução de uma nova formação discursiva, além daquela do engenheiro agrônomo, para falar sobre o trabalho realizado junto às comunidades extrativistas, Embora parta de um mesmo lugar de enunciação, a Embrapa, parece chegar de uma nova posição sujeito, no entanto não claramente delineada.

O programa abre espaço para a técnica responsável pela comunicação da pesquisa, a analista Raquel Fernandes, chamada pela repórter a apresentar aspectos situados para além da solução tecnológica. A âncora do programa anuncia a participação da convidada - aproveitando para uma deferência às catadoras em reforço ao tom favorável do programa à atividade das mulheres - sendo seguida pela repórter que reitera a missão da instituição e da ciência: oferecer soluções de pesquisa em benefício da sociedade. Os trechos transcritos a seguir correspondem à segunda parte do quadro *Um dedo de prosa*, que foi dos 8'7" aos 9'45":

Âncora: Raquel Fernandes fala sobre os **benefícios que a pesquisa** trouxe às catadoras de mangaba, essas bravas mulheres nordestinas...

Repórter: Qual a **importância das pesquisas** na organização dessas mulheres?

Raquel: (...) Por Sergipe ser o maior produtor de mangaba do Brasil, **nós realizamos** lá o primeiro encontro das catadoras, isso ocorreu em 2007. E lá iniciou-se uma organização dessas mulheres que hoje é o Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe

A repórter insiste no relato dos benefícios do trabalho: *E o que isso significa pra essas mulheres?*

Raquel: *O movimento significa a união desse grupo de mulheres, busca preservação de seus modos de vida. Por meio do movimento elas tiveram acesso ao Ministério Público Federal, parlamentares, políticas públicas como o Plano de Aquisição de Alimentos do Governo Federal.*

Ao contextualizar o surgimento do MCM a analista de comunicação dimensiona o nome coletivo Catadoras de Mangaba, apresentando outra faceta do trabalho da pesquisa. Aquela que ao lado da *conservação da mangabeira*, das declarações do pesquisador, coloca a *preservação* dos modos de vida das mulheres; sem descrevê-los, no entanto, ficando a problemática das mulheres, no programa, subordinada à atividade produtiva/ extrativista. Na entrevista da representante do movimento, Edilma Alves Moura - posicionada no primeiro bloco do programa, *Fala, produtor*, único da edição em que ouvimos a *voz da experiência da brava nordestina* - há somente a letra do hino, que traz elementos ligados à atividade. À extrativista foram concedidos 1'05”:

Repórter: (...) *Edilma, qual a importância da mangaba pra você?*

Catadora: *Pra mim a mangaba é quase tudo, pois é da mangaba onde eu tiro o meu sustento. A mangaba é uma fruta gostosa todo mundo quer, por isso dá dinheiro.*

Repórter: *Edilma, eu fiquei sabendo que vocês, as catadoras de mangaba tem um hino, você poderia recitar um pedacinho dele pra gente?*

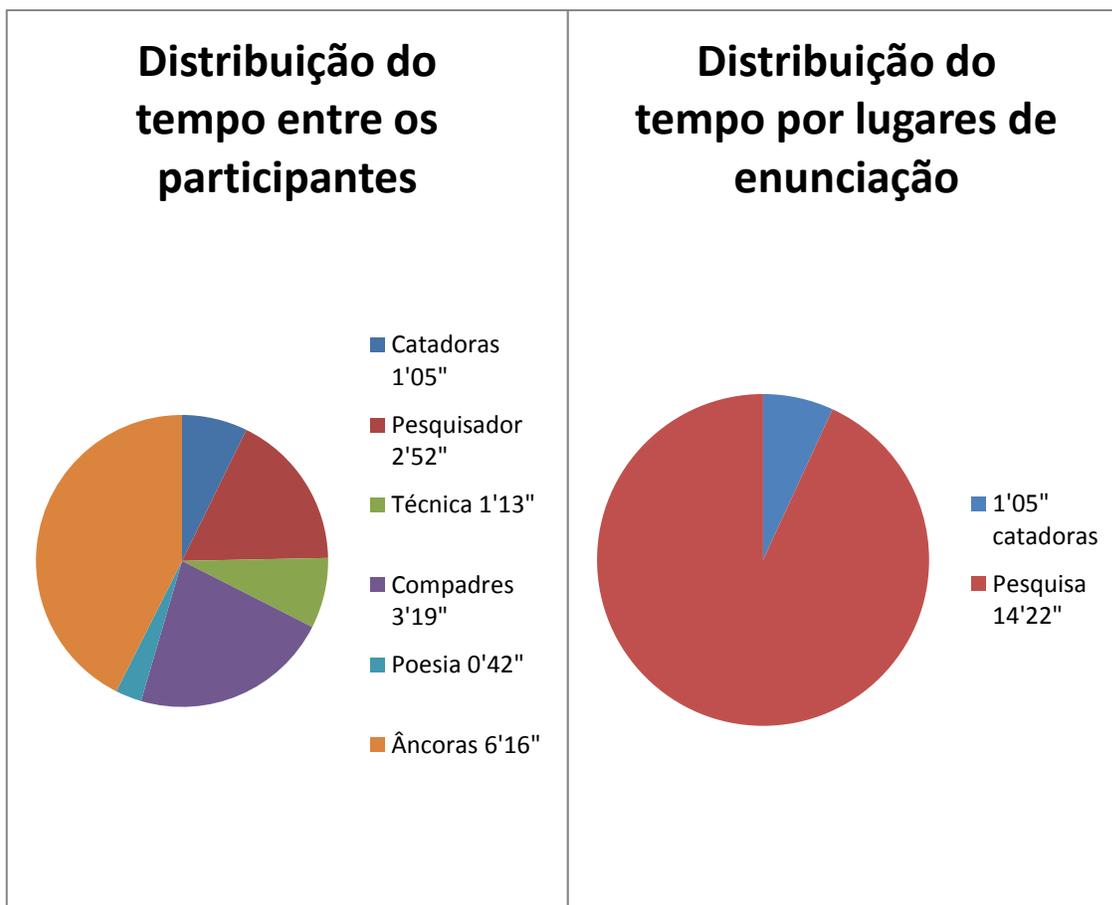
Catadora: *Claro, Sayonara. Vamos catar mangaba, vamos encapotar, no galho da mangabeira onde eu vou me balançar. A mangaba é fruta boa pra gente chupar. O suco e o sorvete é um grande paladar. Catadoras! Catadoras! Vamos se ajudar pegando nossos ganchinhos para mangaba tirar.*

É a dupla de âncoras que tenta dimensionar o significado do gesto de elaboração do hino - confundindo, no entanto, o alvo da homenagem:

- *Nossa, um hino em homenagem à mangaba...* (Ilka)

- *Pra você ver a importância que essa fruta tem para as pessoas que trabalham com extrativismo em Sergipe!*(Dilson)

Neste ponto, mais uma vez, recorreremos à contagem do tempo concedido a cada participante ao longo dos 15 minutos e 27 segundos do programa, desta vez observando também os lugares de enunciação em destaque na produção:



Catadora (1'05 – de 2'07" a 3'02") Pesquisador (2'52" – de 3'54" a 6'46"), técnica (1'13" – de 8'25" a 9'38"), compadres (3'19" – dos 9'53" aos 13'12"), poesia (0'42"- dos 7'21" aos 8'03"), âncoras/vinhetas (5'35" – ao longo do programa) e repórter, todos enunciam da perspectiva da pesquisa, que assume a função autor, ficando com a quase totalidade do tempo.

Constata-se desse modo que, apesar da diversidade de participantes, os lugares de enunciação representados no programa são apenas dois: o da pesquisa e o do extrativismo, que estão em sintonia. Mas a exemplo do que ocorre no vídeo do DCTV há a opção por imagem homogênea do objeto de discurso imposta por um dos interlocutores: a pesquisa.

Ao longo do programa radiofônico foram postos a circular sentidos de estímulo e defesa à atuação das catadoras de mangaba na exploração da fruteira. Assim, nesse ponto, a imagem do leitor ideal do programa de rádio pode ser preenchida pelas catadoras de mangaba, já que a solução para o problema de ordem ambiental passa pela valorização do trabalho das catadoras: *uma das mais eficientes e menos dispendiosas formas de conservação*, conforme assegura o especialista em conservação de fruteiras nativas do Nordeste.

No entanto, é preciso observar que a posição sujeito ocupada pelas catadoras continua sendo basicamente objeto do discurso do outro: a pesquisa. São *faladas* mesmo quando falam porque no direcionamento das perguntas feitas à representante do MCM esteve a repórter - cujo setor de comunicação foi responsável pela elaboração do roteiro da edição. O conhecimento popular acumulado e o protagonismo das catadoras são exaltados na produção radiofônica, enquanto eram apenas lateralmente tratados no DCTV, mas sua problemática ainda é vista de fora, da perspectiva da pesquisa. Isso pode explicar porque o programa optou por focalizar de modo simplificado e genérico os segmentos com os quais as mulheres travam embate cotidiano.

Não podemos deixar que nossa cultura, nossos hábitos e costumes caiam no esquecimento por conta de meia dúzia de pessoas que não tão nem aí pra beleza de nossas árvores e pra gostosura dos sabores de nossas frutas. (Maneco)

A opinião está na fala da personagem do radiodrama, Maneco. Ele ressalta que a preocupação com o desmatamento *deve* incomodar aos que *pensam no futuro da humanidade*, conclamando a

união de todos em favor da *justiça, punindo os infratores*. Âncoras finalizam o programa concordando com a fala do personagem e informando os contatos da unidade responsável pela pesquisa aos interessados na conservação da mangabeira por mulheres extrativistas.

Ficou faltando precisar quem seria a *meia dúzia de pessoas* para cujo *descaso com o futuro da humanidade* o personagem pede punição. Devem estar entre eles segmentos envolvidos na especulação imobiliária que ameaça áreas nativas de mangabeira, referidos pelo pesquisador.

O Silêncio no discurso da conservação

A técnica de produção de mudas - oferecida, no vídeo, como principal produto do trabalho da pesquisa - aparece, no programa sobre conservação da árvore, por especial intervenção da repórter – que pergunta ao pesquisador: ... *mas a Embrapa já desenvolveu um sistema de cultivo da mangabeira?* - possivelmente atenta ao que pede o edital do Prosa Rural, cujo formulário de inscrição privilegia e reitera a importância da descrição de tecnologia e seus benefícios como conteúdos do programa. O pesquisador responde:

... existe um sistema de produção direcionado para quem quer cultivar mangaba, **mas** é importante preservar as áreas naturais, pois é nessas áreas que são mantidas a biodiversidade e os recursos genéticos e onde a mangabeira pode evoluir de forma natural. Nessas áreas são **também** onde comunidades de catadoras retiram seu sustento (Pesquisador)

O sistema de produção desenvolvido e que foi o foco prioritário do DCTV, dedicando metade do programa à descrição da técnica a ser difundida, aparece no Prosa Rural com direcionamento restrito àqueles que “querem” adotá-lo, não se detendo no detalhamento da técnica. Ela surge, agora, ao lado de uma adversativa: *mas é importante preservar as áreas nativas*, como houvesse limite para a compatibilidade entre o cultivo e a preservação e o pesquisador se posicionasse em favor da última. Assim como aconteceu com a informação de ordem técnica, ficaram de fora informações econômicas sobre produtividade que, no vídeo, marcaram o discurso da pesquisa e da representante da agroindústria. Análise que nos leva a outra observação: a ausência de representante da posição sujeito ocupada pelo empresariado. No vídeo, a agroindústria surgia como principal interessada na oferta regular da mangaba beneficiada pela *exploração racional*

que o cultivo da fruteira representaria. O que não indica, necessariamente, que a conservação da mangabeira não interessasse também o segmento industrial, que apesar disso não foi ouvido.

Houve ainda um apagamento da questão relacionada à mulher, para além da extrativista, que é também majoritariamente negra. O aspecto ficou apenas sinalizado no reconhecimento da “bravura” das mulheres nordestinas, na fala do apresentador do programa e no destaque da profissional de comunicação ao levantamento de informações, pela pesquisa, sobre *quem são, onde vivem, o que fazem* as catadoras de mangaba.

Vale, finalmente, observar que não há no programa marcas da fala didático descritiva, como uso de verbos no imperativo ou informação repassada no formato do passo a passo, posto que a técnica do cultivo desenvolvido ficou em segundo plano nesta edição. O programa ficou, assim, despojado de seu papel de TT e acaba funcionando mais no âmbito da comunicação empresarial – atuando na sedimentação da imagem da Empresa como instituição preocupada com o meio ambiente - e menos no da divulgação científica, já que o modo de construção dos conhecimentos científico e popular não é apresentado. O papel conservacionista das catadoras é exaltado, mas não propriamente apresentado – como é que, ao catar mangaba, as extrativistas colaboram com a conservação¹³ das mangabeiras e para o conhecimento sobre a árvore? Reconhecemos, no programa, o esforço da comunicação em destacar o caso das catadoras de mangaba, mas é preciso igualmente reconhecer que algo escapa ao seu olhar. A maneira como a informação foi disposta não facilita a compreensão de que ali esteve em funcionamento um modo próprio de conhecer o mundo: o das ciências sociais - em associação ao da agronomia. A ausência, ainda que involuntária, da referência a tal fato pode reforçar a ideia de que o modo cientificamente válido de investigar o “real” é o das ciências naturais - indicando mais uma vez a adequação das produções televisiva e radiofônica e seus instrumentos a esse jeito específico de investigação, em que a mulher não ganha evidência.

Aos comunicadores, desabituaados do exercício de enxergar a pesquisa sob outra ótica, a saída foi seguir pela via da conhecida comunicação empresarial associada a elementos formais do DDC,

¹³ Não há explicações sobre, por exemplo, a distinção entre o extrativismo danoso ao meio ambiente - como o de madeira comumente denunciado pela imprensa - e o extrativismo por coleta cuja retirada dos frutos *não prejudica o sistema nem diminui a quantidade de unidades da próxima safra*. (MOTA et al., 2011, p 34)

que resultou em deslocamentos na constituição do leitor ideal da mensagem. O alerta feito pela Empresa ao final do programa por meio do personagem Maneco indica que questões políticas também estão em jogo na resolução do problema do *desmatamento para construção de condomínios de luxo e a retirada de recursos naturais sem uma fiscalização mais séria*, que preocupa o amigo. Para tal ordem de “obstáculo” a ação sugerida por Maneco: *é preciso que todos, em uma só voz, clamem por justiça punindo os infratores*. Com isso, segmentos que afetam e são afetados direta ou indiretamente pelo problema da perda de remanescentes da fruteira entram no jogo de representações que prefiguraram o leitor da produção.

Para o dominador basta o “um”. O dominado é que precisa do plural.
(ORLANDI, 2007, p 155)

Os modelos difusionista, na “transferência” de tecnologia agrícola, e de déficit, na divulgação científica, podem ser identificados em ambas as produções desenvolvidas pelo setor de comunicação da Embrapa. A reflexão sobre as condições em que tais modelos encontraram ressonância na trajetória do setor pode ajudar a responder dois questionamentos suscitados pelas produções em áudio e vídeo que são chave na elucidação de nossa pergunta de pesquisa sobre se a comunicação praticada na instituição (TT aliada à DC) pode interferir no acesso da mulher à pesquisa - que o estudo do caso das catadoras ajuda a vislumbrar.

A primeira questão diz respeito ao DCTV. Em 2007, a Embrapa já atuava junto às extrativistas há quatro anos, tendo a interlocução resultado na criação do Movimento das Catadoras de Mangaba durante encontro realizado pela Empresa com as extrativistas no mesmo ano de divulgação do vídeo. Por que, então, a peça de comunicação não captou ou representou a face dialógica da atuação de técnicos e pesquisadores?

O segundo questionamento, de semelhante ordem, refere-se à representação da posição sujeito catadora de mangaba no Prosa Rural: por que o protagonismo da comunidade tradicional, reconhecido ao longo do programa, não foi “concedido” às extrativistas no âmbito da peça de comunicação?

As questões se entrelaçam e nos levam a considerar, nos programas televisivo e radiofônico, as bases históricas e ideológicas sobre as quais a atuação do setor de comunicação foi sedimentada. As produções para veículos de comunicação de massa focalizam segmentos localizados na contramão do discurso hegemônico da *comoditização* da agricultura brasileira, que a tornou tão produtiva quanto excludente - conforme apontou levantamento sobre mudanças no uso do solo brasileiro feito por 16 pesquisadores nacionais a partir de mais de 100 estudos realizados nas duas últimas décadas (LAPOLA et al, 2014)

De um lado, o extrativismo vegetal, de imagem comumente associada ao *atraso, retrocesso e estagnação econômica* (HOMMA, 2008) e fadado à extinção, segundo uma das correntes descritas pela pesquisadora Mota et al, (2011, p. 33) e que conta com integrantes de reputação considerável no âmbito da pesquisa agropecuária. De outro lado, uma comunidade tradicional majoritariamente formada por mulheres negras nordestinas, cuja atividade da cata da mangaba é desenvolvida sem vínculos empregatícios.

Mediante tal tradição de sentidos, para responder aos questionamentos levantados convém refletir de forma mais específica sobre o papel da memória, que agiu em favor da circulação de determinados sentidos em detrimento de outros, num país cujo discurso nacional se alinha ainda hoje à ambição de transformar-se em superpotência agrícola mundial. Vejamos, nesse contexto, a trajetória da Embrapa em breve retrospectiva cuja intenção é mais a de contextualização que de um resgate histórico aprofundado¹⁴.

A empresa de pesquisa criada em 1973 teve como estratégia de formação de quadros para a atividade fim o envio de agrônomos a cursos de pós-graduação no exterior, em especial para os Estados Unidos e Europa, regiões de condições edafoclimáticas diversas daquelas encontradas no Brasil. Daí os conhecimentos e técnicas desenvolvidas para clima temperado terem sido aprendidos, mas posteriormente adaptados pelos pesquisadores às condições tropicais do país.

¹⁴ Para mais detalhes sobre a história da Embrapa indicamos o Projeto Memória <http://hotsites.sct.embrapa.br/pme> Um balanço bibliográfico da produção acadêmica dos temas rurais brasileiros nas últimas décadas e seus contextos históricos da acumulação do capital e da estruturação das relações sociais no campo estão na obra de Maria de Nazareth Baudel Wanderley – Um saber necessário – Os estudos rurais no Brasil (WANDERLEY,2011)

Em tempos de *Exportar é o que importa* - slogan das propagandas governamentais de então - era preciso encurtar caminhos para atender aos imperativos do desenvolvimento do setor primário que ajudaria a impulsionar a industrialização já tardia. Instituídas pelo poder público, as empresas estatais de pesquisa e extensão rural figuravam como setores interessados no aumento da produção agropecuária com vistas ao mercado externo, de onde viriam as almeçadas divisas adicionais.

Os novos processos de produção exigiram a contratação de mão-de-obra tecnicamente qualificada também no setor privado, constituído por produtores de grande porte, detentores de latifúndios e estimulados a exportar mediante políticas de incentivo. Aí estavam os principais interlocutores dos profissionais que aportavam do estrangeiro com as malas cheias de “boas novas” que precisavam ser adotadas para resultarem no desejado aumento de produção de *commodities*¹⁵.

Para dar maior celeridade à tarefa de transformar o campo brasileiro no “celeiro do mundo”, tendo por base tecnologias demandantes de máquinas e agroquímicos, aos agrônomos e economistas juntaram-se comunicadores - aos quais também foi dada oportunidade de aperfeiçoamento nos Estados Unidos. A estes coube emprestar conhecimentos de comunicação de massa à difusão das novas tecnologias junto aos públicos-alvo do setor agropecuário.

Na conta dos bons resultados, que a pesquisa divide com entidades de extensão rural e organizações do SNPA, além dos ganhos em produção e produtividade, somam-se ainda a organização de cadeias produtivas, crescimento na oferta de alimentos, competitividade do setor agropecuário brasileiro no mercado internacional. Avanços computados no âmbito da economia, cuja matemática deixou em segundo plano a redução de desigualdades sociais e dos consequentes desequilíbrios ambientais resultantes do modelo de exploração agropecuária em curso, problemas que só mais recentemente começam a ganhar peso na agenda da pesquisa agropecuária.

¹⁵ Artigo com o levantamento publicado na edição de janeiro de 2014 da *Nature* mostra que a *comoditização* da agricultura brasileira resultou em aumento de produtividade, que desde meados dos anos 2000 produção agrícola e desmatamento vêm sendo dissociados; mas a histórica desigualdade na posse da terra que resulta no êxodo rural perdura. Problema para o qual a regulação do mercado seria insuficiente, exigindo a intervenção de políticas, na avaliação dos autores. (LAPOLA et al, 2014)

2.3 A comunicação na Embrapa

O contexto histórico de criação da Embrapa inscreve-se ainda hoje na cultura organizacional da Empresa, que nascida durante o regime militar manteve estrutura hierarquizada. A atividade fim da instituição é a pesquisa em área das ciências naturais historicamente marcada pelo masculino, a agronomia. Dados do Balanço Social da Embrapa edição 2013 indicam que para o quadro de 9.797 empregados, 2.957 eram mulheres e 2.994 negros. Para esses segmentos a taxa de ocupação em cargos de chefia foi de 30,57% e 22,30%, respectivamente.

O setor de comunicação foi desenhado, portanto, como parte dessa engrenagem e para servir a tal lógica, reproduzida pela área que se esforçou para aproximar sua práxis à da pesquisa agropecuária. Reflexo desse esforço é a publicação “Avaliação em Comunicação Organizacional” (GALERANI, 2006), editada pela Embrapa resultou de tese de doutoramento da profissional relações públicas da empresa, Gilceana Soares Moreira Galerani, que pesquisou métodos científicos de avaliação de resultados para as áreas de comunicação organizacional. Revela ainda a preocupação recorrente com a valorização das funções desempenhadas pelos comunicadores que, vinculados às ciências sociais aplicadas, foram alvo da incompreensão e até da ingerência de pesquisadores de outras áreas no início do processo de incorporação dos serviços no âmbito da instituição (HEBERLÊ, 2006).

Hoje a situação é outra e a comunicação da Embrapa, além de números relacionados à sua eficiência na divulgação científica, exhibe prêmios. A área colocou a empresa entre aquelas que melhor atendem à demanda de jornalistas por informações e facilitam acesso a dados e entrevistas na produção de matérias de qualidade. Ao lado das multinacionais Bunge e Monsanto, a Embrapa ficou entre as três melhores do segmento agropecuário por duas edições consecutivas (2011/2012) do prêmio “Empresas que melhor se comunicam com jornalistas”, organizado pela revista Negócios da Comunicação e oferecido a empresas de diversas áreas.

As equipes das assessorias de comunicação da sede da Empresa e de suas Unidades Descentralizadas (UDs) têm se especializado em interagir com jornalistas e técnicos, em especial, para os quais suas ações têm sido prioritariamente voltadas. A assertividade das equipes

de comunicação da empresa e, claro, o interesse pela atuação da instituição pública de pesquisa agropecuária que teria elevado o País à categoria de “superpotência agrícola”, já ajudou a emplacar reportagens nos principais jornais do mundo, como The New York Times. Em 2007, o jornal norte americano publicou extensa reportagem sobre a Embrapa na editoria de Ciência e Tecnologia sob título Scientists Are Making Brazil’s Savannah Bloom (ROHTER, 2007)¹⁶.

Entre os periódicos internacionais há também reportagens críticas à atuação da instituição, como o francês Le Monde, por exemplo, pelo desenvolvimento de Organismos Geneticamente Modificados para o setor agrícola. Aliás, cursos voltados ao aperfeiçoamento em comunicação de risco, de prevenção a cenários de ameaça à imagem institucional, têm sido proporcionados às equipes de jornalismo. Ao lado dos setores de comunicação do Banco do Brasil, a Embrapa é das instituições públicas brasileiras que mais investem na formação de fontes, preparando gestores, pesquisadores e técnicos para o contato com a imprensa.

Também na produção voltada à difusão de tecnologia a comunicação da Empresa tem se destacado. Com um ano de existência, em 2004, o Prosa Rural já ganhava o reconhecimento da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial que lhe conferiu o prêmio Aberje Centro-Oeste/Leste na categoria relacionamento com a comunidade - igualmente concedido ao Programa DCTV, em 2002. Premiado por cinco vezes ao longo dos dez anos de existência, o programa Prosa rural recebeu também a premiação Tecnologia Social para a Educação, do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural do Ministério do Desenvolvimento Agrário, em 2009. O programa de rádio igualmente foi premiado nos concursos da Rede Internacional de Desenvolvimento Econômico Local e Comunitário (Ridelc), em 2007, e de Inovação na Gestão Pública Federal da Escola Nacional de Administração, no ano anterior.

O saldo para a imagem da Empresa tem sido positivo ao longo dos anos, reflexo disso é a credibilidade da empresa junto a diversos segmentos da sociedade, cujo grau de satisfação com a Embrapa é alto. Foi o que indicou pesquisa realizada pela instituição entre 2011 e 2012 junto a 600 empregados e 2.400 pessoas de públicos externos. No entanto, foi visto como preocupante

¹⁶ http://www.nytimes.com/2007/10/02/science/02tropic.html?pagewanted=print&_r=0 e repercussões: BBC Brasil: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/10/071002_nytimesembraparw.shtml

que o trabalho da Empresa seja considerado apenas regular por setores como ONGs, pequenos produtores rurais e cooperativas. Entre as áreas que segundo o público externo a instituição deveria aumentar atuação figuraram a agricultura familiar (35%), pequenos produtores rurais (18,1%) e sustentabilidade ambiental (9,1%), junto aos quais a comunicação deverá ser melhorada em associação a *ações técnicas gerenciais*. (DUARTE, 2013).

A Embrapa conta atualmente com um quadro de cerca de 200 profissionais de comunicação distribuídos pelas 47 UDs, sendo a metade constituída por jornalistas, prevalecendo numericamente sobre aqueles com formação em Relações Públicas, que somam cerca de 70 profissionais, e os publicitários que são aproximadamente 15. O levantamento foi feito em janeiro de 2013 pela Secretaria de Comunicação (Secom). Responsável pela articulação das atividades na instituição, a Secretaria está instalada em Brasília/DF, na sede da empresa, próxima ao poder central, representado na figura do diretor-presidente à qual se encontra diretamente vinculada.

O setor de comunicação, nascido para auxiliar na disseminação dos resultados da pesquisa, cresceu em estreita colaboração com o serviço de difusão (DCTV e Prosa Rural são fruto dessa ligação), a cuja atuação sistemática a Empresa deve, em boa parte, os resultados positivos alcançados em suas quatro décadas de existência. O serviço funciona desde a criação dos primeiros centros de pesquisa, em 1974, quando foi pensado inicialmente como departamento (EMBRAPA, 2006). Como unidade de serviço, a Embrapa Transferência de Tecnologia foi criada no ano 1978, derivada do Serviço de Produção de Sementes Básicas (SPSB). Com o processo de reestruturação da TT na Instituição, em 2010, a Embrapa Transferência de Tecnologia passou a Embrapa Produtos e Mercados, tendo sido criado o Departamento de Transferência de Tecnologia (DTT) para responder pelo setor como unidade administrativa diretamente subordinada ao diretor presidente e com a missão de coordenar, articular, orientar e avaliar as diretrizes e estratégias da empresa relativas à TT, além de planejar e promover as ações nessa área, segundo informações constantes no site da Empresa.

2.4 TT e Modelo Difusionista

Toda palavra, para significar, tira seu sentido de formulações que se sedimentaram historicamente
(ORLANDI, 2008)

O conceito de TT está amplamente disseminado na pesquisa agropecuária, entre outros setores, constando de estratégias de ação que não se limitam aos ministérios brasileiros da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e do Desenvolvimento Agrário, por exemplo, estando também em documentos de organismos internacionais como a FAO e a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

No entanto, nem sempre se verifica questionamento sobre a prática para a qual o conceito de TT aponta - atitude que julgamos pertinente para o momento em que desejamos entender porque as catadoras de mangaba ficaram desprovidas de voz para expressar seu protagonismo no Prosa Rural e o diálogo mantido com a pesquisa apareceu de forma lateral no DCTV, considerando-se que a pesquisa retratada nas produções diz respeito à problemática da fruteira, cuja conservação depende da ação das extrativistas, como o próprio pesquisador declarou.

Além disso, este estudo focaliza a comunicação no trânsito pesquisa-usuário/a final, que na Embrapa compreende a etapa denominada TT. É nela que boa parte dos profissionais de comunicação atua direta ou indiretamente, inclusive como responsáveis pela produção dos programas DCTV e Prosa Rural.

Arraigada nas práticas da pesquisa agropecuária e da comunicação da Embrapa, a TT pouco é percebida em seu caráter antidialógico especialmente percebido no âmbito de segmentos da agricultura familiar. Na década de 60, num contexto de debate sobre a extensão rural e seu papel em países em desenvolvimento, o educador brasileiro Paulo Freire apontava tal aspecto implícito na intenção de estender um conhecimento - técnico ou não - a alguém, “*de levar, de transferir, de entregar, de depositar algo em alguém*” (FREIRE, 1977, p 26). A prática consistiria, segundo o pedagogo, na “*educação bancária*”, em que o educando seria visto como uma espécie de cesto

vazio em que se depositaria o conhecimento produzido noutra parte. A partir desse raciocínio opõe o termo comunicação ao de extensão.

Mais recentemente, o especialista em Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT), John Law, defende que não exista algo que se possa chamar “transferência de tecnologia”. A afirmação baseia-se na observação de estudo de caso que descreveu a “transferência” de uma máquina sueca de fabricar briquetes para a realidade nicaraguense. A história mostrou que, à medida que a tecnologia se deslocava no tempo e no espaço e trocava de cenário, mudava sua configuração porque mudavam os atores envolvidos na rede de adoção, avaliou. (LAW, 2006).

No Brasil, o conceito também é questionado entre pesquisadores de ESCT. O livro *Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade* (DAGNINO, 2010), uma coletânea de artigos produzidos por membros do Grupo de Análise de Políticas de Inovação da Unicamp e investigadores da comunidade latino-americana de ESCT, focaliza a produção de conhecimento para inclusão considerada na interface entre academia, comunidades locais, movimentos sociais, órgãos do governo. Na obra, Renato Dagnino questiona o conceito de TT, tido como uma “ideia ingênua e ineficaz da ‘oferta’ ou ‘transferência’ de conhecimento (e de tecnologia) produzido pela comunidade de pesquisa”. Para ele, essa ideia deve ser substituída pela “construção coletiva de conhecimento e com a incorporação dos valores, interesses e saberes dos excluídos.” (DAGNINO, 2010, p. 9)

O difusionismo é preocupação histórica entre os profissionais de comunicação dedicados ao meio rural, em especial os da Embrapa, diferente do que acontece com o tema TT, que apenas mais recentemente tem levantado debates voltados à comunicação para o desenvolvimento como forma de vislumbrar uma prática diferenciada. A publicação *Comunicação para o desenvolvimento* (HEBERLÊ et al, 2012) reúne autores que discutem o conceito, cujos estudos, na Embrapa, têm sido capitaneados pelo jornalista Antônio Heberlê, editor técnico da publicação. Para o diretor-executivo de Transferência de Tecnologia da Embrapa, Waldyr Stumpf Jr, que assina a introdução da obra, ainda estão por ser construídas alternativas ante a urgência de transformar o agricultor em ator no processo de compartilhamento e disseminação.

Não se questiona a relevância da iniciativa da Embrapa em respaldar políticas de correção das desigualdades sociais no campo surgidas na última década, pelo contrário. No entanto, cabe destacar o caráter difusionista que o programa exhibe na edição focalizada nesta análise, não se restringindo a ela. Pesquisa realizada em 2010 encontrou marcas de difusionismo no programa radiofônico – conforme constatou a jornalista Selma Beltrão. Entre os objetivos da pesquisa estava a análise de estratégias de comunicação da Embrapa desenvolvidas para levar resultados de suas pesquisas aos agricultores familiares do Território do Sisal, na Bahia, entre elas o Prosa Rural. O estudo apontou que:

(...) ainda persiste a presença de métodos difusionista nesses projetos e que a fragilidade na articulação dos mesmos com os atores sociais e institucionais do território dificultam a socialização de conhecimentos e saberes. (BELTRÃO, 2010)

O difusionismo ganha feição institucional nas produções de rádio e TV, de conteúdos dirigidos e até homogeneizados por conta dos editais a partir dos quais a programação seleciona os temas. A constatação da institucionalização do modelo difusionista (ou de déficit como preferimos classificar quando se trata de jornalismo científico) nas práticas comunicacionais da Empresa é reforçada por estudo que investigou a construção do discurso sobre biotecnologia na empresa de pesquisa a partir de relises produzidos nas redações da instituição. A publicação lançada em 2013 sob título “Anotações sobre Discurso no Relise Difusionista – linguagem científica e tecnológica” no jornalismo traz a conclusão do estudo:

O jornalismo desenvolvido pelas assessorias de imprensa da Embrapa herda traços de um modelo comunicacional difusionista, oriundo das práticas e da política de pesquisa e desenvolvimento adotados pela empresa desde sua fundação. (SILVA, 2013 p.134)

O difusionismo é tema recorrente também entre estudiosos da comunicação preocupados igualmente com o diálogo entre os saberes popular e científica. Teóricos latino-americanos como Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, que entendem a comunicação como fenômeno indissociado da cultura, são referência para estudos sobre recepção nas mediações culturais. É o caso da dissertação de mestrado de colaboradora da Embrapa, Cenira Almeida Sampaio, intitulada *Comunicação e Reversão Cultural - estudo de recepção da proposta de parceria da Embrapa pelos pequenos produtores rurais de Irituia-Pará*, que também merece destaque pelas

reflexões levantadas. A investigadora buscou compreender as relações de comunicação entre as culturas da Embrapa e da comunidade de pequenos produtores paraenses com o qual a empresa mantinha parceria. O estudo evidenciou que “*resquícios da comunicação difusionista ainda estariam sendo praticados no espaço da parceria*”, à época da investigação. (SAMPAIO, 2006, p.105).

O interesse pelas mediações culturais também pautou a investigação *Reconfiguración de saberes locales en interfaces de conocimiento: el caso de científicos y pescadores en Alvarado, Veracruz, México* (ESCALÓN, 2012) apresentada em 2013, durante *XIII Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Técnica en América Latina e el Caribe*, realizado no México. Os resultados positivos alcançados no diálogo mantido entre os saberes local e científico - para fins de realizar a transição da pesca artesanal para a aquicultura - não ocorreu sem que a assimetria de poderes redundasse em disputas simbólicas, dificultando tanto a comunicação como a sedimentação de novos conhecimentos, observou a autora.

Interessante notar a aparente surpresa com o fato de se encontrar o modelo difusionista onde se mantém a prática de TT como pressuposto da comunicação desenvolvida também para segmentos da agricultura de perfil familiar.

2.5 DC e modelo de déficit

Tão arraigado quanto o difusionismo na TT é o modelo de déficit na DC como igualmente apontam pesquisas que avaliam o impacto do modelo nas coberturas jornalísticas feitas no Brasil (MOREIRA, & MASSARANI, 2005; KÖRBES & INVERNIZZI, 2008; SILVEIRA & SANDRINI, 2013)

Pesquisas realizadas nos EUA desde a década de 1970 mostraram que grande parte da população demonstrou não ter conhecimento sobre o universo científico. Esta constatação foi usada para justificar a necessidade de se preencher uma lacuna de informação do leigo em relação à ciência. Nos anos 1980, estudiosos da comunicação pública definiram esse enfoque como modelo do déficit. Segundo este modelo, a falta de informação deveria ser suprida por meio da exposição do público à comunicação da ciência. (MALTA & OLIVEIRA, 2012 p.3)

Para o professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Wilson Costa Bueno a principal função da divulgação científica é “*democratizar o acesso ao*

conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica”. (BUENO, 2010).

Nesse paradigma, a ciência é tida como superior a outros âmbitos do conhecimento, impermeável e autônoma com relação à sociedade. Outro aspecto característico deste modelo é ter o público como massa homogênea, passiva. (SILVEIRA E SANDRINI, 2013. P.4)

O modelo difusionista está para a TT assim como o modelo de déficit está para a DC. Ambos os modelos têm por base uma visão positivista da ciência, produtora de verdade, e dão ênfase aos resultados mais do que aos processos. Quem atua na “transferência” de tecnologia ou na divulgação científica tendo em mente tais modelos se pauta pela univocidade e está sempre *falando para* e não *com*. De forma linear e unidirecional, o conhecimento sai de uma ponta provida de saber: a ciência, em direção à outra, desprovida de saberes e de verdades: o leigo, aos quais resta receber informações acerca da produção científica que se lhe aparece pronta, via de regra apresentada em uma única face sempre boa e inquestionável porque produzida por aqueles que habitam a “torre de marfim”.

Até mesmo a voz do jornalista fica de fora em favor desse saber, como vimos na análise da edição do DCTV que mostrou o *apagamento* da figura do divulgador em favor da Empresa. Quem tem direito à fala é a ciência. O que nos remete a reflexão de Michel Pêcheux sobre os clérigos, em referência aos diferentes lugares ocupados pelo sujeito na sua prática de leitura e a divisão entre a leitura literal científica e a leitura literária interpretativa:

O autor afirma que “a divisão começou no meio dos clérigos, entre alguns deles, autorizados a ler, falar e escrever em seus nomes, portadores de uma leitura própria e o conjunto de todos os outros cujos gestos incansavelmente repetidos (de cópia, transcrição, classificação, indexação, codificação, etc.) constituem também uma leitura, mas uma leitura impondo ao sujeito leitor o apagamento atrás da instituição que o emprega: o grande número de escrivãos, copistas e “contínuos”, particulares e públicos se constituiu, através da Era Clássica e até os nossos dias sobre este apagamento de si na prática silenciosa de uma leitura consagrada ao serviço de uma Igreja, de um rei, de um Estado ou de uma empresa”. (ORLANDI, 1990)

Os modelos dão as bases sobre as quais se sedimenta a prática do *falar para*, observada também em outras instituições de pesquisa bem como entre divulgadores a serviço de veículos de

comunicação. Deslocado das redações desses veículos para as assessorias de comunicação/impressão, o jornalista que tem como regra básica ouvir os “dois lados” no primeiro caso, passa a “porta-voz” no segundo. A situação reforça a comunicação unívoca e unidirecional dos modelos difusionista e de déficit.

De forma naturalizada, ou até justificada pela definição teórica de discurso de reformulação, o discurso da divulgação científica é “colado” ao discurso da ciência e tende, por isso mesmo, a reproduzir as virtudes, mas também os vícios da cultura científica.

Por outro lado, convém considerar que, no modo atual de inscrição histórica dos textos (que alcança também a ciência), o Poder crescente dos enunciados do Mercado vem configurando a Mídia como o “texto fundamental da sociedade contemporânea”, na avaliação de Maria Onice Payer, tal qual o Texto sagrado significou para a Idade Média e o Texto da lei jurídica para a ordem do Estado Moderno.

Esse grande texto da atualidade, no meu modo de entender, consiste na Mídia, daquilo que está na mídia, em um sentido amplo, e em especial no marketing, na publicidade. O valor que a sociedade vem atribuindo à mídia – ou o poder de interpelação que a Mídia vem exercendo na sociedade – passou a assegurar-lhe o papel de Texto fundamental de um novo grande Sujeito, o Mercado, agora em sua nova forma globalizada. (PAYER, 2005, p15)

É mercado globalizado e competitivo exigindo um modo de enunciação *sem indecisões, sem reticências ou rupturas sintáticas*, que enfim produza *efeitos de certeza*, nas palavras de Payer (2005). Ou seja, características mais facilmente associadas aos sentidos produzidos no discurso do empresariado do que naquele constitutivo da posição-sujeito catadoras de mangaba. Eis um dos motivos pelos quais o vídeo do DCTV sobre O Cultivo da Mangabeira ao focalizar a problemática da perda de remanescentes da fruteira pela ótica técnico-econômica atendeu aos imperativos da TT e a edição do Prosa Rural sobre *A conservação da mangabeira* teve dificuldades de fazer o mesmo, pois a questão foi mostrada em seu viés ambientalista.

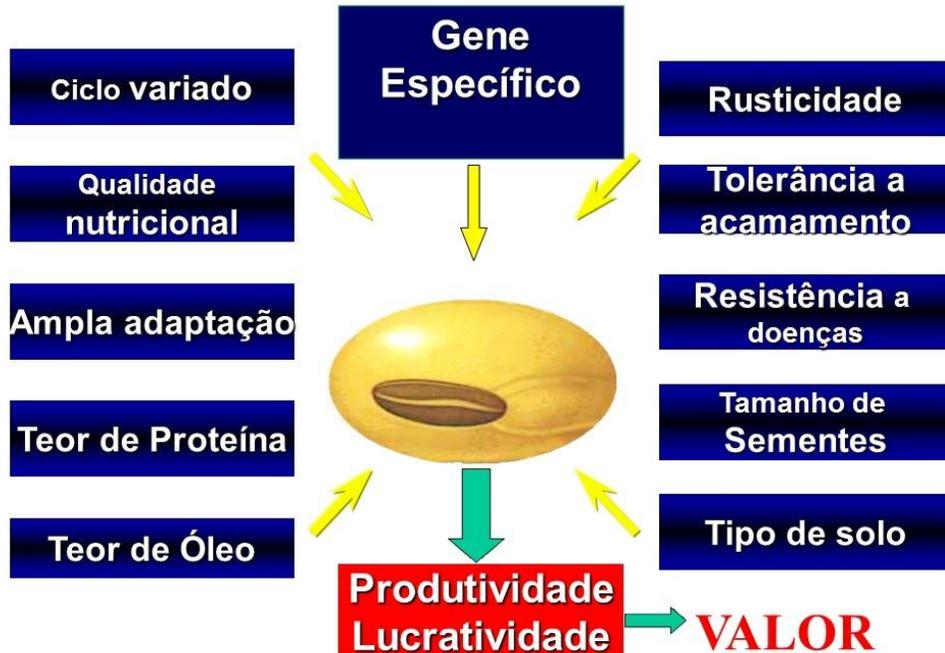
2.6 Rede Agronomia – mangabeira: insumo agrônômico

A atuação conjunta e a convivência ao longo de uma década fizeram com que a equipe multidisciplinar e interinstitucional de pesquisa da Embrapa e parceiros que desenvolve projetos junto às catadoras de mangaba se nos apresentasse como um bloco coeso e homogêneo nas publicações e artigos acadêmicos produzidos pelo grupo. A análise das produções para o DCTV e para o Prosa Rural, no entanto, permitiu distinguir entre os demais membros da equipe a posição sujeito ocupada pelo engenheiro agrônomo, cuja ótica foi privilegiada no enquadramento do problema que envolve as mangabeiras (LATOUR,2000). Desse modo pudemos rastrear este período, refletido nas edições, e os passos desse ator a partir do qual se agregam determinados elos à Rede Agronomia, uma atração que se dá a partir dos pressupostos de suas práticas discursivas como veremos agora.

Conforme avaliamos na etapa da análise do discurso, os instrumentos de comunicação foram desenvolvidos, no âmbito da empresa, para dar suporte à lógica da agronomia tradicional, da qual as peças de comunicação nos oferecem amostra, em especial o DCTV. No programa O Cultivo da Mangabeira, o recurso natural é visto e tratado como insumo agrônômico (a ser domesticado para a produção racional com vistas ao mercado). O problema é de ordem técnico-econômica, que por sua vez, norteia a solução: o desenvolvimento de uma técnica de cultivo para a frutífera que ocorre naturalmente na região. A resposta é oferecida para disseminação em larga escala, via veículos de comunicação de massa, ao final do processo de desenvolvimento das pesquisas.

O discurso predominantemente representado no vídeo do DCTV nos fez verificar sua identificação com a posição sujeito tradicionalmente ocupada pela agronomia, no âmbito da Embrapa. Ao acompanhar as práticas discursivas da agronomia - representadas, no vídeo, pelo especialista em conservação - nos foi possível vê-las como base na atração de elos especificamente encorajados e mantidos coesos pela repetição de tais discursos. Para um agrônomo, a informação de relevância para resolução do problema de perda de remanescentes da árvore foi buscada na **semente**. Por isso vale observar a figura a seguir que dá a dimensão de como ela significa para o profissional com tal formação e as associações que começam a se construir desde essa concepção:

A Semente é um "CHIP"



Fonte: Ivan Schuster e Ivo M. Carraro (Coodetec)

A figura ajuda a visualizar a lógica da agronomia e a forma como é conferido valor ao insumo. A agronomia localiza na semente as informações de relevância para a busca de soluções de pesquisa, como se as respostas para a obtenção da produtividade e lucratividade, metas perseguidas pelo empresariado rural, estivessem todas contidas nos dados armazenados no insumo agrônômico.

A ampla gama de pesquisas sobre a mangabeira protagonizadas por profissionais das **ciências naturais**, agronomia em especial, ocuparam-se de aspectos relacionados na imagem.

Coisa boa de comer é o significado do termo indígena mangaba, que popularmente designa essa frutinha doce, que ganha nome e descrição científicos na tese de doutoramento da agrônoma Daniella Araújo Barros que abordou o tema Tecnologia de sementes. Nela, a *Hancornia speciosa* Gomes é realçada por ser rica em vitaminas A, B1, B2 e C, além de ferro e ter “ótimo aroma e sabor, boa digestibilidade e alto valor nutritivo com teor de proteínas superior ao de grande parte das frutíferas” (BARROS, 2006, p. 3). A exemplo do que fazem outros trabalhos

acadêmicos de viés agrônomo, em especial, a tese alerta para o fato de, apesar de suas qualidades, a ocorrência espontânea da mangabeira e o extrativismo prevalecem sobre os pomares de “exploração racional”.

Como forma de balizar algumas impressões quanto à abordagem predominante entre agrônomos, embora sem o intuito de abarcar toda a produção sobre mangabeira realizada por programas de pós-graduação Brasil afora, uma das formas de levantar trabalhos foi a busca no Banco de Dados da Capes, feita por palavras-chave, inserindo o termo mangaba e/ou mangabeira, associada ou não ao seu nome científico *Hancornia speciosa* Gomes. Pelos títulos e resumos encontrados foi possível detectar dois tipos de atenção despertada pela fruteira: o agrônomo e o socioambiental.

As teses e dissertações localizadas no contexto agrônomo são anteriores às localizadas no âmbito socioambiental do extrativismo da mangaba. Nos estudos disponíveis nos portais, aqueles trabalhos predominam em finais da década de 90 e início dos anos 2000, mas referenciam produção acadêmica desse teor já nos anos 60. O referenciamento de produção acadêmica para endosso ou refutação de aspectos levantados anteriormente é parte da prática científica que coloca outros pesquisadores do tema na rede do agrônomo da equipe da Embrapa, um dos motivos do levantamento.

A tese destacada anteriormente localiza-se no primeiro deles, em que é visível a adequação dos enfoques das investigações aos interesses da indústria, em especial a agroindústria de alimentos e correlatas, ou do agronegócio - produção de sementes (domesticação) – a partir de análises das propriedades físico-químicas, entre outras referentes à fruteira. Não foi diferente com o engenheiro agrônomo da Embrapa, para quem a fruta é tida como *importante matéria prima para a agroindústria de sucos, polpas congeladas, e sorvetes, principalmente na região Nordeste* (EMBRAPA TABULEIROS COSTEIROS, 2010), como destacado em folder técnico produzido para divulgar o sistema de produção de mudas de mangabeira por semente – que o pesquisador ajudou a desenvolver.



Imagens: DCTV O cultivo da mangabeira/Embrapa

A incorporação da agroindústria à rede da agronomia significa, por sua vez, a atração de outros elos ligados àquela indústria, conforme observado na análise de sequência de imagens apresentadas na primeira parte do vídeo *O Cultivo da Mangabeira* e que remeteu à trajetória da mangaba do processo de industrialização ao consumidor final (sequência acima). Nela pudemos ver o aparato montado e etapas percorridas pela agroindústria para levar o produto final ao consumidor. As lentes do cinegrafista captam instalações, maquinários, embalagens, empregados, uniformes, equipamentos de higiene, ficando implícito o elo da distribuição - transporte e mercado - que intermediaria a chegada do produto processado ao consumidor final, já que da indústria de transformação a imagem corta para a cozinha, onde o suco é consumido.

A etapa referente à produção da matéria-prima no campo, responsável por alimentar a agroindústria de alimentos, é aquela sobre a qual a pesquisa, por meio da técnica apresentada no vídeo, tenta incidir oferecendo como solução o *método de produção racional de mudas de mangabeira por semente* no combate à falta do insumo pela constatada redução das áreas de ocorrência espontânea da árvore. A cadeia produtiva da agroindústria entra na rede da agronomia por meio de outras duas: produtores rurais e indústria sementeira.

Desse modo, o segmento formado pelas extrativistas vai ficando à margem da rede do agrônomo, como na sequência do vídeo em destaque, em que o dinamismo do processo da agroindústria de alimentos contrasta com o das catadoras, representado imediatamente antes numa *única* imagem: da pessoa que vende, à beira da estrada, do fruto *in natura*, que ela mesma colheu - como procura mostra a sequência de imagens do DCTV, abaixo.



Imagens DCTV O Cultivo da Mangabeira/Embrapa

A entrada de novos elos

À medida que, como vimos no programa de rádio, algumas das práticas discursivas que partem da posição sujeito Agronomia são revistas ou reformuladas dois impactos são detectados. Um deles sobre os instrumentos preparados para o suporte à reprodução do discurso tradicionalmente implantado, que começam a ser “desconstruídos”, por inadequados. O outro impacto recai sobre a constituição da rede: com o afrouxamento, ou silenciamento ainda que momentâneo, de certos elos em favor da entrada de outros. No entanto, até aqui, devemos considerar os elos como partes de uma mesma raiz – lugar de enunciação - que os irriga numa atitude que visa sua manutenção (ou a própria sobrevivência do objeto de investigação no interior de uma instituição como a Embrapa).

Ao trocar o termo cultivo por conservação da mangabeira, na nomeação dos programas, o discurso do agrônomo/Embrapa parece ser deslocado da lógica da agronomia para o da ecologia, porque a conservação sai da perspectiva da semente de mangabeira (em sua constituição e funcionamento genéticos e interação com as condições de solo e clima) em direção a uma visão

sistêmica da conservação, como apresentada no Prosa Rural: *é preciso preservar as áreas naturais, pois é nessas áreas que são mantidas a biodiversidade e os recursos genéticos e onde a mangabeira pode evoluir de forma natural* (Pesquisador).

Por isso o destaque das catadoras no papel conservacionista e do conhecimento das espécies repassado por gerações. O realce das extrativistas na pesquisa da Empresa surgiu em informações fornecidas pela técnica em comunicação e não por um ecólogo, cuja área de conhecimento foi chamada a dar suporte à rede da agronomia, embora nem a produção radiofônica tenha feito referência à colaboração - que destacamos neste momento como forma de visualizar uma ramificação da Rede da Agronomia. Eis como em entrevista realizada em novembro de 2012, em Brasília, o ecólogo Daniel Luis Vieira descreve sua chegada à “rede”:

A minha participação foi muito pequena eu cheguei em Aracaju em 2007 (...). Eu fui pra trabalhar com restauração ecológica e o Josué perguntou: você é ecólogo, não quer trabalhar com o extrativismo, com as mulheres e com a ecologia das mangabas? E naquele momento me envolvi. (VIEIRA, 2012)

Mangabeira e catadoras formam um todo harmonioso, percebido em seu grau de interdependência, com a chegada de um ecólogo à rede, que já tinha um componente de conservação de recursos genéticos. A mangabeira enquanto insumo do equilíbrio ambiental leva para dentro da rede mais uma porção de atores, que poderiam ser outros puxados pela mesma vertente da ecologia, mas no caso das catadoras de mangaba se configurou de um modo específico.

Em 2008, já mobilizado pelo acesso às mangabeiras, o MCM bate à porta do Ministério Público que, para se posicionar frente à demanda, cria grupo interinstitucional para subsidiar a indicação de soluções para o extrativismo da mangaba. A Embrapa por meio da rede em atividade alcança mais um braço da pesquisa e o incorpora apresentando, ao final um produto: o Mapa do extrativismo da mangaba em Sergipe – Ameaças e Demandas (VIEIRA et al, 2009). A publicação cujo público alvo são gestores públicos nas esferas municipais, estaduais e federal resultou de trabalho de campo realizado de setembro de 2008 a junho do ano seguinte.

O ecólogo Daniel Vieira destacou, em entrevista, o diferencial do trabalho:

“A Embrapa é boa para fazer mapa de potencialidade agroecológica, de zoneamento geoambiental, zoneamento ecológico econômico, só que quando faz esses mapas ela coloca um mapa de zoneamento em cima do nada. Se ela coloca esse mapa em cima do mapa do uso atual da terra ela descobre que tem gente vivendo nesses lugares.”
(Daniel Vieira)

O desenvolvimento da publicação teve colaboração das comunidades, que ajudaram a desenhar as áreas de ocorrência das mangabeiras a partir da identificação dos locais de coleta, utilizados no passado inclusive. Mas da perspectiva do ecólogo, o objeto de estudo também precisa ser focalizado do alto, com a ajuda de fotos aéreas e imagens de satélite. Embora agregada às demais redes por um período específico, ou seja, durante a elaboração do mapa, o elo atraiu uma gama de instituições ligadas ao uso da terra como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e, principalmente, de proteção ao meio ambiente como o Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade, Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, todos aportando conhecimentos de profissionais de diversos perfis.

A articulação da pesquisa com instituições públicas como o Incra, por exemplo, foi importante no levantamento da situação legal de propriedades de interesse para a conservação das mangabeiras e em conflito com as extrativistas¹⁷. A posse de informações oficiais ao lado dos estudos realizados pela pesquisa e academia potencializa as reivindicações da organização das mulheres junto ao Ministério Público

O ecólogo ressalta na publicação seu aspecto técnico, “pode ver que tem pouca história” diz comparando o mapa com o trabalho etnográfico, evidenciando a ecologia como braço da Rede Agronomia. A incorporação do elo é um exemplo de como uma rede constrói e desconstrói conexões. O viés ecológico da rede pode ter sido mantido, mas o ecólogo com toda a cadeia formada para atender ao imperativo da construção do mapa

¹⁷ A articulação marcou o caso do Sítio São José do Arrebancado (Barra dos Coqueiros/SE) em que a construção de cercas para impedir a coleta de mangabas na área utilizada pelas catadoras por 40 anos resultou em ação do Incra, que após levantamentos classificou o imóvel como Grande Propriedade Improdutiva. A informação figurou em carta endereçada ao MPF/SE redigido pelas catadoras do MCM durante capacitação solidária realizada pela Embrapa em 2007. (MOTA et al, 2008,p.54). As mangabeiras não foram cortadas, mas as catadoras passaram a pagar pelo acesso às mangabas.

se desfez com a entrega do produto, não propriamente uma tecnologia, mas uma informação técnica, no norteamto de ações públicas, como ressaltou o ecólogo.

2.7 Considerações: os sentidos de falar *para* e *por*

Apresentar o mundo como algo dado, como algo estático a que os homens se devem ajustar evidencia ação antidialógica, que equivale a roubar-lhes a condição de “admiradores” do mundo, necessária à verdadeira práxis. (FREIRE, 1980)

No caso em estudo, a edição do DCTV fala *para* e a do Prosa Rural fala *por* e ambos abrem mão de falar *com*. Falando *para* ou *por*, num caso e noutro, a instituição opta por uma imagem homogênea do objeto de discurso (perda de remanescentes de mangabeira) que impõe aos demais interlocutores (ZOPPI-FONTANA, 2012). Uma única posição-sujeito ganha expressão: a pesquisa/agronomia. Isso explica porque a produção televisiva – de cunho difusionista - não representou o diálogo pesquisa-extrativistas, que o documentário do MCM deixou transparecer, e porque o protagonismo das catadoras foi reconhecido, mas não exercido na produção radiofônica. Nas análises nos deparamos com processos de interdição e silenciamento de lugares de enunciação¹⁸ - no caso, daqueles localizados às margens da *comoditização* e do mercado, ao não conseguirem ou desejarem se enquadrar ou se adaptar, dado o tipo de produto envolvido e, principalmente, a forma de relacionamento com ele – como também a descrição da Rede Agronomia demonstrou.

Os estudos que apontam a presença do difusionismo têm se limitado a identificá-lo. As análises das materialidades discursivas presentes nos programas DCTV e Prosa Rural nos ajudam a ver como o modelo se engendra e ganha expressão no discurso e nas práticas comunicacionais da instituição, que desenvolveu instrumentos e estratégias que endossam, replicam o discurso hegemônico da Empresa. Calçados na univocidade, esses instrumentos não servem, são inadequados ao diálogo como pede segmento tão diverso como é o das comunidades tradicionais (extrativistas, quilombolas, indígenas) no âmbito da agricultura de

¹⁸ Adotamos a noção de lugar de enunciação conforme utilizada por Zoppi-Fontana (2003, p.17): “para descrever os efeitos da instância enunciativa na relação do dizer com sua circulação na sociedade especialmente no que tange aos efeitos de legitimação e hegemonia desse dizer no conjunto das práticas discursivas”.

perfil familiar já tão complexa. Oferecer, via veículos de comunicação de massa, uma tecnologia pensada e desenvolvida pela pesquisa e sob sua ótica sem a ausculta da demanda das comunidades equivale a tratá-las como uma homogeneidade passiva, desprovida de saberes, verdades e vontades:

Conforme lembra a pesquisadora Roseli Fígaro, coordenadora da pesquisa que investigou mudanças no jornalismo e no perfil do profissional da área, em entrevista à Agência Fapesp: *“jornalistas trabalham com os discursos da sociedade. Devem, portanto, compreender as implicações disso: discurso é produção de sentido; e produzir sentido é tomar posição.”* (MANGINI, 2014).

A posição foi tomada, como denotam as estratégias de construção dos programas, desde os seus editais até as estruturas das produções, cujas inadequações começam a deixar rachaduras à mostra como aconteceu na edição radiofônica que focalizou a conservação da mangabeira, desalojando a prática difusionista e a TT, mas ainda não conseguindo abrir mão da univocidade, como vimos.

A comunicação para a TT aliada à DC funcionou como veículo do discurso hegemônico, da produtividade e do mercado, que deixa de fora a perspectiva dada pela posição-sujeito ocupada pelas catadoras de mangaba, e acaba representando um potencial obstáculo à interlocução pesquisa-extrativistas. O resultado ganhou respaldo na avaliação de recepção por extrativistas da mensagem veiculada no DCTV, em especial a parte destinada à *transferência* da técnica de produção de semente de mangabeira.

Exceto as catadoras que tiveram participação no vídeo, nenhuma das outras ouvidas disse conhecer o programa DCTV ou ter visto a edição que tratou do cultivo da mangabeira, apesar de todas terem televisor em casa. Foi possível apresentar o vídeo a 50% das extrativistas entrevistadas durante a etapa de campo, sendo que a maioria distraiu-se ao longo da apresentação, numa demonstração de desinteresse pelo conteúdo. A totalidade julgou a técnica de pouco impacto para o desempenho das atividades relacionadas à mangaba ou expressou desejo de experimentá-la porque “a gente só cata, não planta”, apesar de

considerarem poder seguir o passo a passo sugerido, pois todas disseram ter entendido a linguagem utilizada para transmitir a técnica.

Duas catadoras contaram já ter feito mudas da planta a partir de sementes, utilizando técnica muito semelhante à apresentada no vídeo. Uma delas, apesar de possuir área com mangabeiras nativas, precisa pagar para complementar a cata em terreno de fazendeiro vizinho. Ela contou ter tentado cultivar a frutífera, mas deparou-se com a dificuldade em fazer com que se desenvolvessem como as de ocorrência espontânea. Baseada na própria experiência, a catadora questionou informação que consta do vídeo recomendando evitar o uso de substrato com estrume de gado: “*se a gente vê coco de vaca no pé das mangabeiras que ficam mais carregadas de mangaba*”, argumentou, indicando uma demanda para a pesquisa: “*a gente precisa é saber o que tá acontecendo com essas mangabeiras que tão tudo ficando com os galhos queimado*”.

O **diálogo** pesquisa-catadoras não ficou representado nas produções para TV e rádio, que exemplificaram formas de endosso – voluntário ou não - a processos de interdição de lugares marginais de enunciação (DCTV), retratando-os como marginais ou negando-lhes a oportunidade de enunciarem deste lugar de resistência.

Nesta que configura a primeira parte da investigação encontramos, assim, a DC e a TT refletindo práticas de silenciamento à posição-sujeito catadoras de mangaba e interferindo negativamente no acesso da mulher rural à pesquisa ao reproduzir a lógica que reduz o mundo à sua dimensão econômica e quantificável própria do discurso hegemônico do mercado de *comodities*.

Diante do resultado das análises somos levados a considerar o que postula a pensadora indiana Gayatri Chacravorty Spivak: “*nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno sem que este ato esteja imbricado no discurso hegemônico* (ALMEIDA, 2010).

CAPÍTULO III

3. Uma equipe interdisciplinar

O fato de a produção radiofônica, de 2011, ter retratado um deslocamento no discurso hegemônico da posição-sujeito historicamente ocupada pelo agrônomo (que passou a expressar sua posição em favor da preservação das áreas nativas em detrimento do cultivo racional) indicou haver um realinhamento em favor do discurso da sociologia. A pesquisadora Dalva Mota declarou em nome da equipe (como denota o uso do *a gente*), em entrevista realizada em abril de 2013 para esta investigação: “*a gente não tá querendo fazer plantios homogêneos de mangabeira, a gente quer biodiversidade*”. A socióloga respondia questão referente ao DCTV e à representação do trabalho da equipe na edição que focalizou a técnica do cultivo da mangabeira sem incluir a perspectiva da sociologia. Na ocasião, a socióloga argumentou: “*não tenho o que dizer ao programa*”, numa possível referência ao objetivo de TT assumido pelo programa.

A partir do programa de rádio, então, se visualiza o ponto de interseção dos discursos agronomia-sociologia que, no entanto, já estava posto desde antes da produção televisiva, de 2007. Toda essa reflexão nos levou a considerar que a entrada em cena das ciências sociais com seus conhecimentos e métodos de investigação chegara à Rede Agronomia, que a atraiu, com a força de um ator nos moldes descritos por Latour (2012,p.75, “o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção”. Uma nova posição sujeito representada pela Sociologia, na figura da pesquisadora Mota. Um novo ator a trazer consigo uma rede de associações a suscitar outras tantas conexões, cuja formação discursiva foi fundamental rastrear para observar que modificações pôde provocar na relação com a mulher rural no trânsito pesquisa-usuária/o final, etapa focalizada nesta investigação.

Por isso, mais uma vez, investigar a forma de comunicação da equipe - agora sob a perspectiva das ciências sociais - nos ajudou a acompanhar os passos da pesquisa na busca de soluções para o problema da perda de remanescentes de mangabeira, observando em que bases discursivas fora construído o referido ato de resistência, examinando que tipo de associações alimenta este braço da rede e como se deu a renovação no *repertório de laços sociais*, conforme recomenda a sociologia das associações. (LATOURE, 2012).

Acompanhamos a trajetória desta rede em duas frentes diferentes, mas simultâneas: a comunicação com **a comunidade** (interpessoal) e a comunicação com a **academia** (produção/artigos científicos embasando políticas públicas), que se retroalimentam. Começamos pela primeira, o diálogo com a comunidade, descrevendo momentos mais significativos - para esta investigação - da etapa vivenciada em campo ao lado da equipe de pesquisa. Em seguida, observaremos como o trabalho de campo do grupo se reflete na produção acadêmica e vice-versa. Finalmente, apresentaremos a configuração da Rede Sociologia e as considerações finais.

3.1 Em campo com a equipe de pesquisa

A busca pela substituição de um gravador com problemas consumiu da equipe de pesquisa pelo menos duas horas daquele primeiro dia de trabalho de campo, indicando a relevância do equipamento para a programada visita a comunidades de catadoras de mangaba de Sergipe. Desta vez o trabalho da comitiva seria acompanhado por pesquisadora sem vínculo direto com membros do grupo. Solucionada a questão do gravador, a agitação permanecia, revelando-se em telefonemas endereçados àquele que, integrante do “núcleo duro” da equipe, não estaria presente à missão. As ligações telefônicas revelavam o grau de entrosamento e intimidade do grupo e versavam sobre publicação de artigos conjuntos e tarefas relacionadas a encontro que promoveriam no mês seguinte - um dos motivos que os levava às duas comunidades. Mas algo mais agitava o grupo. A presença da pesquisadora “estrangeira” parecia causar certo desconforto. Embora declaradas oficial e antecipadamente, as intenções da pesquisadora foram checadas e questionadas uma a uma e sorvidas junto com o café da manhã, que antecedeu a viagem à comunidade extrativista. Teríamos longos minutos de convívio no interior do automóvel que nos levaria ao povoado, cuja saída fora retardada por conta do gravador. Mesmo assim a pausa numa padaria, local amigável para um “olho no olho”, não fora descartada. Indício de que a estratégia de contato e comunicação da equipe estava em curso.

Assim teve início a etapa do trabalho de campo realizada entre os dias 06 e 16 de abril de 2013. Para tal, a estratégia foi nos guiarmos pela agenda de trabalho da equipe de pesquisa¹⁹ dentro de sua programação e objetivos específicos – primeiro porque o objetivo era observar como atuam para o desenvolvimento dos projetos em curso, não sendo, portanto, conveniente promover uma saída a campo sem uma motivação real do grupo, cujos membros, além de desempenharem atividades diversas, encontram-se lotados em centros de pesquisa distintos e localizados em diferentes estados: Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju/SE, e Embrapa Amazônia Oriental em Belém/PA, cidade onde reside membro vinculado à Universidade Federal do Pará, parceira da Embrapa no projeto. Foram acompanhados três dos cinco membros que, segundo informaram, compõem o chamado “núcleo duro” do grupo: a pedagoga Dalva Maria da Mota, com formação em Sociologia Rural, pesquisadora da Embrapa e professora da Universidade Federal do Pará; a profissional de Marketing, Raquel Fernandes Rodrigues, ex-orientanda da primeira e também vinculada à Embrapa e, finalmente, o doutor em Sociologia Rural de nacionalidade alemã, Heribert Schmitz, professor de Sociologia da Universidade Federal do Pará.

Apesar de restrições impostas pela equipe ao acompanhamento de parte dos trabalhos, sob justificativa de sigilo de pesquisa, nos foi possível fazer entrevistas e observar de forma direta a interlocução do grupo com catadoras/es durante visitas realizadas entre os dias 8 e 10 de abril aos povoados sergipanos nos quais a mobilização das comunidades é maior e de onde saíram as principais lideranças: Pontal e Capoã situados, respectivamente, nos municípios de Indiaroba e Barra dos Coqueiros. A motivação da equipe era o convite a lideranças e integrantes das comunidades para o *Intercâmbio entre Mulheres Extrativistas de Mangaba das Regiões Norte e Nordeste do Brasil*, evento que promoveriam no mês subsequente no Município de Maracanã/PA, e a coleta complementar de dados para investigação referente à avaliação de alcance e qualidade de políticas públicas junto ao segmento.

¹⁹ Para manutenção da simetria de procedimentos de abordagem junto ao público alvo da pesquisa, solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido também aos pesquisadores, que, no entanto, abriram mão do anonimato. Somente foi solicitada assinatura àquelas/es extrativistas ou não a quem formalmente se entrevistou.

Aos momentos de acompanhamento das práticas da pesquisa junto ao público alvo da equipe, somaram-se aqueles em que pudemos observar a interação da equipe entre si - e comigo, inclusive, possibilitadas pela viagem compartilhada num único veículo e nas pausas para as refeições feitas com o grupo da pesquisa, momentos também aproveitados para a realização de entrevistas. Por outro lado, enquanto a equipe deslocava-se para hotel nas proximidades de Pontal, nos foi possível permanecer no povoado mediante a hospedagem, por dois dias, em casa de uma das catadoras de mangaba, quando a observação participativa potencializou a experiência na/com a comunidade. No povoado Capoã a visita foi feita primeiro em acompanhamento à equipe de pesquisa e depois sem sua companhia para as entrevistas com membros da comunidade. Nessa etapa foi possível observar o nível de compreensão da comunidade sobre o trabalho daquela equipe em relação/distinção a outros grupos de pesquisa que atuam no povoado e a diversidade de demandas que a presença da academia suscita.

O trajeto de Aracaju a Indiaroba tem cerca de dez quilômetros, o que dá em torno de 1h30 de automóvel, mas a viagem durou um pouco mais que isso devido paradas para almoço e contato com extrativista. A impressão de que também eu era alcançada pela estratégia de contato e comunicação da equipe na pausa para o café foi confirmada no caminho para a comunidade de Pontal. A atitude foi interpretada como zelo com o objeto de estudo e como um cuidado com a preservação da relação construída junto às catadoras de mangaba, já que a equipe de certo modo emprestava a reputação construída junto aos povoados, endossando minha presença. A equipe demonstrou coesão nas respostas aos questionamentos sobre sua forma de atuação, visivelmente coordenada pela socióloga, que, no entanto, buscava respaldo nos colegas, em especial da companheira da Embrapa.

Durante o trajeto foi possível observar como a equipe vai colhendo material com que constrói suas reflexões e mantém sua rede de associações ativa. Além de compartilharem informações sobre a região em que a primeira comunidade visitada está inserida, constatavam o avanço da especulação imobiliária sobre novas áreas de ocorrência da mangabeira. Placas anunciando a venda de terrenos iam surgindo às margens da estrada reforçando a preocupação da equipe que parava para ampliar o acervo fotográfico, construído conjuntamente com fotos ora produzidas por

um ora realizadas por outra, e alimentando o banco de imagens que documenta as crescentes mudanças na paisagem local.

Ao longo da permanência nos povoados, observaram-se três tipos distintos de contato da pesquisa com a comunidade tradicional. O primeiro deles chamaremos **contato casual** porque, apesar de previsível, parecia não constar da programação da equipe. A segunda forma de contato é o **informal**, porque se assemelha a uma visita de amigos, embora busque atender a uma espécie de protocolo para a circulação do grupo na comunidade, revertido em oportunidade para estreitamento de laços, sondagens iniciais e preparação para a terceira forma de contato: **formal**. Para este último é agendado dia e horário com a catadora para a realização da entrevista, ambas as partes se preparam com antecedência. Todas essas formas de contato confluem para uma forma de contato que não presenciamos, tendo sido apreciada em entrevistas e pela consulta a documentos: os encontros. Neles reúnem-se extrativistas de vários povoados, ocasião em que os dados levantados pela equipe são formalmente compartilhados com o grupo e apresentados de modo a gerarem não apenas reflexões, mas levarem à ação. Foi durante esses encontros que fatos marcantes da trajetória das extrativistas tiveram espaço, como a própria decisão de criarem o MCM, a designação do segmento, a redação do hino das catadoras assim como as cartas endereçadas ao MPF em que apresentaram os conflitos vividos e suas reivindicações.

O contato casual pode acontecer nas ruas do povoado ou na estrada, que vira parte do “laboratório” da equipe, até porque é também local para a venda da mangaba por extrativistas. Foi assim a primeira oportunidade de observação participante, pela qual damos início ao relato do trabalho de campo da equipe de pesquisa junto aos povoados.

3.1.1 O lugar da mulher na estratégia de comunicação – o diálogo com a comunidade

A mulher ocupa lugar central na estratégia de comunicação da equipe de pesquisa da Embrapa na interlocução junto às catadoras de mangaba, mas vejamos como se expressa nas práticas discursivas. O encontro com Mariana²⁰ exemplifica o contato casual e seu relato mais pormenorizado oferece oportunidade de observar a estratégia de diálogo com as extrativistas que

²⁰ Nome fictício

evidencia e trabalha em cima de elementos da dominação masculina na estrutura familiar, trazidos à tona pelos relatos das mulheres. O encontro não programado era, no entanto, perfeitamente previsível frente à forma de atuação do grupo, que adequa-se às condições das catadoras de mangaba para desenvolver seu trabalho. A banca cheia de mangabas à vista provocou o interesse da equipe que resolveu fazer uma parada. Ao notar a presença de “clientes” a catadora surgiu de dentro da casa e sorridente veio nos receber, logo reconhecendo o pessoal da pesquisa, embora sem chamá-los pelo nome.

A mudança no layout da placa que anuncia a “mangaba de queda” foi o mote inicial da conversa de interesse comum, que atuou no reforço de laços pesquisa-catadora, dado o fato de a equipe notar e destacar a mudança. Dona Mariana contou que a filha confeccionara a nova placa, informação que deu lugar a mais um passo na aproximação, motivada pela atividade da coleta da fruta, que é também um assunto de família:

Dalva: – *Tinha uma menina que vendia aqui...*

Mariana: – *É, minha filha. Ela que saiu **na foto de vocês**... Agora ela trabalha como auxiliar de dentista.*

O mesmo caminho tomado pela outra filha, também trabalhando em consultório odontológico, segundo contou a mãe sem esconder uma ponta de orgulho: *dei o “estudozinho” que podia dar, elas fizeram o curso e passaram, graças a Deus!*

Dalva: – *Então ninguém mais vai ficar catando mangaba...*

Mariana: – *Vai sim! Eu né, que vou até os 90 e tanto, se puder...*

Dalva: *Mas as filhas...*

Mariana: - *As filhas **trabalham**, não vão querer... Mas no final de semana elas vêm aqui **me ajudar**.*

Perguntada sobre como aprendeu a lidar com a mangabeira, a catadora disse catar mangaba desde pequena, mas também viver na maré (*catando aratu, siri, ostra*) atividade em cuja decorrência adquiriu problemas de saúde que anteciparam a aposentadoria.

No diálogo mantido pela equipe com a extrativista, aspectos da vida familiar chegam associadas à atividade produtiva – como informações sobre benefícios sociais trabalhistas que estão no foco de interesse da pesquisa - bem como oportunidade para avaliar o envolvimento das mulheres em atividades propostas pelo MCM. Após recordar as habilidades de Mariana na confecção de bolachinhas de mangaba, a pesquisadora reata mais um laço com a extrativista que se anima recordando a aparição em programa televisivo. E somente então pergunta se a senhora tem participado do projeto de fabricação de doces artesanais, ao que a mesma responde negativamente, argumentando ter sido convidada, mas não ter tempo por cuidar da mãe idosa.

A socióloga então pergunta sobre a idade da catadora e diz quantos anos tem. Numa brincadeira - que deixa o único homem na posição de espectador – Dalva e Raquel me introduzem na conversa, sugerindo que Mariana adivinhe quantos anos tenho. Acabo por dizer minha idade e o número de filhos e pergunto à extrativista quantos filhos tem. – *Ah... filho nós não faz as conta...* , responde provocando risos. À vontade, Mariana revela sua idade (58 anos) e o número de filhos: *tive oito, com um aborto, nove.*

Todas falamos sobre nossas idades e famílias numa “identificação” que se deu pelo “feminino”. Dalva reage à juventude e à quantidade de filhos da catadora com expressões regionais: *eita bicha nova da gota!* E ainda: *Mariana, mas tu é fienta, hein!* Ponto em que a extrativista detém-se sobre os motivos e consequências da separação do marido. *Meu ex-marido deixou eu porque eu não queria ter mais filho, porque eu liguei... vou arrumá uma que é pra produzi e multiplica,* repete as palavras do marido de quem se separara há 20 anos, tendo ficado com a guarda dos filhos.

Mariana segue contando dos 21 filhos da ex-sogra e dos 19 filhos de sua mãe, hoje com 90 anos, de cujos cuidados também é responsável. Ela revela não ter se casado mais: *trabalhei tanto aí pra...*A frase é completada por Raquel: *Pra chegar um e levar...* Em seguida vem Dalva e arremata: *no Pará tem uma música que diz assim: mulher trabalhou tanto para limpar o igarapé (igarapé lá é um riozinho) depois do igarapé pronto quem comanda é o zé mané,* obtendo a

concordância da extrativista. Dalva ressaltou a esperteza de Mariana, que respondeu: *não estudei*. A pesquisadora então replicou: *se tivesse, incendiava o mundo, como dizia minha mãe*.

Ditos populares e regionalismos pontuaram os diálogos. Foi por meio de um deles, surgido em determinado momento, que a socióloga tentou levar o pesquisador para a conversa. “*Coisa oferecida ou tá podre ou tá ardida, tem algum dito assim na Alemanha?*” O ditado com rima em alemão provocou risos e o teor se assemelhava mais àquele outro brasileiro que diz “cavalo dado não se olha os dentes”, mas cumpriu o papel de colocar na roda o pesquisador de sotaque e aparência tão diversos daqueles encontrados na região.

Apesar da ausência do engenheiro agrônomo da equipe, Mariana relatou à equipe a preocupação com o aparecimento de folhas queimadas em pés de mangabeira de seu terreno, numa demonstração de que o caráter multidisciplinar da equipe é visível para a catadora – dado o fato de o agrônomo não estar presente. A profissional de comunicação foi quem deu o retorno à demanda técnica apresentada, dizendo que o atendimento já estava sendo encaminhado no âmbito da Embrapa.

A descontração observada no encontro “casual” à beira da estrada com Mariana repetiu-se em todas as visitas realizadas naquele primeiro dia no povoado, cujos objetivos eram: “comunicar” que estavam ali (desenvolvendo trabalho de pesquisa e revendo amigos/as num só tempo); convidar/garantir a participação e representatividade de membros da comunidade no evento que a equipe organizava para o mês seguinte e, ainda, **agendar** com algumas catadoras as entrevistas relacionadas ao levantamento sobre o acesso da comunidade a políticas públicas. Encontros pelas ruas do povoado por vezes antecipavam visitas e faziam correr a notícia de que a equipe estava na comunidade.

Contatos informais - Nas visitas informais, o primeiro estágio da conversa assemelhava-se mais ao reencontro de amigos, em manutenção de laços por meio da ativação da memória de histórias compartilhadas, invariavelmente suscitadas pela socióloga e em duas frentes: a pessoal/familiar e aquela relacionada aos primórdios do MCM. Desse modo, sempre figuraram nos diálogos iniciais comentários sobre o desenvolvimento das crianças/prole (diferenças na estatura, semelhanças e

mudanças fisionômicas, desenvolvimento escolar), o nascimento do bebê, cuja mãe fora visitada ainda durante a gravidez, casamentos e problemas conjugais e de saúde em família, um novo corte de cabelo. Também a equipe da pesquisa se colocava em revista. Exemplo disso foi o comentário de um das catadoras: *Dalva tem de ter menino*, em referência ao conhecido fato de a pesquisadora *ainda* não ter filhos.

À conversa de amigos que se reencontram (melhor dizendo, amigas porque geralmente os diálogos eram puxados pela socióloga com as mulheres extrativistas aparentemente pela formação que lhe conferiria maior destreza na condução dos diálogos seguiam-se memórias envolvendo a cata das mangabas e a organização das mulheres. *Você se lembra da gente preparando o primeiro encontro? E aquela foto que tiramos de você, achou um lugar bem bonitinho pra ela? A senhora lembra que aceitou conversar comigo e eu escrevi a sua história, uma história linda... Lembra como era sua casa quando a gente chegou por aqui? Lembra como eram as casas nessa rua?*

As memórias chegavam misturadas aos relatos de fatos ligados ao MCM como relacionamento com as lideranças e à projeção do movimento junto à sociedade, em instâncias internacionais, inclusive, como o Fórum Social Mundial realizado na Tunísia, em 2013. Depois das memórias e troca de ideias sobre problemas e obstáculos ao avanço da organização a equipe apresentava os motivos de sua presença no povoado fazendo os convites para o evento do mês seguinte e para a participação na pesquisa em desenvolvimento.

A atuação mais visivelmente ativa esteve sempre com a socióloga, mas era perceptível que os demais membros da equipe tinham tarefas definidas na observação e encaminhamento dos diálogos. A técnica em comunicação e o pesquisador ficavam na retaguarda observando aspectos que seriam posteriormente discutidos em reuniões que realizavam ao final do dia, no hotel, principalmente assuntos considerados restritos à equipe. A estratégia de ação pôde ser percebida pela observação das conversas e do comportamento da equipe durante as refeições, que fazíamos juntos em pequeno restaurante do povoado.

Contatos formais – A equipe se dividiu para as entrevistas. Acompanhei a socióloga e a comunicadora, que atuaram em conjunto, embora as perguntas ficassem prioritariamente a cargo da primeira. E foi visível a transformação no comportamento de pesquisadoras e catadoras para o momento da entrevista agendada. O contato revestiu-se de formalidade que inexistia no dia anterior. As entrevistas acompanhadas aconteceram ao ar livre, no quintal das casas das catadoras, o que não implicava necessariamente na falta de privacidade necessária à atividade, mas caso o ambiente revelasse ausência dessa proteção a entrevista assumia outro nível de profundidade - numa decisão consensual entre as pesquisadoras, uma mudança de estratégia que passaria despercebida a observador menos atento.

Mesa e cadeiras de uso cotidiano das famílias e especialmente ajeitadas para o encontro somavam-se aos blocos de anotações e gravador das pesquisadoras, indicando estar ali uma relação diferente da mantida no dia anterior, com regras próprias, embora baseada nos laços de confiança já firmados. Dado o caráter sigiloso conferido às informações a serem obtidas nas entrevistas sobre benefícios sociais e políticas públicas, não me foi permitido gravar, fotografar ou anotar – o que poderia caracterizar-se como minha participação na equipe de pesquisa que não integro. Atitude que revela a ética como elemento central na manutenção da relação de confiança mútua consolidada junto à comunidade ao longo de uma década.

Identidade - A Força do Interdiscurso



“A identidade se constitui através de processos de identificação do indivíduo com posições de sujeito presentes no interdiscurso, processos que são de natureza ideológica e se dão pela inscrição do indivíduo na língua afetada pela história”

(ZOPPI-FONTANA, 2003 p.10)

Estudo realizado pela equipe de pesquisa da Embrapa e parceiros em 2007, junto aos povoados de Pontal/SE e Salvaterra/PA, levantou dados que puderam evidenciar o imaginário referente ao extrativismo da mangaba: uma atividade secundária ou marginal no conjunto dos afazeres da população. (MOTA et al, 2008). A identificação da posição sujeito catadora de mangaba com esse interdiscurso cotidianamente reforçado (dentro e fora do âmbito familiar) conferiu uma identidade negativa às mulheres extrativistas. A catadora Ilsa, de Japuratuba/SE deixa à vista o impacto dessa identificação: *“Muita gente aqui não deu o nome que apanhava mangaba porque achava que era uma coisa de pobre...”(LIBERATO, 2011, 5’56”)*. Ou seja, o indivíduo que assim age, no desejo de recusar tal posição sujeito marcada como desfavorável no interdiscurso, acaba por reforçar a identificação do extrativismo de mangaba com esse imaginário contra a qual Dona Ilsa se coloca. O levantamento apontava aí o tipo de tarefa a ser feita: a partir do

compartilhamento das informações colhidas possibilitar às extrativistas se deslocar no interdiscurso para outra posição - e em relação de oposição àquela que lhes perpetua o lugar da inferioridade e submissão. Informação compartilhada por meio da comunicação direta e interpessoal com potencial de fazer emergir nas catadoras a força que as moveria em direção à reivindicação e defesa de seus direitos - entre os quais a conservação de áreas de ocorrência natural de mangabeiras.

Dona Ilsa nos mostrou como se sedimenta entre as extrativistas uma posição sujeito cuja identificação baseia-se no passado histórico de exclusão que marca a região ocupada por escravos (MOTA et al, 2011). Já a catadora Mariana, nos ajuda a ver como esse impacto se dá na memória discursiva no momento atual, quando valores do mercado se impõem e avançam indistintamente sobre as relações do meio rural tanto quanto no mundo urbano. A extrativista contrapõe o trabalho com carteira assinada, conquistado pela filha no consultório odontológico, ao extrativismo da mangaba que pratica sem vínculos empregatícios, embora desenvolvido com autonomia e até prazer – aspectos paulatinamente perdidos com a redução das áreas de livre acesso ao recurso natural. A situação obriga as catadoras a longas caminhadas na busca pela fruteira ou mesmo a aceitarem o risco da coleta feita em áreas cercadas ou a imposição de pagarem pelo acesso às mangabeiras.

Do diálogo da catadora com a equipe de pesquisa percebe-se o pouco valor que Mariana atribui a si mesma, quando ao receber elogios argumenta não ter estudado – outro valor social de que boa parte das extrativistas está destituída²¹. A comunicação baseada na empatia deixa aparente, desde o início, sua face dialógica expressa no interesse pelo outro e pela realidade cotidiana na qual está inserido estão na base da interlocução mantida pela equipe da pesquisa como se vê nas intervenções da socióloga no diálogo.

A equipe de pesquisa buscou e obteve dados que ajudariam a caminhar na direção de produzir uma memória discursiva diversa daquela em vigor ao constatar que 70% dos rendimentos das famílias provinham da atividade. Numa sociedade que prestigia atividades de valor econômico,

²¹ Estudo sobre o perfil das catadoras apontam que 35% são analfabetas, especialmente as mais idosas, sendo que 48% delas encontra-se na faixa etária acima dos 50 anos, seguidas por aquelas com idades variando entre 31 e 40 anos, que somam 27% (MOTA et al, 2011, p. 117/118)

mostra-se aí a oportunidade de despir o extrativismo da mangaba de seu caráter secundário na manutenção da família – como igualmente foi feito com o extrativismo no contexto ambiental.

Onde, então, o motivo do baixo valor social da atividade de significativo valor econômico para as comunidades? A pesquisa apontou como provável resposta à questão a supervalorização das atividades realizadas pelos homens em detrimento daquelas comandadas por mulheres. A investigação constatou que 75% dos catadores eram mulheres, sendo que em Sergipe o seu predomínio é quase total (MOTA op.cit.,2011, p. 159/160). E, nesse ponto, o levantamento encontrou a informação com a qual a equipe trabalharia para reverter em positiva a identificação das mulheres com a atividade, frente à família, à comunidade e a si mesmas, em especial.

A opção da equipe, como se pôde observar pela prática discursiva adotada junto às extrativistas foi na base da identificação entre uma e outras, tendo como ponto comum a posição sujeito mulher - ocupada tanto pelas catadoras como pela socióloga (e a comunicadora). O mesmo acontecendo com a forma como é explorado o fato de compartilharem igualmente as raízes da cultura nordestina – incluindo aí também o agrônomo. Tal aspecto é perceptível no emprego de termos e expressões regionais *fienta* e *eita bicha nova da gota*, reforçados pelo sotaque e ditos populares. Na boca da equipe de pesquisa a cultura regional ganha valor e coloca em aproximação os saberes científico e popular, comumente apresentados de forma dicotômica ao público “leigo”. Da interlocução pesquisa-catadoras pode-se inferir ainda que atua como importante ponto de convergência o fato de, apesar de catadoras e equipe de pesquisa ocuparem posições sujeito diferentes, poderem enunciar de um lugar comum – marcado pela resistência ao movimento hegemônico historicamente instituído no meio rural brasileiro.

Os encontros informais com Mariana e com as demais catadoras durante a visita da equipe de pesquisa aos povoados invariavelmente apresentaram conversas de conteúdos relacionados à condição da mulher no âmbito familiar (mãe e esposa) associados a aspectos da atividade extrativista, de perfil familiar. Ainda que se possa questionar a existência de uma cultura feminina nos moldes colocados por Mota et al (2011) parece ter sido com base nela que a equipe de pesquisa investiu para potencializar a sintonia com as extrativistas:

Essa cultura é observada nos temas tratados naqueles espaços. Ali discutem temas não só relativos aos filhos, mas também aos companheiros, às questões domésticas, etc. Não é à toa que autores observam que a identidade das mulheres no universo do trabalho não se constitui especificamente por aquela atividade. (*op.cit.p.,2011p. 159*)

A comunicação interpessoal foi essencial, portanto, no levantamento dos dados etnográficos e construção de laços de confiança da comunidade com a equipe, mantidos na base da troca de conhecimentos e pela regularidade dos contatos, que por sua vez resultaram na construção de uma memória compartilhada. A socióloga Dalva Mota, em entrevista para fins desta dissertação, apresentou do seguinte modo a metodologia adotada pela equipe:

“Não existe um método que seja universal e bom pra tudo. Os contextos são diversificados, coisas que funcionam muito bem em um lugar não funcionam num outro. Agora, existem pressupostos. A gente trabalha num pressuposto de que o respeito ao outro é necessário. Mas nós também temos o pressuposto que se ele sabe muitas coisas eu também sei. É todo mundo na experiência aprendendo. Nesse processo cada um vai aportar, mas a gente aposta muito no protagonismo das pessoas” (Dalva Mota – 2013)

A pesquisadora lembra as bases em que a pesquisa se posiciona na interlocução com as catadoras de mangaba: *“Eu sou ator no processo, se eu não tiver a chance de sugerir eu tô fora (...). O primeiro encontro foi pensado pela gente e eu tenho orgulho; se não fosse ele elas não seriam conhecidas”*.

A interlocução pesquisa-catadoras se deu movida pela confluência de interesses fortemente estabelecidos: de um lado as catadoras de mangaba ansiosas pela preservação de seus modos de vida - a sobrevivência física e cultural da família e comunidade – de outro pesquisadores/as atuando na sobrevivência de seu objeto de pesquisa na empresa: a conservação de fruteiras nativas do Nordeste e a defesa do extrativismo enquanto forma válida de fazê-lo. E mais: apostando num novo jeito de promover a comunicação na etapa compreendida por nós como o trânsito pesquisa-usuário final.

Neste caso, a solução de pesquisa – criação de reserva extrativista da mangaba - não seria entregue à sociedade ao final do processo de investigação, posto que a prerrogativa de reivindicar

tal direito está nas mãos das catadoras de mangaba. Não adiantava à pesquisa, por meio de métodos científicos, identificar no segmento uma comunidade tradicional portadora de direitos se a própria comunidade não se reconhecesse como tal. A resposta, neste caso, teria de ser construída ao longo do processo de investigação e de forma participativa. Os modelos de déficit ou difusionista não se ajustavam ao caso das catadoras, embora a situação tenha exigido investimento em inovação, conforme relata a socióloga Dalva Mota:

“Nosso trabalho não resultou numa tecnologia, mas a gente teve uma inovação em relação a método de trabalho. Esse é um jeito completamente diferente de trabalhar, porque ao mesmo tempo que você produz conhecimento você estimula certa mobilização para a ação. É tanto que até 2007 ninguém sabia que elas (catadoras) existiam. Hoje tem políticas específicas pra elas, então isso é inovação.”

O desafio da atuação em ambas as frentes: pesquisa e mobilização social foi sendo vencido com a formação de uma estrutura multidisciplinar da equipe de pesquisa para dar conta dos diversos aspectos em jogo. As catadoras de mangaba deveriam estar dispostas a reconhecer os efeitos de sentido de exclusão direcionados ao segmento ao invés de negá-los - como vinham fazendo ao assumir o extrativismo como uma forma provisória de sustento da família, mera *ajuda* no orçamento familiar. Sendo assim era preciso entender a lógica da produção desse discurso que se opõe ao discurso da posição sujeito ocupada pelas catadoras. Nesse sentido a designação instável do segmento (ora apanhadoras ora pegadoras ora catadoras) atuava contrariamente à estratégia que deveria apoiar-se na singularidade histórica dos sujeitos (ZOPPI-FONTANA, 2003). O que justifica o empenho da equipe de pesquisa em provocar o surgimento do nome coletivo que as designaria a partir de então: Catadoras de Mangaba, conforme deliberação das extrativistas durante encontro realizado em 2007 em Aracaju/SE.

3.1.2 O lugar da academia na estratégia de comunicação

Conforme dissemos anteriormente, na rede Agronomia, a busca na base de dados da Capes nos mostrou a ocorrência de pesquisas focalizando a mangabeira sob dois aspectos, em especial: o agrônomo e o socioambiental, sendo anteriores os trabalhos localizados no contexto agrônomo.

Embora em menor quantidade e mais recentes, trabalhos acadêmicos associando mangaba e mangabeira a termos de cunho ambientalista também surgiram na busca em bancos de teses e dissertações. Ecologia, manejo sustentável, conservação, reserva legal levam o debate sobre o extrativismo para outra direção e perspectiva – não mais como contraponto da “exploração racional”, mas como atividade amigável do ponto de vista ambiental. Esse momento, a partir de 2007, é paralelamente seguido do entendimento de que o extrativismo da mangaba é uma atividade sob comando feminino – palavra que traz para o seu entorno outras comumente vinculadas às ciências sociais: etnografia, cultura imaterial, história oral.

É possível considerar que a aparição do tema sob tal perspectiva decorre, em boa medida, da atuação da equipe de pesquisa da Embrapa e parceiros, que de 2007 a 2013 orientou oito dissertações de mestrado e um trabalho de conclusão focalizando a atuação das mulheres no âmbito do extrativismo da mangaba. Entre as áreas de conhecimento envolvidas estão: agroecossistemas, ciências agrárias e desenvolvimento rural, agriculturas familiares e desenvolvimento sustentável e ciências sociais. Todos os trabalhos abordaram a problemática do extrativismo da mangaba da perspectiva das mulheres e seus conflitos como a conciliação dos papéis desempenhados no campo e na família.

Mas investir no aumento da produção de conhecimento sobre o extrativismo da mangaba como atividade feminina, predominantemente, a partir do envolvimento de estudantes de graduação e pós-graduação revela apenas parte da estratégia de comunicação da equipe junto à academia - viabilizada pelo fato de alguns dos pesquisadores atuarem também como docentes em universidades. O começo do diálogo com a academia data de 2003/2004, quando a estratégia alcançava nível de importância equivalente ao da mobilização das catadoras. Foi quando a equipe de pesquisa iniciou, ela mesma, a tarefa de recolher e “contar histórias” e o trabalho etnográfico deu mostras de seu valor no contexto da busca de soluções de pesquisa a perda de remanescentes da fruteira. Um trabalho costurado entre o campo e a academia, fundamental no reconhecimento técnico científico de que entre as “apanhadoras” havia mais do que um atividade ocasional, que ali estava a reproduzir-se um modo particular de vida compatível com o de uma comunidade tradicional.

Também no âmbito da Embrapa as primeiras pesquisas, realizadas pelo agrônomo especialista em conservação de fruteira nativas Josué Francisco da Silva Jr, focalizavam os aspectos agronômicos da mangabeira. No entanto, desde 2003, o trabalho foi assumindo seu caráter multidisciplinar e de investimento na produção acadêmica. O esforço transformou a socióloga da equipe em bolsista de produtividade garantindo “situação confortável” frente aos colegas do centro de pesquisa – curiosos com o tipo de atividade que lhe teria valido tal prestígio fora das ciências agrárias. Porém, tal destaque não parece ter sido a única preocupação do grupo – cuja situação vantajosa no quesito produtividade acadêmica certamente resultaria na maior facilidade para acessar recursos (humanos, materiais e econômicos) para o desenvolvimento de atividades junto às extrativistas, sabidamente um segmento excluído, até então, da atenção prioritária dedicada às *commodities*.

O registro das investigações que levaram ao delineamento do perfil e modos de vida das catadoras em publicações e a sua divulgação em fóruns de discussão acadêmica seriam fundamentais ao endosso científico da caracterização daquela comunidade como tradicional. De 2003 a 2013, entre livros e capítulos de livros a equipe conta 13 publicações, mesmo número de artigos publicados ou submetidos a periódicos, que por sua vez se somam a outros 37 artigos e resumos em anais de eventos, segundo dados atualizados em janeiro de 2014, fornecidos pelo pesquisador Heribert Schmitz. A participação, já em 2004, na Reunião Brasileira de Antropologia é um exemplo do trabalho de “formiguinha” levado a cabo pela equipe multidisciplinar.

Os resultados das pesquisas foram sendo transformados em artigos que exploraram o extrativismo da mangaba nos aspectos social, ambiental e agrônomo, de modo a divulgá-lo e colocá-lo em debate e receber o aval dos pares em fóruns promovidos por essas diversas áreas. É possível encontrar trabalhos sobre o tema em anais de congressos de Economia e Sociologia Rural, de Fruticultura, de Agroecologia e em encontros como o da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Também não escaparam da mira da equipe os eventos internacionais como o Simpósio de Recursos Genéticos para América Latina e Caribe e o Encontro Internacional Política e Feminismo. Desse modo, a atuação da equipe confere

capilaridade ao tema por meio de conexões diversas dessa rede multidisciplinarmente constituída e em constante movimento.

LEI - Os esforços direcionados à comunidade e à academia confluíram para a promulgação da lei estadual 7082, em dezembro de 2010. Nela, o governo do Estado de Sergipe reconhece as Catadoras de Mangaba como grupo cultural diferenciado e estabelece, conforme esperado, o autoreconhecimento como critério do direito à proteção de suas “*formas próprias de organização social, seus territórios e recursos naturais, indispensáveis para a garantia de sua reprodução física, cultural, social, religiosa e econômica*”. (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SERGIPE, 2010)

Comunicação com pares – âmbito interno

A atividade intensa junto aos pares em âmbito externo não se repete nas unidades da Embrapa nas quais membros da equipe de pesquisa estão lotados, segundo afirmou a socióloga da equipe. A pesquisadora apontou a quase inexistência desse diálogo com os pares no centro de pesquisa de Belém, cujos colegas desconhecem o trabalho que desenvolve.

Representantes do comitê pró-equidade de gênero da Embrapa Tabuleiros Costeiros também informaram não ter conhecimento do trabalho realizado por integrantes da Unidade junto ao segmento de mulheres negras extrativistas. O mesmo não acontecendo com a equipe de comunicação chamada a fazer coberturas jornalísticas dos eventos, sendo igualmente responsável pela produção local dos programas DCTV e Prosa Rural.

Mas a comunicação menos intensa internamente não significa que a equipe tenha deixado de fazê-lo por meio de publicações técnicas, em sua maioria disponível no site da empresa. O cuidado do grupo com o registro das experiências e atividades desenvolvidas na interlocução com a comunidade extrativista tem sido sistemático, inclusive a trajetória percorrida no campo da mobilização social. Para tal a equipe lança mão de instrumentos já desenvolvidos institucionalmente como os folderes, por exemplo, que funcionam simultaneamente na divulgação da programação dos eventos junto aos participantes, mas menos na função de convite – feito pessoalmente como vimos no trabalho de campo.

Relatórios das atividades circularam também na série Documentos (MOTA et al 2008b), que possibilita maior detalhamento das ações como visto no caso das capacitações solidárias realizadas pela equipe, em 2007. Do documento constaram programação, lista de presença, justificativas e metodologia utilizada na abordagem junto às extrativistas. O ineditismo da iniciativa é destacado no documento que indica a “ruptura no modelo no qual os técnicos e pesquisadores ensinam e as catadoras aprendem”. Na capacitação denominada solidária “todos os participantes ensinaram e aprenderam”, diz a equipe ao apresentar a metodologia.

3.1.3 Rede Sociologia – Mangabeira: insumo de uma mobilização

*“Ele (Josué) começou a observar o papel das mulheres na conservação dos recursos, aí me desafiou. ... a amizade começa pela mangaba”
Dalva Mota (2013)*

Seguir as os passos da equipe de pesquisa e rastrear suas formas de comunicação junto às extrativistas e à academia já sinalizaram a maneira como a rede vem sendo constituída e o funcionamento das estratégias discursivas na manutenção dos laços. O depoimento da pesquisadora Dalva Mota com o qual abrimos esse tópico relata o momento em que a equipe em formação passa a conferir dimensão multidisciplinar aos trabalhos. A rede Sociologia chega para dar conta daquilo que não pôde ser respondido pelos genes da fruteira, por si insuficientes para “reivindicar” a conservação da árvore de valor local. Ao banco de germoplasma da mangabeira devem associar-se informações sobre o seu comportamento na natureza e na interação com gerações de extrativistas, cuja convivência com a planta conferiu saberes significativos para a conservação da fruteira também do lado de fora dos laboratórios, onde se movimenta toda uma rede heterogênea de atores.

Em mais essa rede, que compartilha da mangabeira de perspectiva diversa, a informação relevante está principalmente do lado de fora da semente, nas gentes que vivem da coleta dos seus frutos, bem como na dita rede de atores que a elas se conectam. Aqui, não são os microscópios ou as imagens de satélite que fazem o foco, mas a etnografia já que as extrativistas passam a ser o objeto de investigação. Essas mulheres estão, portanto, na base da Rede Sociologia que investiu anos na formação de laços com a comunidade até vê-las reconhecidas como tradicional, conforme observado na estratégia de comunicação com as catadoras.

No entanto, é o momento de mais uma vez destacar que à medida que o trabalho com a comunidade avança maior é a coesão da equipe de pesquisa, cuja divisão em redes deveu-se a imperativos metodológicos – identificação de redes como posições sujeito –que permitissem o desmembramento das redes para observarmos as associações que cada área de conhecimento agrega, localizarmos os silêncios presentes nas formações discursivas de cada elo e, finalmente, melhor dimensionarmos o impacto da atuação multidisciplinar nos resultados alcançados.

É igualmente oportuno destacar, neste momento de mapeamento da rede, que sob o guarda chuva que ora denominamos Sociologia abrigam-se o doutor em ciências agrárias Heribert Schmitz, e a profissional de marketing, Raquel Fernandes, que chegam à equipe “pelas mãos” da socióloga Dalva Mota.

E, claro, o componente “agronomia” continua determinante para o funcionamento da equipe enquanto tal, como demonstrou a entrada do elo Ecologia, cuja raiz identificamos como ligada à Rede Agronomia, mas que andou de mãos dadas com a Rede Sociologia ao agregar como fundamental a participação das catadoras no desenho do Mapa das áreas de extrativismo. Sem contar o apoio na defesa técnica da criação de uma reserva extrativista da mangaba entre as saídas para a perda de remanescentes da mangabeira no que se refere à problemática das extrativistas.

Além da marcada presença da área de formação do agrônomo Josué Silva Jr. e da socióloga, é visível o aporte teórico e a experiência de Schmitz nas publicações e estratégias de organização das extrativistas, conforme demonstrou o leque de fóruns de debates em que a equipe inscreve trabalhos. O doutor em ciências agrárias aparece como primeiro autor de obras que focalizam mais especificamente os conflitos sociais no acesso às plantas e a gestão coletiva dos bens comuns.

Embora a participação da profissional de marketing (assim como a de Schmitz) tenha sido classificada como de suporte ou bastidor na etapa de campo acompanhada por nós, foi possível verificar como a responsável pela comunicação no grupo surge no suporte à produção e elaboração de peças de comunicação voltadas ao diálogo com a comunidade tradicional, como

folderes para os Encontros, por exemplo, ou na articulação do contato para divulgação de ações da equipe, via assessoria de imprensa da UD da empresa. Conforme observado, a analista participou, inclusive, como fonte, entrevistada na edição do programa radiofônico Prosa Rural que tratou da conservação da mangabeira.

Mas não é só. Raquel Fernandes aparece como coautora ao lado de equipe de pesquisa na maior parte das publicações, tendo dividido com o ecólogo Daniel Mascia Vieira a coordenação, análise dos dados e levantamento de campo em cinco municípios para fins da elaboração do Mapa do extrativismo. A profissional está igualmente na linha de frente do trabalho *Experimentação participativa e agroecologia em assentamentos rurais de Sergipe* junto às catadoras de mangaba do assentamento Agroextrativista São Sebastião, em Pirambu/SE.

O funcionamento da equipe como um somatório de diferentes habilidades, conforme destaca a socióloga ao descrever a equipe, passa a ser um diferencial na atuação do grupo que vemos concretizado no crédito às participações em artigos e publicações, denotando também no âmbito da equipe o relacionamento simétrico entre as áreas de conhecimento, dado pela valorização das respectivas colaborações, bem como na ausência de hierarquização em termos de função/cargo. São raros os casos em que, na Embrapa, um comunicador/a esteja mais proximamente vinculado ao departamento de pesquisa (DPD) do que aos núcleos de comunicação. No entanto, não registramos entre as publicações da equipe nenhuma voltada à área de comunicação social ou a apresentação de trabalhos em fóruns desta área de conhecimento em particular, que irrigariam esse elo na Rede Sociologia, refletindo a robustez da participação ao longo dos trabalhos. Vale considerar que a rede atua preferencialmente na comunicação interpessoal, podendo ser opção da equipe manter em segundo plano o relacionamento direto com a mídia.

Outros Elos

Manter a mídia em segundo plano certamente não foi a estratégia de comunicação do elo que entrou na Rede Sociologia por duas vias simultâneas: o poder público e a academia. Tal conexão está representada na figura da também pedagoga, doutora em Educação e docente da Universidade Federal de Sergipe, Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus. Era ela quem, em 2007,

ocupava o cargo de Secretária-adjunta de Inclusão, Assistência e Desenvolvimento Social de Sergipe (Seides) por ocasião do primeiro encontro das catadoras, que lhe bateram à porta solicitando apoio para realização do evento.

A professora conta que o órgão atuou junto à comunidade fazendo levantamentos sobre moradia, além de desenvolver ações voltadas à segurança alimentar e nutricional, sendo o foco prioritário a inclusão produtiva das extrativistas por meio da criação de renda – aspecto que vai marcar a diferença entre a atuação das equipes da UFS e da Embrapa, embora ambas as vertentes concordem que a saída estrutural para a redução de áreas para o extrativismo da mangaba está na criação da Resex.

Em 2009, ao regressar para a academia, a professora inscreveu projeto junto ao CNPq²² com recorte de gênero e étnico-racial, segundo contou, igualmente voltado à produção e geração de renda. A pesquisa-ação incorporou membros do grupo que já atuavam pela Secretaria. “*Desenvolvemos oficinas junto às mulheres, registrando todas as frutas, as práticas e ao mesmo tempo fazendo a transferência também de conhecimentos de tecnologia que elas não dominavam como um todo*”, detalha a educadora. O projeto foi desenvolvido nos povoados de Porteiras, Itapoã e Pontal. Neste último, por estímulo do grupo, teria sido criada a associação das catadoras (Ascamai) como um espaço onde pusessem “*produzir e comercializar e ainda se encontrar para discutir seus problemas e demandar políticas públicas*”, conta Sônia de Jesus.

Concluído o projeto do CNPq, a professora propõe às catadoras a participação em edital da Petrobras, que resultou na aprovação do projeto que seguia a linha do anterior: *Catadoras de Mangaba - Gerando renda e tecendo uma vida justa e sustentável*, com duração de dois anos (2011/2012), renovado para 2013/2015. A estatal investiu no primeiro período R\$ 1,3 milhão, que teriam sido gastos na criação de seis unidades produtivas em diferentes povoados, alcançando mais de 700 mulheres.

O projeto patrocinou a aquisição dos equipamentos que fariam funcionar as cozinhas artesanais, arcou com os custos das capacitações para fabricação de doces, compotas, bebidas (suco, licor), bem como com o aluguel de imóveis para abrigá-los. Os recursos também foram utilizados no

²² http://www.catadorasdemangaba.com.br/publicacoes/Relatorio_Final_Praticas_das_Catadoras-1.pdf

desenvolvimento de um Plano de Comunicação para as extrativistas, por meio da Ascamai. Entre os equipamentos que começam a fazer parte da atividade das catadoras na etapa de agregação de valor estão despoldadeiras, mesas de inox, fogões industriais, fornos, liquidificadores, painéis, enfim todo o necessário para o funcionamento das cozinhas, de produção artesanal – que apesar dessa característica deve seguir as normas que regulam a agroindústria de alimentos, o que tem exigido das extrativistas o trato com a legislação bem como o relacionamento com órgãos reguladores e fiscalizadores das normas.

De acordo com a idealizadora do projeto, as oficinas também dedicam espaço ao debate das relações de poder no âmbito privado e público tendo como um dos instrumentos pedagógicos o Teatro do oprimido²³. As oficinas são ministradas por assistentes sociais, jornalistas, especialistas em questões ambientais, contabilidade, pedagogas, engenheiros florestal e de alimentos. As mobilizadoras do movimento, cuja indicação seria feita pelas próprias catadoras de mangaba, recebem telefones móveis para facilitar a tarefa de convocação das demais catadoras de mangaba para eventos e capacitações, servindo também ao contato com a equipe da UFS, como informou Jesus. Segundo a professora, a Petrobras patrocina a ação com recursos provenientes do setor de comunicação e espera como contrapartida também a visibilidade.

O Plano de Comunicação chega nesse contexto, mas assume papel relevante na sedimentação da identidade da comunidade tradicional dentro e fora dos povoados. Além da criação e manutenção do website²⁴ (e sua manutenção), o plano incluiu a produção do vídeo documentário *Mulheres Mangabeiras*, um CD com o Hino das Catadoras entre outras músicas e registro de manifestações orais de circulação entre as extrativistas. A prestação de serviços de assessoria de imprensa e comunicação às catadoras de mangaba é outro item do Plano, dado o destaque que a interlocução com a imprensa assume no contexto do Projeto. “Nós fizemos o lançamento das duas linhas dos produtos na feira e chamamos todas as rádios pra anunciar”, conta Jesus, acrescentando que cópias do vídeo e do CD foram distribuídas aos povoados. A professora defende a exposição das

²³ “Um Método que busca, através do Diálogo, restituir aos oprimidos o seu direito à palavra e o seu direito de ser”, conforme informa o portal na internet do Centro de Teatro do oprimido (CTO), dedicado à pesquisa e difusão do método. Uma criação do teatrólogo Augusto Boal que “partindo da encenação de uma situação real, estimula a troca de experiências entre atores e espectadores, através da intervenção direta na ação teatral, visando à análise e a compreensão da estrutura representada e a busca de meios concretos para ações efetivas que levem à transformação daquela realidade” <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-do-oprimido/>.

²⁴ <http://www.catadorasdemangaba.com.br/>

catadoras de mangaba na mídia numa iniciativa que visa reposicionar a imagem das extrativistas da mangaba junto à sociedade local.

Com relação à equipe da Embrapa, a professora destaca que não desenvolvem pesquisas conjuntas, embora busquem promover um ambiente de apoio mútuo a despeito de considerar que “hoje a própria pesquisa é muito competitividade”. Para ela, as pesquisas desenvolvidas pela empresa de pesquisa agropecuária são de grande importância para a comunidade tradicional, com importante papel na preservação dos recursos genéticos.

Mas para a equipe de pesquisa da Embrapa e parceiros, o fator determinante para o desenvolvimento de projetos paralelos é o fato de os grupos priorizarem enfoques diversos sobre o tema. O foco sob coordenação da professora da UFS seria, segundo Dalva Mota, *“primeiro produzir para depois cuidar dos recursos e nós entendemos que sem recursos não tem produção”*. Para a socióloga *“uma coisa é certa, as catadoras sem acesso aos recursos dificilmente poderão ser chamadas de catadoras”*.

A partir de 2010, houve segundo Mota uma alteração na atuação da equipe, que teria saído da “trincheira”. A pesquisadora detalha a mudança: *“a gente decidiu que já tinha muita gente trabalhando com as catadoras e o grupo decidiu trabalhar na produção de conhecimento para trabalhar as políticas específicas para as catadoras”*. A pesquisadora explica que *“o sentido de mobilização política (na atuação de sua equipe) é sob demanda”*. E acrescenta: *“nosso trabalho é pesquisa”, “não extensão”*, arremata Raquel Fernandes.

No entanto, ambas as equipes, concordam que a solução para a problemática da comunidade tradicional passa pela articulação de políticas públicas voltadas à *“realização de reforma agrária específica para as catadoras de mangaba, enquanto instrumento de desenvolvimento e inserção social e econômica”* (VIEIRA, 2010). Também para a professora da UFS, a criação da Reserva Extrativista da Mangaba (Resex) é a solução estruturante. A reserva é um dos sete tipos de Unidades de Conservação de Uso Sustentável, descrita na Lei nº 9.985 de 2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação e Uso Sustentável (SNUC), cujo Art. 20 nos seguintes termos:

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável é uma área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2000)

3.1.4 CONSIDERAÇÕES

Em face de sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência).

(ORLANDI, 2007, p. 29)

A mulher está no centro de atenção da Rede Sociologia em que a univocidade observada no discurso da rede agronomia é abandonada em favor do diálogo. Ao ampliar aquele campo de visão, saindo da semente para o seu entorno, humano inclusive, a pesquisa agropecuária abarca um número maior de posições sujeitos. A equipe continua falando da posição da pesquisa, mas assume um novo lugar de enunciação para dialogar com o segmento constituído por mulheres negras e nordestinas que vivem do extrativismo.

E como é que na Rede Sociologia o discurso da resistência se engendra nas práticas de associação?

Seguindo os protagonistas desta Rede percebe-se que, ao contar a história das extrativistas de outro lugar de enunciação – de resistência - a equipe de pesquisa traz à tona aspectos silenciados ao longo de décadas. Uma tarefa levada a cabo a partir da atração de elos, cujas práticas discursivas estiveram em aliança com o discurso em favor do extrativismo. O discurso de resistência adotado pela equipe de pesquisa, no entanto, traz também em seu bojo o elemento de oposição, igualmente evidenciado para conferir-lhe o sentido de resistência.

De modo a explorar tal discurso no âmbito da ação desenvolvida, a equipe opta por localizá-lo no debate submissão x dominação que, por sua vez, lhes propicia o questionamento das estruturas

de poder que mantém as catadoras em posição desfavorável - negando-lhes o protagonismo e a voz necessários à sua mobilização na defesa dos recursos naturais daquela posição que lhes assegura direitos específicos: de comunidade tradicional.

Observamos como aqui o extrativismo da mangaba aparece em aliança com atores que mantêm o discurso da conservação ambiental, da biodiversidade e da diversidade cultural, mas em contraposição ao discurso do mercado, cuja rede de atores lhes dão respaldo a imperativos como o de *commoditização* do campo brasileiro (plantios homogêneos) e do avanço da especulação imobiliária (resorts/condomínios) sobre áreas de beleza natural e vegetação nativa.

O extrativismo da mangaba é uma atividade de perfil familiar, levando por consequência ao questionamento da estrutura de poder também no âmbito doméstico. Desse modo, a estratégia da equipe evidencia a importância da mulher em contraposição à dominação masculina. Vimos como os dados levantados pela equipe apontaram para o pouco valor social atribuído ao trabalho feminino, a despeito de seu valor econômico para a comunidade tradicional. As informações justificariam a estratégia da equipe que privilegia a interlocução com a mulher em detrimento do diálogo com o masculino. A equipe parece se alinhar ao feminismo de “segunda onda” cuja crença é a de que:

... alterando-se as maneiras como as mulheres são percebidas, seria possível mudar o espaço social por elas ocupado. Por esse motivo o pensamento feminista de segunda onda colocou reivindicações voltadas para a igualdade no exercício dos direitos, questionando ao mesmo tempo as raízes culturais dessas desigualdades. (PISCITELLI, 2009, p. 133)

Durante todo o processo de interlocução pesquisa-catadoras é possível observar a equipe de pesquisa “organizando seu *texto* em relação à imagem que prefigura seus leitores” (sejam eles constituídos pelas extrativistas, pelo Poder Público, pela academia). Mas a equipe não parece ter ativado o mecanismo de antecipação a fim de projeta-se imaginariamente no lugar do outro constituído pela mulher negra.

O binarismo que funcionou como facilitador na atração das mulheres para a mobilização em torno de objetivos comuns pode também estar na base do silenciamento do componente racial do segmento, reconhecido nas pesquisas da equipe, mas silenciado nas estratégias de interlocução

observadas, e igualmente não identificáveis nos documentos que registram os encontros promovidos junto às extrativistas. Segundo avalia Piscitelli:

O conceito de patriarcado, útil do ponto de vista da mobilização política colocou sérios problemas no que se referia às particularidades da condição feminina em diferentes lugares e épocas. (op.cit. p.135)

No entanto, o exercício do olhar questionador frente às estruturas de poder não têm limites ou fronteiras. Exemplo disso são os conflitos que começam a surgir no âmbito do MCM com queixas voltadas ao comportamento de lideranças com rebatimento nas equipes externas que mantém trabalhos junto à comunidade. Para a equipe de pesquisa da Embrapa, que investe no acesso a políticas públicas a aos recursos naturais como forma de melhoria na vida das catadoras de mangaba, os conflitos são vistos como positivos à renovação de lideranças, atuando na manutenção do Movimento. Já a professora que coordena a equipe da UFS entende que o aporte de recursos públicos pode em algum momento ser uma “faca de dois gumes”, mas argumenta que seria impossível realizar as ações de mobilização e criação de renda sem esse suporte. A educadora encara os conflitos no âmbito do movimento e no desenvolvimento do projeto como esperados em processos de mobilização social, assim como o fato de os questionamentos, por vezes, recaírem sobre as equipes externas que atuam junto às catadoras de mangaba.

3.2 Seguindo as extrativistas

A força com que as catadoras de mangaba emergiram no contexto da pesquisa desenvolvida pela Embrapa e o impacto no redirecionamento de sua atuação decorrente da constatação da importância do segmento na conservação da mangabeira colaboraram na identificação das extrativistas como elemento formador de uma rede específica a partir da posição sujeito ocupada por elas. As catadoras agiram na perfeita definição de ator, segundo Latour (2012, p 108), “modificando uma situação e fazendo diferença”. No contato com as extrativistas foi que o especialista em conservação de fruteiras nativas, Josué Francisco da Silva Jr., percebeu que essas mulheres se constituíam em parte do problema e da solução para a perda de remanescentes de mangabeira, identificando, então, a pertinência de atrair profissionais de outras áreas para a ação, cujo caráter multidisciplinar foi responsável por ampliar o alcance da pesquisa e o leque de soluções possíveis por seu intermédio.

Ver de perto como em seu dia a dia as catadoras de mangaba constroem e mantêm associações a partir dos pressupostos de sua posição sujeito foi o que motivou o acompanhamento das extrativistas em campo. Nesta etapa do trabalho nos debruçamos sobre o material discursivo levantado por meio de entrevistas informais realizadas no intuito de complementar a observação participativa, que nos ajudou a observar como as catadoras de mangaba se relacionam entre si e com a mangabeira e qual papel atribuem à pesquisa no contexto da atividade extrativista bem como do relacionamento com a sociedade em geral. Com igual finalidade observamos peças de comunicação produzidas da perspectiva da organização das mulheres.

3.2.1 Mangabeira: insumo da sobrevivência física e cultural



Vista de Pontal Imagem: Valéria Costa

Indiaroba fica entre os rios Sergipe, ao norte, e Real, ao sul, por cuja travessia é possível chegar às praias de Mangue Seco. Famosa por suas dunas de areia, a cidade baiana foi imortalizada no romance *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado, transformado em novela televisiva na década de 80. O município serviu de locação para a produção televisiva e deixou marcas na vida dos povoados da região, que até hoje vive do turismo estimulado naquela ocasião.

Aos que vivem sob a lógica do trabalho urbano, com dias, horários e locais determinados para o desempenho das atividades laborais e de lazer, causa impacto a chegada a um povoado cujas principais atividades são ainda ditadas pelo ritmo da natureza. É possível, então, entender porque o olhar apressado e compartimentado das metrópoles demora a enxergar os limites entre vida familiar, social e trabalho quando surgem entrelaçados de forma harmoniosa e emoldurados por paisagem de “catálogo de agência de turismo” como acontece no povoado Pontal, localizado no município de Indiaroba, microrregião Estância.

O encontro casual com um pescador ajudou a visualizar a comunidade da perspectiva de um morador do povoado. Enquanto a esposa colocava as roupas para secar no varal instalado sob os coqueiros, à sobra deles, na margem do rio, o marido cortava lenha perto das embarcações ali atracadas. Após ter aproveitado a maré da manhã por três horas, o pescador aguardava a possibilidade de sair novamente enquanto fazia a manutenção dos equipamentos e cortava lenha. “*Aqui a gente não tem horário pra pesca, sai de manhã, às vezes sai assim pela tarde, pela noite, sai assim de madrugada, depende do horário da maré*”, explica, afirmando que a atividade é suficiente para o sustento da família. O pescador²⁵ de 56 anos, que está há 20 anos na atividade ensinada pelo pai, conta que tem um casal de filhos, a caçula universitária vivendo em Salvador e o rapaz, que seguiu a profissão do pai: “*eu sou pescador, digo, tem de pescar também*”. Embora as mulheres da família também pesquem, o trabalhador diz que apenas os homens têm barcos, utilizados na pescaria feita no rio e com rede em busca do robalo, pescada, tainha. O pescador explica que, a exemplo de outros homens, também se dedica à cata de caranguejo no mangue. Já as irmãs, como as demais mulheres, pescam principalmente no período da maré seca (siri, sururu). A esposa, segundo disse, o acompanha na pescaria de barco, mas não havia ido naquele dia porque “*tinha roupa pra lavar*”. Perguntei se ele também lavava roupa e prontamente respondeu. “*Não. Ai problema de casa é com ela*” - embora tenha assegurado saber cozinhar, pois aprendera na época em que morou só.

²⁵ O pescador, cujo nome omitimos para preservar sua identidade, aceitou conceder a entrevista, concordando que a conversa fosse gravada e as informações fornecidas utilizadas para fins desta investigação (concordância registrada na gravação em áudio), embora as circunstâncias em que o encontro se deu inviabilizaram a assinatura do termo de consentimento.

Na coleta da mangaba ele admite atuar: *“eu tenho uma propriedade de mangaba... aí já botei uma cercazinha, mas o pessoal não deixa não, mesmo cercado o pessoal não deixa não... pegam e não sabem cuidar da planta, acaba morrendo a mangabeira”*, queixa-se.

O pescador, que tem nível fundamental completo, contou que começou a catar mangaba há apenas seis anos, na chácara que possui ali mesmo. Pergunto se a mãe, de 86 anos nascida no povoado, havia sido extrativista de mangaba e ele responde: *“ela era filha de pescador”*, ressaltando que nunca teria sido catadora de mangaba apesar de ser proprietária das terras em que boa parte das extrativistas do povoado colhe a fruta. Também a filha nunca trabalhara na pesca nem na cata de mangaba: *“só estudando, graças a Deus”*. Irmãos e irmãs moram no povoado, boa parte na mesma rua, mas o pescador explica que cinco sobrinhos vivem em Salvador, para onde foram com o objetivo de complementar os estudos, permanecendo por lá até hoje. Em quatro anos o pescador espera estar se aposentando pela pesca. Enquanto isso aproveita as horas de folga para dormir, assistir televisão e jogar futebol com os amigos. O trabalhador conta já ter saído de barco com membros de equipes de pesquisa, mas considera não ter identificado mudanças em sua vida a partir da atuação de pesquisadores/as na região.

A maioria das entrevistas feitas com mulheres extrativistas de mangaba no povoado mostrou realidade diversa da vivida pela família do pescador, mas mergulhada no mesmo contexto. A hospedagem em casa de uma catadora de mangaba ofereceu oportunidade de acompanhar a vida em Pontal de sua perspectiva. Também aqui as atividades produtivas da família acontecem de forma colaborativa tanto no âmbito do núcleo básico, constituído por pai, mãe e três filhas como no núcleo estendido da família da catadora, as irmãs que residem nas imediações. Mas as tarefas domésticas continuam como responsabilidade das mulheres, não sendo compartilhadas pelo único homem da casa que, no entanto, recebe o suporte da esposa e da filha mais velha (19 anos) para tocar o pequeno estabelecimento comercial mantido no povoado. A esposa e a primogênita se revezam nos cuidados com a casa (limpeza, preparando alimentos, lavando roupas e louças) e atenção às duas meninas menores (acompanhamento das tarefas escolares, horários de alimentação e higiene). A ausência da mãe nos períodos dedicados à cata da mangaba e atividades relacionadas ao MCM determinou a dinâmica da casa, tendo motivado inclusive a mudança para o período noturno das aulas da filha mais velha do casal. Quando a adolescente

chega do colégio as irmãs já estão dormindo, mas no dia seguinte é a primeira a estar de pé auxiliando a mãe, no preparo do café da manhã da família, ou o pai, no comércio local. O final da tarde é reservado às tarefas escolares, às quais se dedica ouvindo música.

“Quando eu estudava de tarde que era complicado. Mainha saía, às vezes ia pra reunião das mangaba, passava dois dias, três, aí ficava eu pra fazer as coisa tudinho sozinha. Ia pra padaria de manhã, 5 horas, depois vinha pra casa fazer as coisa, fazê as comida, quando ia pra escola ia morta. Aí mainha mudou eu pra de noite, ficou melhor pra mim, ainda posso descansá e 4 h ir pra padaria e depois ir pra escola, que o ônibus sai daqui 6 e meia (da tarde). Elas (irmãs) fazem as coisa quando não tem ninguém em casa, tá todo mundo viajando. Eu gosto de limpar a casa, comida é fácil de fazer, aprendi praticamente sozinha.” (DÉBORA)

A adolescente, que já fez curso de informática, conta que uma tia teve 12 filhos, trigêmeos da última gestação, e avalia que *“o povo casava muito novo aqui. Acho que ainda não sei muito da vida pra ter um relacionamento”*. Mesmo assim os planos para o futuro incluem uma casa própria, marido e filhos. A irmã caçula que a escutava em silêncio chega à conversa para dizer que deseja outras coisas: *“estudar para ser veterinária”*. Nenhuma delas incluiu nos planos a lida no mangue ou na mangaba. Mas a mãe se esforça pela valorização do trabalho que desenvolve: *tenho três filhas e todas elas eu sempre levo pra mostrar o meu trabalho, pra elas vê como é a vida, pra elas ver meu trabalho e mais tarde quando elas crescerem, tiverem tudo moça elas lembrarem: ah minha mãe me levou pra fazer isso”*. (VÂNIA). Débora no entanto argumenta, *mainha é ruim demais, como a senhora aguenta?*, lembrando a lama fria do mangue e a necessidade de levantar de madrugada para colher a mangaba (embora o faça para atuar no comércio).

Antes das 6 horas da manhã já é possível ouvir o movimento das catadoras pelas ruas do povoado seguindo em busca da mangaba. A extrativista que me acolheu em sua casa não as acompanhou, preferindo seguir mais tarde para uma área de mangabas localizada nas imediações. No trajeto até lá, fora das ruas principais do povoado, pequenas casas feitas de palha ou de alvenaria ainda em construção se misturam com pequenos animais que andam soltos por entre equipamentos de pescaria, como redes e até barcos. A catadora vai acompanhada de um sobrinho de dez anos, munida de um balde e o gancho com o qual retira as mangabas localizadas fora do alcance das

mãos, segue indicando as árvores a serem exploradas. As mangabeiras crescem ao redor do cemitério local entre áreas de acesso livre e outras nem tanto, já que delimitadas por cercas de arame farpado.



Foto: Val

O garoto parece divertir-se ao mesmo tempo em que recolhe as frutas já caídas ou derrubadas pela tia – nenhum dos dois demonstra incômodo com a câmera com a qual os observo, ao contrário, parecem agir no entendimento do que precisa ser focalizado. No caminho de volta para casa, a catadora faz pausas para encontrar parentes. Uma das irmãs, agachada no chão da cozinha, lava as mangabas dispostas numa grande bacia. A catadora mostra a geladeira, vazia de alimentos, mas abastecida depois da cata de caranguejos e aratu que esperam pela limpeza, etapa para a qual contará com a colaboração da irmã.

Saindo dali, logo adiante, a catadora aproveita para fazer um afago no bebê da sobrinha que aguarda a chegada do pessoal com quem negociará a venda da mangaba colhida. Os homens chegam de camionete e vão se aproximando das casas em que as catadoras já os aguardam com o produto. A negociação segue com as catadoras atentas às idas e vindas na definição do preço a ser pago. As ofertas são feitas mediante a quantidade disponível, avaliadas sem pesagem.



Foto: Valéria Costa

“Eles vem pegar aqui na porta, o que tiver de mangaba eles vem pegar. Pra gente isso é muito bom. A gente já tivemos também o projeto da Conab de Salvador. A Conab doa pros hospital, pros asilo, pras creche. Antes a gente entregava no hospital de Estância, dali do hospital eles distribuía pras outras unidade, pra outros local”, conta a catadora.

Com a comercialização da mangaba feita na porta de casa fecha-se o ciclo da atividade extrativista para muitas das mulheres do povoado, espaço em que todas as etapas do processo estão circunscritas, mesclando-se às atividades domésticas. Não é muito diferente para aquelas que vendem o produto na estrada.



Foto: Valéria Costa

Mas foi possível acompanhar também a comercialização da mangaba transformada em compotas, bombons, licor e sucos artesanais durante o evento realizado pela faculdade de turismo da UFS, que teve as catadoras como foco. As catadoras foram convidadas a compor a mesa ao lado de docentes e estudantes e a falarem sobre a atividade extrativista, tendo apresentado o vídeo que retrata suas vidas. Uma faixa em favor do MCM foi estendida próximo à banquinha que montaram do lado de fora do auditório para venderem os produtos artesanais produzidos pela comunidade. Uma amostra do trabalho de divulgação que tem sido necessário fazer a partir do lançamento dos produtos, para garantir destaque nesse nicho de mercado - que ampliam os laços a serem mantidos pela Rede Catadoras.

Nas entrevistas, a opção foi valorizar a espontaneidade das respostas por isso optou-se pela gravação das conversas em gravador (uma única em vídeo) com o suporte do caderno de notas que, no entanto, ficou em segundo plano. Lançamos mão da entrevista do tipo não estruturada em detrimento do cumprimento de um roteiro rígido de questões, que poderia comprometer a espontaneidade perseguida. No entanto, para alcançar os objetivos da ação julgamos importante, na medida do possível, durante os diálogos com as catadoras focalizar quatro aspectos em particular: atividade extrativista (o que é ser catadora de mangaba/significado da mangabeira/como iniciaram a atividade); vida pessoal/familiar (idade, estado civil, número de filhos, irmãos, divisão de tarefas domésticas, conciliação trabalho/família/MCM); comunicação com comunidade/sociedade (comercialização do fruto *in natura* e processado, mídia); relação com a equipe de pesquisa (histórico, reflexos na vida/MCM, demandas).

Selecionamos abaixo respostas relacionadas às questões sobre a qual as catadoras têm se debruçado e que diz respeito à identidade do grupo frente ao extrativismo: o que é ser catadora de mangaba e a importância da mangabeira.

(1): “*Mangabeira é tudo pra nós (...). É como se **ela fosse nós, ela quer nosso zelo**”*
(ELAINE²⁶, 30 anos, 3 filhos, casada aos 18 anos, primogênita de família de cinco filhos – Capoã)

²⁶ Para preservar a identidade das catadoras de mangaba entrevistadas para fins desta dissertação optamos por lhes dar nomes fictícios ao invés de identificá-las por números ou ainda pelas iniciais – no momento em que assinava o

(2): “Catadora de mangaba é ser várias coisas, é ser mulher, é ser mãe é lutar pela preservação da árvore que é símbolo do estado de Sergipe, é ir cata mangaba, é cuidar da mangabeira é pescar é ser marisqueira. Catadora de mangaba é tudo isso, várias outras práticas.” (FÁTIMA: 28 anos, solteira, sem filhos, terceira filha de família de cinco irmãos)

(3): “Catadora é tudo: mulher, mãe, amiga, companheira. E a mangabeira? **É uma mãe dá o fruto; quando tem problema ela resolve**” (SELMA: 26 anos, casada aos 13 anos, tem 5 filhos, - Pontal)

(4): “Não tenho vergonha, foi da mangaba que eu tirei o sustento das minhas filhas. Tinha vez que meu marido tava desempregado eu pegava **mangabinha** e ia pra feira, com a mangaba já trazia **nossas comprinhas**”. (VÂNIA: casada aos 13 anos, 3 filhas – Pontal)

(5): “Mangabeira **ajuda** muito. Importante... eu não tenho emprego, vivo dessas **coisinhas** que eu cato aqui, vivo da manga, do caju e da mangaba, principalmente da mangaba, que dá seis meses - **outras pessoas como eu que não tem emprego nenhum só a renda das mangaba mesmo**”. (BETH, casada, uma filha, - Capão)

(6): “Ela serve dá pra **comprar umas besteira** pagar uma dívida, **ajuda bem**”. (BEATRIZ, 57 anos, 7 filhos vivos, o primeiro aos 14 anos, nunca se casou “já fiz 12, ou 13 filhos já” - Pontal, mas concedeu entrevista em Mangue Seco onde trabalha em pousada além de catar mangaba)

(7): “A mangabeira, aqui, é da onde a maioria das família tira o sustento para **sobreviver** com as família. Quando não tem mangaba passa muita dificuldade” (NEUZA 30 anos, 6 filhos, o primeiro com 14 anos, separada)

(8): “ Mangaba? eu pra mim significa tudo é só o que eu sei, **eu não sei lê, estudei mas não aprendi, só assinei**” (LUNA 35 anos - divorciada tem seis filhos - Pontal)

(9): “Fica difícil, mas pra mim mangabeira significa assim... uma fonte de renda né, uma fonte de renda que **ajuda bastante**, pra mim acho que é isso” (RITA 27 anos tem duas filhas e um filho – 15 16 e 19)

(10): “Aqui ou é a mangaba ou é a pescaria ou o mangue. **Estuda se não quisé se esbagaça nas mangaba** ou no mangue” (DÉBORA, 19 anos, estudante ensino médio, filha de catadora de manga - Pontal)

É perceptível em todos os depoimentos a associação do extrativismo da mangaba à sobrevivência física e que o sentido positivo atribuído à atividade ainda está especialmente circunscrito a esse particular. Por outro lado, igualmente chama a atenção, mais uma vez, o pouco valor que as

termo de consentimento, uma das extrativistas aproveitou para rever a permissão dada para esse tipo de identificação adotada em pesquisas anteriores.

catadoras – mesmo aquelas que atuam no MCM – ainda atribuem à atividade, que sequer consideram como trabalho, e a si mesmas, por consequência.

As equipes da Embrapa e da UFS têm investido no desenvolvimento, junto à comunidade, de símbolos e marcas para o MCM que colaborem na *criação do sentimento de pertença, de identificação com o outro e consigo próprio, criando uma ideia do coletivo* (MOTA et all, 2011, p 276). Os depoimentos, no entanto, mostram que ainda há um caminho a ser trilhado nessa busca das catadoras pela constituição de nova identidade calcada em matriz ideológica diversa daquela contra a qual se debatem. Ainda pesa fortemente o interdiscurso que por gerações colocou em oposição saberes popular e formal; assim como igualmente põe em lados opostos e hierarquicamente diferenciados trabalhos de mulher e de homem – conforme ficou evidenciado no depoimento do pescador. Para gente como Daniela que “estudou, mas não aprendeu” ou para quem não estudar só restará se “*esbagaçar*” na cata da mangaba ou no mangue, como diz Débora.

O uso do diminutivo: *mangabinhas, comprinhas e coisinhas*, que se assemelha a “besteiras”, minimizam o valor econômico da atividade entre a população e mantém em pleno funcionamento o efeito de sentido de outro termo recorrente: *ajuda muito, ajuda bem, ajuda bastante*, mas é sempre *ajuda*, marca de uma atividade coadjuvante no imaginário da população.



Foto: Valéria Costa

Por outro lado, a memória afetiva vinculada à atividade de perfil familiar e tradicional reveste de sentido histórico e cultural a coleta da mangaba. Elaine conta: “*Já cato mangaba desde minha infância junto com meus pais, eles já são catadores há muitos anos, já veio de meus avós, vem de pai pra filho, de neto pra bisneto. Meu pai começou a me levar com idade bem menos dela (apontando a filha de 10 anos)*”.

“Cato mangaba desde que me acho por gente, minha mãe ensinou a catar mangaba. Foi minha avó que foi a primeira catadora de mangaba” (FÁTIMA)

Para permanecer no campo do cultural, lembramos Marilyn Strathern (STRATHERN, 2006, p. 20), para quem o conceito de gênero compreende as categorizações de artefatos, eventos, tecnologias, além de pessoas, baseadas numa imagética sexual. No caso das catadoras de mangaba, é visível como a mangabeira assume feições femininas, conforme se depreende das falas das extrativistas. Acrescentamos outras duas citações àquelas já indicadas (1) *É como se ela fosse nós, ela quer nosso zelo* e (3) *É uma mãe dá o fruto; quando tem problema ela resolve*:

“Se confunde muito a questão da mulher e da árvore. É até é engraçado, as pessoas tratam a gente como mangabeira porque nós tamo tão imbricada nessa relação com a mangabeira que... quem é quem? Tem umas mangabeira que chega um período elas fica com os cabelos, com os galhos que saem assim (mostra com as mãos) e parece a gente quando vai catar mangaba que vem toda descabelada no sol.” (FÁTIMA)

“A mangabeira se parece mais com a mulher porque as mulher hoje em dia tem mais coragem que os homem; e a mangabeira é corajosa todo mundo agride a bichinha e ela continua botando. E o homem, se machuca, ele já fica distante... e a mulher por mais que é machucada continua ali, firme”(NEUZA).

É comum ouvir entre as catadoras a expressão “ela que bota” para justificar a semelhança da mulher com a mangabeira, numa referência ao papel reprodutivo. Este é reforçado com a simbólica do leite materno identificado com o látex produzido pela árvore e que apresentaria propriedades benéficas à saúde, ação curadora. Assim, para as extrativistas, defender a mangabeira é de certo modo defenderem a si mesmas e o conhecimento acumulado na relação direta e cotidiana das catadoras com a frutífera. “*A gente morava embaixo da mangabeira acho que aprendi só porque quando acordava ia chupar a mangaba do chão*”, conta Selma.

A situação nos faz retomar com Paveau no que diz respeito à sua compreensão de que na articulação entre discurso e seus exteriores “*também uma árvore ou um prédio podem constituir agentes psíquicos que contribuem para a elaboração cognitiva*” (PAVEAU, 2007,p.313), como no caso das extrativistas da comunidade tradicional em foco.

A mangabeira, portanto, no nosso entender, constitui-se no principal ator não-humano em torno do qual giram as Redes Agronomia, Sociologia e Catadoras de Mangaba, que se conectaram especialmente para resolver um problema denunciado pela própria fruteira, que *ausenta-se* de regiões onde antes estivera alimentando famílias de extrativistas, “por meio de práticas materiais de coletivização e transmissão de pré-discursos”, segundo Paveau. (op.cit. 2007. p.325)

“A gente pega ela (mangaba) quando tá de vez, bem de vezinha que a gente tira ela, porque se tirar ela verde ela não presta pra fazer suco, não presta pra nada. E quando a gente for capotar pra levar pra feira ou pra levar para alguma pessoa ela não serve. Encapota é por na vasilha e embrulhar ela com jornal, ali não pode mexer porque tirou de vez (não madura), mas mesmo tirando ela assim, de vez, precisa encapotar ela fica bonita fica toda amarelinha como se fosse de caída. Se tira verde ela fica preta, sem doce, sem gosto pra nada. Por isso a gente tem o maior cuidado quando a gente tá pras mangaba, a gente ensina nossos filhos assim, qual é a de vez ... olha esta aqui tá boa, esta aqui não serve, e tem muita gente que tira pra vender pros cambista, eles chegam e compram tudo de qualquer jeito(...). Ela tem um leite que é medicinal que serve pra dor, pra inflamação. Tem que beber ele com um pouquinho de água. Ele não tem gosto de nada, não é amargo nem doce, a gente toma assim pra pancada. (VÂNIA)

O vazio demográfico apontado por levantamentos que desconsideram as populações que de *forma nômade* se valem de recursos naturais de áreas de vegetação nativa da região não foi suficiente para silenciar a perda de remanescentes de mangabeira. Pelo contrário, assumiu contornos de resistência, em decorrência da rede das catadoras constituída e ampliada a partir das mangabas bem como os aspectos socioeconômicos e culturais gerados pela mangabeira em articulação com o conhecimento prático das extrativistas.

“A gente tá tentando fazer o regimento do movimento e a gente pergunta: mas o que é ser catadora de mangaba? E elas disseram: é ser mãe, é ser benzedeira, é ser raizeira, é ser brincante de samba de coco, de reizado... Várias coisas porque isso tá no dia a dia da gente, é cuidar de seus filhos, ser avó. É a gente tá lutando pela preservação do mangue, do mar. É sempre ter cuidado quando vai catá a mangaba e sempre ter a preocupação de tá preservando essas áreas de restinga, de mangabeira.” (FÁTIMA)

A informação relevante para as catadoras está, portanto, na sua vivência junto à mangabeira, ator com o qual as extrativistas se dispõem a “dialogar”. Interação que se dá na prática mesmo da coleta que propicia a aprendizagem por meio da observação regular de seus comportamentos frente à oferta de recursos hídricos, localização geográfica, estações do ano, entre outros.

3.2.2 Rede Catadoras de Mangaba

Catadora é uma designação política e econômica para mulheres que adotam determinados comportamentos coletivamente elaborados, a partir de constrangimentos e de prazeres que são simultaneamente por elas ressaltados.

(MOTA et al, 2011p. 114)

O que marca a coleta de mangaba como uma atividade de mulher (MOTA et al, 2008) é, em parte, a informalidade com que o extrativismo tem sido praticado ao longo dos anos. A ocorrência espontânea das mangabeiras em áreas de livre acesso, localizadas nas imediações das residências fazia delas uma extensão das casas, e do extrativismo atividade mais facilmente anexável àquelas desenvolvidas no âmbito doméstico, historicamente destinado ao feminino.

Nesse contexto a comunicação interpessoal atende às necessidades das extrativistas que no âmbito da coleta e beneficiamento (lavagem, encapotamento, etc) da mangaba interagem basicamente com a mangabeira, com outras catadoras e com a família. Esse tipo de comunicação também prevalece na etapa de comercialização quando feita pelas próprias catadoras à beira das estradas ou em mediação com as extrativistas que se dispõem a se deslocar para oferecer o produto a donos de bancas em feiras, ou diretamente com intermediários que lhes buscam a produção em suas casas.



Foto: Valéria Costa

Hoje, no entanto, a redução das áreas remanescentes de mangabeira devido à expansão de empreendimentos imobiliários para espaços rurais, igualmente tomados pelas monoculturas, soma-se ao fechamento das propriedades antes utilizadas no extrativismo e torna mais complexa a tarefa da cata da mangaba. Isso tem obrigado as mulheres a ampliarem e diversificarem seu círculo de relacionamentos para manter a atividade, que continua essencial ao orçamento familiar. Sem poder dispor dos recursos naturais como no passado e com os quais alimentam suas famílias e seus modos de vida, as extrativistas tiveram de “levantar suas vozes” para além dos muros dos povoados.

Organizadas, as mulheres extrativistas entendem que necessitam ampliar suas ações, socializar os conhecimentos e as práticas alimentares, **se comunicar com o mundo**, enfrentar o modelo de desenvolvimento que ameaça a existência da mangabeira, gerar renda e tecer vida justa e ecologicamente sustentável em Sergipe. (*CATADORAS DE MANGABA, 2011*)

O texto acima (grifo nosso) que o MCM exhibe na apresentação de seu portal na internet, descreve como isso aconteceu e ajuda a entender como tal discurso foi agregando eles à Rede Catadora,

que incorporou ambas as vertentes desenhadas pelo movimento em parceria com a academia (gerar renda) e a equipe de pesquisa da Embrapa.

Assim, nesta rede, o problema da perda de remanescentes da fruteira localiza-se na junção de aspectos sociais e ambientais resultando em discurso que atrai segmentos específicos da academia (ecologia, sociologia, antropologia), instituições de pesquisa como a Embrapa, além do poder público, organismos de defesa do meio ambiente, de regulação do uso da terra, organizações de defesa e valorização das comunidades tradicionais, partidos políticos, movimentos como o Fórum Social Mundial, e setores como a mídia, entre outros.

O contato das extrativistas com a equipe de pesquisa da Embrapa e parceiros ativa na rede das catadoras o elo com agentes do poder público, em especial, cuja interlocução privilegiou a comunicação formal, no formato carta. O contexto de elaboração de tal documento é comumente o de encontros em que a redação e autoria coletivas são assumidas pela assinatura conjunta, após debates que conferem legitimidade ao documento. As duas cartas abertas das catadoras de mangaba (2007 e 2009) que assumem feição de manifesto e em que se apresentam à sociedade como segmento consciente de sua identidade e, como tal, portadoras de direitos, cujo cumprimento reivindicam. Outro exemplo é a carta endereçada ao Ministério Pública Federal redigida ao final das capacitações solidárias - promovidas em 2008 pela equipe da Embrapa. Entre outras coisas, o documento aponta conflito social decorrente do fechamento de áreas de ocorrência de mangabeiras onde historicamente era feita a extração da fruta.

A legislação brasileira relativa às Unidades de Conservação e Uso Sustentável ajuda a visualizar os elos que as catadoras de mangaba devem criar e alimentar discursivamente, inclusive, na defesa do acesso às mangabeiras – que lhes vão garantir sobrevivência física e cultural²⁷.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) traz na página oficial do órgão, vinculado ao Ministério de Meio Ambiente, a seguinte definição para as

²⁷ As reservas extrativistas herdaram o modelo aplicado na demarcação de terras indígenas sem lotes individuais para viabilizar a manutenção da interação sustentável dos recursos naturais e a sobrevivência física e cultural de populações extrativistas destinando um território inteiro ao usufruto exclusivo dos extrativistas, segundo explica o antropólogo Mauro Almeida (Comciência, 2000), um dos idealizadores da primeira Reserva Extrativista do Alto Juruá, destinada a seringueiros desde 1990.

reservas extrativistas, que estão entre os sete tipos de Unidades de Conservação e Uso Sustentável:

As Reservas Extrativistas são espaços territoriais destinados à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis, por populações tradicionais. Em tais áreas é possível materializar o desenvolvimento sustentável, equilibrando interesses ecológicos de conservação ambiental, com interesses sociais de melhoria de vida das populações que ali habitam. (IBAMA)

Quem visita a página oficial do órgão vinculado ao Ministério do Meio Ambiente pode também acessar um roteiro preparado para orientar as comunidades na solicitação de criação de novas reservas. Um processo que pressupõe a articulação dos moradores com segmentos da sociedade, inclusive no âmbito político, indicando como desejáveis manifestações formais de apoio de prefeitos, vereadores entre outras autoridades locais. O roteiro indica ainda a necessidade de informações que exigem levantamento técnico referente à atividade como número de extrativistas, quantidade de produtos por safra, linhas de comercialização dos produtos e preços – que, no caso das catadoras de mangaba, foram reunidas ao longo de anos pela equipe encabeçada pela Embrapa.

A comunicação na esfera pública não se limita àquela formalmente mantida com órgãos do poder público. O contato com as equipes da UFS, outro significativo elo da rede, viabilizou a introdução de uma nova vertente de comunicação, por meio de veículos de massa. Essa linha de atuação investiu em duas frentes: a criação de renda e de uma nova imagem para as catadoras junto à sociedade que resultaram em produtos distintos: doces, compotas, licor, bombons e peças de comunicação como o vídeo institucional do MCM e o CD com músicas criadas pelas extrativistas e ainda website e o boletim Folha da Mangaba.

O lançamento de cada um desses produtos foi amplamente divulgado na imprensa regional. O Plano de Comunicação (2011/2012) da Associação das Catadoras de Mangaba de Indiaroba/SE incluiu ainda a criação de marca e manual de identidade visual, *facebook*, criação de material promocional e folheteria.



Logomarca do Portal do MCM

No portal do movimento são divulgadas notícias sobre as atividades desenvolvidas pela comunidade tradicional, disponibilizados documentos acadêmicos focalizando a atividade extrativista entre outras informações que buscam intermediar o relacionamento das catadoras com seus públicos de interesse. A equipe de comunicação do Projeto atuou no monitoramento de notícias e na assessoria de imprensa junto às extrativistas, promovendo com elas uma avaliação dos resultados das entrevistas concedidas e dos conteúdos privilegiados na cobertura, que geralmente deixavam de fora reivindicações em conflito com interesses de fazendeiros, conforme relatou a professora Sônia Meire de Jesus, em entrevista para esta dissertação.

Os recursos provenientes do setor de comunicação da Petrobras para o projeto Gerando Renda e Tecendo Vida Justa e Sustentável patrocinaram também o Plano.

Sem dúvida hoje, em Sergipe, as catadoras de mangaba são muito mais visíveis do que eram antes de iniciarem seu processo de organização em 2007, e o projeto patrocinado pela Petrobras. (LIBERATO, 2013).

Outro resultado da maior exposição pública do MCM e da conseqüente circulação do discurso produzido a partir da posição sujeito catadoras de mangaba tem sido a sedimentação de uma

identificação positiva para o segmento junto à sociedade local, para fazer frente às acusações de que ainda são alvo como demonstra o depoimento de uma das catadoras:

“É complicado quando nós vamos pras reuniões, somos chamadas de vagabundas, que não temos o que fazer. Pra maioria dos homens, ela não tem o que fazer, ela deixa filho, deixa marido pra fazer isso, outras mulheres também acabam falando porque não têm essa noção”. (FÁTIMA)

Está em curso um processo de desconstrução desse tipo de imagem erguida na família e comunidade bem como daquela exposta pelos fazendeiros adversários e da construção de outra imagem para o MCM, baseada no respeito às motivações e direitos das extrativistas. Certamente também conta nessa tarefa de reconstrução a divulgação de episódios de êxito no embate pelo acesso às mangabeiras, como por exemplo aquele alcançado no caso do Sítio São José do Arrebancado, em Barra de Coqueiros, reaberto à atividade extrativista, embora mediante pagamento de porcentagem ao proprietário. Tais episódios legitimam a descrição que fazem de si mesmas e estampam na apresentação do website do MCM:

As Catadoras de Mangaba são mulheres, extrativistas, **lutadoras, defensoras** de uma das maiores culturas sergipana e brasileira – a cultura da mangaba. Uma fruta nativa do litoral do Nordeste e dos cerrados do Brasil que está presente nas áreas nativas nas quais populações tradicionais praticam o extrativismo há séculos. (CATADORAS DE MANGABA, 2011)

Muitas catadoras das comunidades visitadas para fins desta dissertação demonstravam contentamento com o fato de estarem sendo abordadas de modo diferenciado após a aparição em entrevistas televisivas.

“Hoje tamo conhecida mundialmente, hoje pessoas que a gente nem conhece quando passa: ah ali a catadora fulana! Porque a gente já saiu na televisão nacional, mundial e a gente tá sendo falada. Cada dia conseguindo, conquistar o nosso espaço pouco a pouco”. (SELMA)

“A gente fez (reportagem) pro globo rural, ai a moça veio aqui de São Paulo, nós fizemos uma filmagem, foi num outro povoado no meio dos mato, catando mangaba, até Raquel (da equipe da Embrapa) veio nesse dia, ai teve essa filmagem, ela passou no Globo Rural. Ai pronto, a gente só via: ah eu te vi no Globo Rural”. (VÂNIA)

Conteúdos do documentário²⁸ que retratou o modo de vida das catadoras a partir da perspectiva das próprias extrativistas foram citados por elas, em especial lideranças do movimento, quando perguntadas sobre o significado da mangaba em suas vidas, numa demonstração de seu poder na representação do discurso das mulheres: “*é como a colega diz no documentário, a mangaba é tudo pra nós*” (SELMA), “*é como o nome do documentário já diz, somos mulheres mangabeiras*” (FÁTIMA).

O CD buscou reunir músicas do universo cultural compartilhado pelas extrativistas. Algumas das letras reforçam a identidade retratando a situação conflituosa enfrentada na busca pelo acesso à mangabeira. É o caso da faixa denominada O Canto das Mangabeiras. O hino das extrativistas, em que o termo mangabeiras surge em lugar de catadoras – a exemplo do que se buscou no título do documentário.

A letra começa perguntando: *cadê nossas mangabas?*. Depois faz menção à etapa da coleta: *vamos encapotar, no galho da mangabeira que eu vou me balançar*, e aproveita para reforçar a importância social da mangaba e do extrativismo como atividade sazonal desenvolvida em associação com a pesca: *elas são nosso sustento, sem ela não somos nada, pescaria só não dá*. O apelo à “mobilização” perpassa toda a mensagem que por vezes convida para a cata: *vamos catar mangaba*, e por outras convoca à união de esforços: *Catadoras, catadoras vamos se ajuntar*. Em outro trecho, aponta a motivação e acena com a “saída”: *vendo a fruta se perdendo d’onde tira o que comer, vamos pedir ao governo uma grande solução*.

A solução ou as soluções e demandas ao governo diferem de acordo com as formas de acesso à fruteira pelas extrativistas.

Nas comunidades em que os moradores são donos de sítios ou assentados as demandas são por assistência técnica para produção e plantio de mudas e controle de doenças, bem como acesso a crédito bancário para investir na cultura da mangaba. Independente de possuir sítio próprio, a maioria das comunidades demanda por canais de comercialização mais seguros e com melhor preço. Tornar a atividade menos sazonal com o beneficiamento da fruta para polpa o para doces agregando valor ao produto e algumas comunidades sugerem até a instituição do

²⁸ Nova edição de documentário focalizando o extrativismo da mangaba tem previsão de lançamento em 2014, mais uma vez no âmbito do Projeto Catadoras de Mangaba Gerando Renda e Tecendo Vida em Sergipe que foi renovado por mais dois anos (2013/2014), sob patrocínio do Programa Petrobrás Desenvolvimento & Cidadania com apoio do MCM e da UFS.

defeso da mangaba, que seria um pagamento pelo governo, à semelhança do que ocorre com o caranguejo durante a época em que não há produção da fruta (VIEIRA, PEREIRA, et al. 2010)

Mas a “grande solução” para o problema de acesso aos recursos naturais apontada pelas extrativistas tem sido a criação da Reserva Extrativista da Mangaba (Resex). Na segunda edição do boletim Informativo Folha da Mangaba, produzido também no âmbito do Projeto da Petrobras e disponível no site do MCM, a reportagem dá destaque a encontro realizado com autoridades locais para discutir a criação da Reserva e detalha a proposta:

A proposta de criação da Resex abarca os municípios de Estância, Indiaroba, Santa Luzia do Itanhy e Itaporanga D’Ajuda, localizados no litoral sul de Sergipe. A área faz parte das bacias dos rios Piauí, Real e Fundo sendo formada principalmente por manguezais, apicuns, restingas, campos alagados além de fragmentos da mata atlântica. Após decretada a área de Resex passará a ser gerida por um Conselho Deliberativo formado por representantes das populações tradicionais que utilizam a área, representantes de órgãos públicos, organização da sociedade civil, entidades de pesquisa e universidades com o objetivo de fiscalizar e garantir o Plano de Manejo na região. As propriedades com titulação que estão dentro da área de Resex serão desapropriadas e indenizadas pelo Governo Federal através da Regularização Fundiária normatizada pela Instrução Normativa n 2 de 3 de setembro de 2009 do ICMBIO. Já as comunidades extrativistas que estão dentro da proposta de Reserva poderão permanecer em suas casas dando continuidade aos trabalhos da cata e da pesca (ALVES; JESUS, 2011, p.4)

3.2.3 O silêncio no discurso das catadoras de mangaba

Conforme observamos na Rede Sociologia, a equipe de pesquisa da Embrapa aponta em seus levantamentos a presença majoritária de mulheres negras entre as catadoras de mangaba em Sergipe. A referência à questão étnico-racial aparece no website no tópico Conservação da Mangabeira, em que artigo de perfil acadêmico destaca:

O extrativismo é a principal forma de exploração da mangaba, sendo realizado na sua maioria por mulheres negras que vivem em comunidades litorâneas e que contribuem para o sustento das famílias. (CATADORAS DE MANGABA, 2011)

O texto de apresentação das catadoras na website do movimento refere-se de modo genérico às mulheres, como no trecho a seguir:

Em Sergipe existem cerca de 5.000 (cinco mil) famílias que desenvolvem o extrativismo da mangaba como atividade econômica. Uma atividade

predominantemente realizada com o trabalho feminino em que as **mulheres** cuidam da conservação da espécie, desenvolvem práticas e saberes de manejo e, zelam por um patrimônio cultural material e imaterial. (CATADORAS DE MANGABA, 2011)

Entre as canções do CD Canto das Mangabeiras encontramos duas cujas letras trazem os termos *moreninha*, na faixa que leva esse nome, e *crioula*, no refrão (*Crioula vai ver quem é*) da música intitulada Macaco/Bananeira. É comum observarmos o uso do termo *moreninha/o* numa espécie de eufemismo para referência a pessoas negras. Além desses momentos nenhuma referência ao traço característico da comunidade extrativista foi identificada, nem durante a etapa de observação participativa nem em entrevistas junto às catadoras²⁹ até que uma extrativista³⁰ evidenciou o descontentamento com a associação local e o MCM desse modo: “aqui só as branca tem vez”.

Durante todo o período de permanência nos povoados ou passado ao lado de representantes da comunidade extrativista tivemos a oportunidade de deparar com apenas uma catadora branca, que não figurava entre as lideranças formalmente constituídas.

Por outro lado, dias antes do “desabafo”, havia presenciado a catadora queixosa receber convite para participação em evento, cuja oferta recusara posteriormente. Possivelmente por interferência do marido, que no momento do convite à esposa fora chamado por ela a expressar opinião, obtendo como resposta: “quem sabe é você”. Na ocasião ele aproveitou, no entanto, para expressar críticas: “*é só pesquisa, pesquisa, ninguém vive de pesquisa*”, mas principalmente dizer de seu descontentamento com ações desenvolvidas localmente com apoio externo - cujo papel nem sempre fica claro para o conjunto da comunidade, de expectativas diversas, conforme alertaram representantes da pesquisa e da academia na Rede Sociologia.

²⁹ Optou-se pela não intervenção direta sobre o tema por meio de perguntas mais diretas durante as entrevistas, por exemplo, para melhor dimensionar a extensão do silenciamento que a questão racial impõe mesmo entre população de maioria negra e junto à equipe de pesquisa.

³⁰ A extrativista quis falar, mas não desejou assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O esposo entendia que a ação das equipes externas deveria assegurar ao extrativismo da mangaba direito semelhante ao Defeso³¹, que garante salários nos períodos em que a pesca é proibida, ouvindo argumentações da socióloga Dalva Mota. Porém, não houve da parte do pescador referência a discriminação racial, que pode ter ficado subentendida quando apontou que “*muitas são convidadas* (para oficinas de confecção de doces), *mas escolhidas* (para produção) *são poucas*”.

Críticas ao encaminhamento de projetos e ações do MCM nos povoados figuraram inclusive na fala de lideranças, que justificavam antecipadamente questionamentos ao seu comportamento indicando dificuldades na conciliação de divergências na organização do segmento. Mas a referência a uma possível discriminação racial foi aspecto levantado de forma inédita, tendo sido feita longe da equipe de pesquisa da Embrapa ou da UFS.

Conforme destacou a professora Sônia Meire de Jesus os projetos capitaneados pela UFS junto às extrativistas focalizam a geração de renda, gênero e etnia. A obra que sintetiza os trabalhos realizados ao longo de quase uma década junto às extrativistas pela equipe de pesquisa da Embrapa (Mota et al 2011) também apontou o componente étnico racial como elemento constitutivo da realidade das catadoras de mangaba locais desde o período pós-abolição da escravidão quando a história oral registra a ocupação das áreas de restinga e tabuleiros pelas populações negras.

Sempre se diz a partir do silêncio.

(ORLANDI, 2007, p 23)

O que se estará dizendo, então, com a ausência do componente racial no trabalho dedicado à construção de identidade e sentimento de pertença entre as mulheres extrativistas?

Uma questão que certamente merecerá a atenção de pesquisas futuras, posto que a relação étnico-racial no âmbito da problemática da mulher é aspecto relevante também no meio rural e começa a ganhar expressão entre as catadoras de mangaba.

³¹ Entendido como o provento concedido pelo governo no período de reprodução de peixes e crustáceos, em que a pesca é proibida legalmente em defesa da sustentabilidade da atividade, época em que os pescadores artesanais impedidos de obter renda por este meio.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer convergir os referenciais teóricos da AD e da TAR é um desafio ao qual demos apenas o ponta pé inicial. No entanto, o potencial do empreendimento ficou demonstrado no caso das catadoras de mangaba na medida em que os resultados indicados pelas análises das materialidades discursivas foram sempre corroborados pela TAR, ou seja, às mudanças nas formações discursivas seguiram-se correspondentes alterações na constituição das redes. Enquanto os estudos anteriores vinham apenas apontando e reconhecendo a presença do difusionismo nas práticas de comunicação da Embrapa, a associação das metodologias permitiu observar como o modelo se engendra e ganha expressão nas práticas comunicacionais da Embrapa, possibilitando localizar onde há a necessidade de ajuste de instrumentos e o redirecionamento de estratégias de ação - embora partindo de um caso específico.

Mas, afinal, foi possível responder se a invisibilidade da mulher no campo se expressa na comunicação da Embrapa no caso das catadoras de mangaba?

A resposta é sim e não.

A análise das peças de comunicação aliada à observação participativa do trabalho da equipe de pesquisa durante a interlocução com as catadoras permitiu observar que mangabeira, tecnologias, extrativistas, instituições, pesquisadores se entrelaçam em práticas discursivas que constituem redes, entendidas como posições sujeito, que ou reproduzem os sentidos dominantes ou expressam práticas de resistência, respectivamente silenciando ou revelando o protagonismo das catadoras na conservação da fruteira e na sobrevivência física e cultural da família e da comunidade.

Ao colocar a comunicação da Embrapa entre os atores investigados na interlocução com a mulher rural, foi possível observar ainda a pertinência da efetiva atuação interdisciplinar da equipe (agronomia, sociologia, comunicação), desde 2003 no caso, junto à comunidade tradicional, com impacto na identificação da diversidade de segmentos afetados pela perda de remanescentes da mangabeira, na simetria do diálogo entre os saberes científico e popular, e na ampliação do leque de soluções de pesquisa.

O caso das catadoras de mangaba ilustra o fato de que quanto mais abrangente o olhar sobre a realidade sobre a qual a pesquisa vai intervir, melhores e mais diversas serão as respostas dadas

com sua participação. A história da ciência e tecnologia mostra como a pluralidade de olhares sobre um mesmo tema pode ser positiva ao seu desenvolvimento, tendo sido por isso incentivadas interações multi e transdisciplinares em grupos de estudo de universidades e instituições de pesquisa, como ocorre com o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp), por exemplo. Um episódio em especial, na trajetória da biologia, mostra como também a abertura para a inclusão de segmentos até recentemente quase ausentes da comunidade científica se faz fundamental para provocar avanços.

Conforme lembra Evelyn Fox Keller, referências igualitárias em bibliografia de amplo uso entre biólogos como a que se encontra no manual *Biologia Molecular da Célula* (ALBERTS et al., 2004) sobre fertilização (definida como o processo pelo qual óvulo e espermatozoide se encontram e fundem) não são retóricas e encontram justificção no esforço de pesquisadoras ligadas àquela área de conhecimento.

(...) o trabalho sobre efeitos maternos dos genes e da recuperação citoplásmica na *Drosophila* começou no início dos anos 70, sendo mais tarde levado a ponto notável por Christiane Nüsslein-Volhard e seus colegas. Esse trabalho, ao estabelecer o papel crítico desempenhado pela estrutura citoplásmica do óvulo antes da fertilização, é amplamente considerado como central para o recente renascimento da Biologia do Desenvolvimento. (KELLER, 2006,p.22)

No imaginário da maioria das pessoas a descrição da fertilização é provavelmente aquela clássica do óvulo (feminino) esperando passivamente pelo espermatozoide (masculino), que após a disputa com os demais e os percalços do caminho chega heroicamente para fertilizá-la. A visão unilateral foi o que provocou o reducionismo do processo, resultando em atrasos na compreensão da biologia do desenvolvimento, cuja presença feminina e a decorrente mudança de perspectiva fez resgatar.

Uma vez mais, o gênero faz diferença para as mulheres na ciência não por causa do que trazem com seus corpos e às vezes nem mesmo pelo que podem trazer com sua socialização, mas pelas percepções que as culturas da ciência trazem à comunidade tanto das mulheres quanto do gênero – e, por sua vez, por causa do que tais percepções trazem para os valores comuns de disciplinas científicas particulares. (KELLER, 2006,p.29/30)

O episódio faz imaginar o que poderá significar a crescente presença, na comunidade científica, desse e de outros segmentos mantidos a parte do desenvolvimento da ciência e tecnologia, até então meros *consumidores* aparentemente passivos de seus resultados.

De volta ao nosso caso, convém destacar que não se trata, portanto, de a pesquisa agropecuária escolher dialogar com um segmento em detrimento do outro: ou agronegócio ou as comunidades tradicionais. Trata-se de considerar todas as variáveis em questão e, para tal, é necessário dialogar com todos os segmentos e decodificar demandas tendo em mente ainda o modelo de desenvolvimento a que se deseja atender, sob risco de oferecer soluções parciais e desconectadas do contexto. Trata-se ainda de observar que os instrumentos e estratégias de comunicação desenhadas para atender aos pressupostos do agronegócio certamente se revelarão inadequados para dialogar com comunidades agroextrativistas. Ou seja, conforme nos ensina Eni Orlandi (2007) a partir do conceito de silêncio fundante: para dizer é preciso deixar de dizer, e conforme vimos nesta investigação, diferentes formações discursivas constituirão diferentes redes e associações.

A própria equipe de pesquisa que atua com as catadoras de mangaba entende que não há um método bom e universal para todos e que nem sempre caberá a adoção de métodos participativos, sendo a difusão adequada em determinadas situações. Portanto, não há erro na concepção dos programas DCTV e Prosa Rural, há limitações.

O certo é que a especificidade de segmentos da agricultura de perfil familiar, em especial aqueles que envolvem a mão-de-obra feminina, como o extrativismo da mangaba, exigem conhecimentos e estratégias de comunicação específicas, caso a caso, como recomenda a socióloga Dalva Mota. Apesar disso, a experiência vivida ao longo de dez anos pela equipe de pesquisa que interage com as extrativistas traz significativos aprendizados. Um deles é a atuação interdisciplinar, que colocou lado a lado, num mesmo patamar de importância a agronomia, a sociologia e a comunicação - que extrapolou as dimensões da TT e da DC ao participar da equipe de desenvolvimento da pesquisa, deixando de falar *para* ou *por*, e passando a dialogar *com*, permitindo desse modo que as catadoras de mangaba dissessem a sua palavra elas mesmas.

A descrição da experiência da equipe de pesquisa focalizada não deixa dúvidas quanto à necessidade de preparação prévia e a aquisição de conhecimentos específicos sobre gênero e diversidade para lidar com segmentos como o da mulher rural.

Teorias feministas na prática – Mesmo para investigações como a que empreendi, em que não se entrevi diretamente sobre a realidade das catadoras ou objetivou-se entrar no tema pela via da reformulação de teorias feministas, o conhecimento da trajetória histórica de conceitos ligados ao tema, formulados dentro e fora da academia, mostrou-se fundamental, na identificação das vertentes que estavam sendo ativadas em determinadas práticas.

Não discorremos, ao longo da dissertação, sobre as teorias feministas, dada a forma como foi delineado o objeto - que focalizou a interlocução entre a equipe de pesquisa e as extrativistas de modo a respondermos à nossa pergunta de pesquisa acerca da expressão da invisibilidade da mulher rural na Embrapa. A adoção da TAR como referencial metodológico nos levou ainda a deixar que a descrição das práticas assumissem maior relevância que as teorias.

A opção, no entanto, não significa que a leitura das principais autoras e autores sobre o tema - e seus respectivos desdobramentos - tenham ficado de fora da literatura percorrida no processo investigativo. Pelo contrário, o estudo da bibliografia deu o pano de fundo, tendo funcionado, entre outros momentos, na escolha do conceito de gênero que estaria em conexão com o referencial teórico-metodológico adotado na investigação. A definição de Marilyn Strathern mostrou-se pertinente tendo em vista o universo focalizado (pesquisa agropecuária) e a relação das mulheres extrativistas com a mangabeira, pois além de pessoas, o conceito proposto pela especialista compreende artefatos e eventos entre as categorizações baseadas em imagética sexual.

Entre as catadoras de mangaba, focalizadas na referida dissertação, os baldes que as extrativistas utilizam para transportar a mangaba vira signo de atividade feminina. “Os home não gosta de passá carregando balde de mangaba, acha que isso diminui eles”, observou uma catadora de povoado de Sergipe - embora haja homens atuando na coleta da fruta, ainda que representando apenas cerca de 25% das pessoas que se ocupam da atividade. Foi interessante observar como se deu a imagética sexual da atividade extrativista no caso das catadoras de mangaba.

O estudo de autores que se debruçam sobre o tema feminismo ajudou a revelar a concepção de feminismo que dava base à atuação da equipe de pesquisa no contato com as extrativistas, concepção tornada visível nas estratégias de ação e nas respostas dadas pela comunidade, como no desabafo da mulher que se reconhecia negra e em desvantagem. Nesse contexto foi basilar a leitura de Piscitelli (2009) entre outras autoras que focalizaram as “ondas” do feminismo, resgatando a trajetória do conceito gênero e localizando as diferentes fases do feminismo ao longo da história. Foi ainda o conhecimento da interface gênero e etnia na abordagem feminista o

que ajudou a enxergar o silêncio do marcador racial no discurso da pesquisa. Mais ainda no contexto das extrativistas, situação que exige estudos mais aprofundados no futuro, embora desde já nos remeta às reflexões sobre miscigenação propostas por Osmundo Pinho.

O autor aponta as raízes do “apagamento” da questão racial - verificável mesmo nos segmentos mais bem intencionados:

Seja com relação aos discursos oficiais sobre a miscigenação, seja com relação às práticas concretas, dispersas e multi-variadas, os temas da miscigenação, para o caso brasileiro, parecem comprometidos com a história da dominação racial de modo irrevogável, com a história da consolidação de um pensamento propriamente racial, que tem a invencível propriedade de fazer-se presente sem estar pronunciado e de produzir efeitos sem ser identificado (PINHO, 2004, p. 101)

Ainda em Piscitelli, retomamos a referencia às feministas negras, que reivindicam que gênero integre o sistema de diferenças em que as “distinções entre feminilidade e masculinidade se entrelaçam com distinções faciais, de nacionalidade, sexualidade, classe social, idade” (PISCITELLI, p. 140). É recorrente o entendimento entres grupos minorizados e movimentos sociais de que ao lado da militância política se deve investir na produção do próprio conhecimento, não necessariamente a partir da academia, mas também de modo a ocupar esse espaço.

Nesse ponto encontramos a interface com debate que se dá no âmbito da comunicação pública da ciência. Em 2012, o então presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Glaucius Oliva, justificou a inclusão da divulgação e educação científica entre os critérios de avaliação de cientistas, argumentando que na atualidade o cientista tem conhecimento da necessidade de prestar contas à sociedade sobre o que faz e engajar-se socialmente (COSTA, 2012). Desde março daquele ano, os dados sobre tais atividades, inseridos na plataforma eletrônica Lattes, passam a ser considerados pelos comitês de avaliação do órgão, quando da concessão de bolsas e aprovação de projetos de pesquisa.

A despeito dos inúmeros serviços prestados à humanidade pelos cientistas ao longo dos tempos, é preciso considerar que a história da ciência moderna no mundo e no Brasil tem sido construída pelas elites, portanto sob sua perspectiva e tendo como foco primordial a resolução de questões de seu interesse, o que equivale dizer que são voltadas à manutenção de seu *status quo* ou tratadas de modo a não desestabilizar essa posição.

Tanto nas sociedades capitalistas como nas sociedades socialistas de Estado do leste europeu, a industrialização da ciência acarretou o compromisso desta com os centros de poder econômico, social e político, os quais passaram a ter um papel decisivo na definição das prioridades científicas (SANTOS, 2003, p. 57)

A necessidade de expressar a pluralidade em representatividade no parlamento motivou iniciativas como a criação de percentual de vagas para mulheres nos partidos, por exemplo. Igual tolerância não se repetiu na academia, onde a validade das cotas étnicas foi veementemente contestada, no Brasil, por setores da sociedade, incluindo a imprensa e segmentos das instituições públicas de ensino - lugar historicamente reservado às elites, destinadas, elas mesmas, a ocupar também os melhores postos no mercado de trabalho. Episódio que reforça essa leitura diz respeito à reação da comunidade acadêmica à tentativa do CNPq em promover um senso étnico racial junto à academia brasileira por meio da autodeclaração de cor no ato de preenchimento ou atualização do currículo na plataforma Lattes.

As iniciativas do órgão público refletem questionamentos sobre o modelo positivista da Ciência e seus efeitos na comunicação científica (ainda que, como se observou, exiba resquícios daquele modelo). Esse movimento coincide com o crescente esforço de estudiosos da comunicação em identificar e resgatar a dimensão transformadora da educação no jornalismo, bem como na busca por uma comunicação que se dê em sintonia com um projeto de desenvolvimento diverso daquele pensado da perspectiva do colonizador.

A velocidade com que, nas últimas décadas, a ciência ergue novos paradigmas dá ao conhecimento que produz crescente poder de vida e de morte sobre as sociedades e os indivíduos. Dada ainda a rapidez com que conhecimentos científicos transformam-se em produtos e serviços e a amplitude dos impactos dos mesmos, faz-se oportuno que os profissionais envolvidos na divulgação científica também revejam sua prática sob tal perspectiva.

Tornar o desenvolvimento da ciência e tecnologia sustentável do ponto de vista político, econômico, social, ambiental e cultural, portanto, pede mais do que dar conta à sociedade em geral do que faz a comunidade científica, majoritariamente mantida pelo Estado, sobretudo em países em desenvolvimento. Segmentos e setores da sociedade, desde sempre aliados do processo de decisão sobre os objetos de estudo da ciência, carecem de representação no interior dos centros de poder em que se transformaram a academia e os institutos de pesquisa.

Tentativas de ausculta dos segmentos à margem desse processo serão sempre menores que o todo que a diversidade de lugares sociais significa em termos de perguntas e, principalmente, de respostas a serem indicadas pela comunidade científica caso tenha entre seus protagonistas os próprios integrantes dessa diversidade (gênero, classe, étnico-racial etc).

Daí, mais uma vez, a importância da experiência da equipe de pesquisa com as catadoras de mangaba, que se deu num ambiente de simetria de diálogo entre os saberes científico e popular no intercâmbio de conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTS, B; BRAY, D; LEWIS, J; RAFF, M; ROBERTS, K e WATSON, J.D. **Molecular biology of the cell**. New York, Garland Press, 1990. [Tradução: Biologia Molecular da Célula. 4ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 2004.]

ALMEIDA, S (2010) - Prefácio. In: Spivak, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte Editora UFMG

ALTAFIN, Iara (2003) - **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar Sustentabilidade**, políticas públicas e agricultura familiar: uma apreciação sobre a trajetória brasileira – 2003 <http://www.unbcds.pro.br/publicacoes/IaraAltafin.pdf>

ALVES. P., JESUS, P., 2011,– **Movimento das catadoras de mangaba participa de consulta para discutir reserva extrativista**. p.4 –Folha da Mangaba – Boletim n 2 Ano 1 – Indiaroba SE – 2011 <http://www.catadorasdemangaba.com.br/publicacoes/Boletim-Informativo-AnoI-Nr02.pdf> acessado em janeiro 2013

ASCAMAI (2011). **Documentário Mulheres Mangabeiras** - Direção Rita Simone Liberato Patrocínio: Petrobras Programa Desenvolvimento e Cidadania, Parceria: Universidade Federal de Sergipe: <http://www.catadorasdemangaba.com.br/cd-documentario.asp> acessado em novembro de 2012

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SERGIPE – (2010) – **Lei Estadual 7.082**, dezembro de 200, que reconhece as catadoras de mangaba como grupo culturalmente diferenciado.

AUTHIER-REVUZ, J. (1998). **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. (1998). Campinas: Editora da Unicamp.

BARROS, Ivelone Maria de Carvalho. (2008) **Contribuição ao estudo químico e biológico de *Hancornia speciosa* Gomes (Apocynaceae)**. . 194 f. : Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde

BELTRÃO, S. 2010 - **A construção do diálogo interinstitucional para o desenvolvimento territorial rural sustentável: estratégias comunicativas e de participação no território Sisal, Bahia**

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6980/1/2010_SelmaLuciaLiraBeltrao.pdf

BORDENAVE, J.D. 2012 – **Os novos desafios da comunicação para o desenvolvimento** – In: **Comunicação para o Desenvolvimento** - Editores técnicos: HEBERLÊ, A.L.O.; COSENZA, B.C.; SOARES, F.B. – Brasília/DF Embrapa, 2012.

BUARQUE, C. 2004, A dimensão de gênero no mundo rural contemporâneo In: **Equidade de gênero e desenvolvimento sustentável dos territórios rurais** Doc Síntese do Seminário Internacional 1, 2004 Brasília . IICA 2004 p. 118-124

BUENO, W. da C. (2010) **Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais**- Inf. Inf., Londrina, v. 15, n. esp, p. 1 - 12, 2010 - www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585/ Acessado em junho 2012

BUENO, W. da C. (2012) Portal do Jornalismo Científico – **Conceitos** - <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/conceitos/jornalismocientifico.php> acessado em junho 2012

BUTTO, A (2009) – (Org.) **Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres - Gênero e trabalho rural 1993/2006** MDA/NEAD

CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2000 - Lei nº 9.985, de 18 de Julho de 2000 - **Institui o sistema nacional de unidades de conservação e uso sustentável** - <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2000/lei-9985-18-julho-2000-359708-publicacaooriginal-1-pl.html> Acessado em março de 2013

CATADORAS DE MANGABA (2011) – **Texto de apresentação catadoras** – website Movimento das Catadoras de mangaba

COMCIÊNCIA (2000) – **As reservas extrativistas e as populações tradicionais**. Entrevista com antropólogo Mauro Almeida. <http://comciencia.br/entrevistas/almeida.htm> acessado em novembro de 2012

COSTA, Gilberto - **Inovação e divulgação de projetos em jornais são novos critérios de avaliação da produção científica** de 04/03/2012 <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-03-04/inovacao-e-divulgacao-de-projetos-em-jornais-sao-novos-criterios-de-avaliacao-da-producao-cientifica> Acessada em 20/06/2012

COSTA, V. (2009/10) – **Nossas Vozes** – podcast do Programa Pró-Equidade da Embrapa – Roteiro, direção, produção, entrevistas – Realização Embrapa Transferência de Tecnologia – Brasília/DF disponível em: <http://snt.sede.embrapa.br/multimidia/audios/>

COSTA, V. (2010) - **Semente Crioula: resistência quilombola – Construção da soberania alimentar na Caatinga** – Vídeo documentário 24' Roteiro e direção – Realização Embrapa Transferência de Tecnologia – Recursos PAC Embrapa

DAGNINO, R. (2010) - **Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade/** Renato Dagnino, (org) - 2. ed. rev. e ampl. - Campinas SP - Komedi, 2010

DALLER, V.L.O. et all (Org.) 2009 - **Cooperativismo de gênero – Igualdade de Gênero: uma estratégia para o desenvolvimento cooperativo** Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento 2009.

DERETI, R.M (2007) Fundamentos para o Processo de Transferência de Tecnologia na Embrapa Floresta – ROM. Documentos/Embrapa Florestas, ISSN 16792599;149
<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/312978> - acessado em novembro de 2013.

DUARTE, J. ; RIBEIRO, R.M. (2006) – **Comunicação em ciência e tecnologia: estudos da Embrapa**. Brasília – DF: Embrapa informação Tecnológica, 2006

DUARTE, J (2013) - **Opinião do Público – Nossa Bússola** – Jornal Folha da Embrapa Ano XXI n 167 p.5

EMBRAPA, (1998) Presidência (Brasília/DF) **Política de Negócios Tecnológicos**. Brasília: Embrapa – SPI.

EMBRAPA, (2002) - **Política de Comunicação** – 2 ed., ver. e amp. Brasília/DF

EMBRAPA (2006) - **Sugestões para formulação de um Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária**. – Brasília,DF : Embrapa Informação Tecnológica, 2006.122 f.Edição especial do documento original (Livro Preto) preparado pelo Grupo de Trabalho, constituído pelo Ministro da Agricultura, Dr. Luiz Fernando Cirne de Lima, nos termos da Portaria nº 143, de 18 de abril de 1972.

EMBRAPA (2007) – **O Cultivo da mangabeira** - Programa Dia de Campo na TV – Embrapa Informação Tecnológica – Brasília/DF
<http://hotsites.sct.embrapa.br/diacampo/programacao/2007/cultivo-da-mangabeira/CultivoMangabeira1.wmv/view> acessado em novembro de 2012

EMBRAPA (2008) **V Plano Diretor da Embrapa** – 2008/2011-2023 - Secretaria de Gestão e Estratégia — abril 2008 Brasília: Embrapa.

EMBRAPA TABULEIROS COSTEIROS, 2010 – Folder técnico – **Sistema de produção de mudas de mangabeira por semente** .

EMBRAPA, 2012 - Balanço Social 2012 -
http://www.embrapa.br/a_embrapa/unidades_centrais/secom/imagens/AfEmbrapa%20Balanco%20Social.pdf/view acessado em janeiro de 2013

ESCALÓN, M - 2012 - Reconfiguración de saberes locales en interfaces de conocimiento: el caso de científicos y pescadores en Alvarado, Veracruz, México. Tese apresentada ao Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente (ITESO)Universidad Veracruzana (UV)

FAO. (2011) – The State of Food and Agriculture 2010-2011
<http://www.fao.org/docrep/013/i2050e/i2050e00.htm> acessado em dezembro de 2011

FREIRE, P. (1977) **Extensão ou comunicação?** P.26 Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977 93 p. (O Mundo de Hoje, v. 24)

FREIRE, P. (1980) – **Pedagogia do Oprimido** p. 163 - 8 edição - Paz e Terra - Rio de Janeiro/RJ

GALERANI, G. 2006 – Avaliação de Resultados para as Áreas da Comunicação Organizacional – in **Comunicação em ciência e tecnologia: estudos da Embrapa. Brasília** – DF: Embrapa informação Tecnológica, 2006 p 367 a 393-2003

GRAZIANO DA SILVA, J. (2011) **A força das mulheres contra a fome** – Portal do jornal Valor Econômico – 24/03/2011 – Editoria Opinião)

HEBERLÊ, A. (2006) – A comunicação e a Difusão na Embrapa, p 33: in **Comunicação em ciência e tecnologia: estudos da Embrapa. Brasília** – DF: Embrapa informação Tecnológica, 2006 p. 31-53 Texto baseado no Diagnóstico da divulgação científica na Embrapa, 1986 Dissertação de Mestrado – Instituto Metodista de S. Paulo

HEBERLÊ, A.; COSENZA, B.C.; SOARES, F.B (2012) - **Comunicação para o Desenvolvimento** - Editores técnicos – Brasília/DF Embrapa, 2012.

HOMMA, A.K.O. (1993) – **O extrativismo vegetal na Amazônia: limites e oportunidades.** Brasília/DF Embrapa SPI 1993.

HOMMA, A.K. 2008 - **Extrativismo, biodiversidade e pirataria na Amazônia** – p. 86 Brasília DF: Embrapa Informação Tecnológica 97p.
http://www.embrapa.br/publicacoes/tecnico/folderTextoDiscussao/arquivos-pdf/Texto-27_20-05-08.pdf. Acessado em setembro de 2013.

IBAMA – **Reservas Extrativistas** – Portal do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. <http://www.ibama.gov.br/resex/resex.htm> acessado em agosto 2013.

JESUS, Sonia Meire. A. 2010. **Relatório do Projeto Produção de saberes e práticas de trabalho das mulheres catadoras de mangaba de Sergipe**. Universidade Federal de Sergipe. Financiamento: CNPq. 43. p. São Cristóvão, 2010.

KELLER, Evelyn Fox (2006) - **Qual foi o impacto do feminismo na ciência?**(p.22) (p.29/30) Cadernos Pagu (27), julho-dezembro de 2006: pp.13-34.

KÖRBES, C; INVERNIZZI, N. (2008) - **Relação ciência-público na Folha de S.Paulo – Brasil – A prevalência do modelo de déficit na divulgação sobre tecnologias reprodutivas e seus desdobramentos**

KUHN, Thomas S., (2006) BOEIRA, B.V. e BOEIRA, N. (Tradução) - **A estrutura das revoluções científicas** 9 ed. – São Paulo: Perspectiva, 2006

LAPOLA, D. M. et al. (2014). **Pervasive transition of the Brazilian land-use system**. Nature Climate Change, 4, 27-35.

LATOUR, B. (2000) – BENEDETTI, Ivone C. (tradução) - **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo - Editora Unesp, 2000.

LATOUR, B. (2012) – **Reagregando o Social – uma introdução à teoria do Ator-Rede** – p.29 . 108 Salvador: Edufba, 2012 Bauru, São Paulo Edusc, 2012.

LAW, J (2008) – **On sociology and STS** . The Sociological Review 56(4): 623-649,

LAW, J. (2006) **Traduction/Trahison: Notes On ANT** - University of Lancaster, Great Britain -Revista de Ciencias Sociales –ISSN 1405-1435, UAEM, Mexico, num. 42, September - December 2006, pp 32-57

LIBERATO, R.S. (2011) **Mulheres Mangabeiras** - Vídeo 32' . Liberato Realização ASCAMAI, Indiaroba, 2011 <http://www.catadorasdemangaba.com.br/cd-documentario.asp> acessado em outubro de 2012:

LIBERATO, R. S., (2013) – **Comunicação e Cidadania: ecos de um plano de comunicação para comunidades sergipanas** – Anais XXXVI Congresso Brasileiro da Comunicação realizado em 2013 pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em

<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=54230>

LOPES, M.I.V. (1990) - **Pesquisa em Comunicação -: formulação de um modelo metodológico.** p.148 São Paulo: Loyola, 1990

MANGINI, J. (2014) - **Pesquisa investiga mudanças no jornalismo e no perfil do jornalista** - Agência Fapesp - <http://agencia.fapesp.br/18409>. Acessado em janeiro de 2014

MALTA, G.V.F ; OLIVEIRA, M.M. - 2012 - (ID245) **O risco e a fatalidade: a percepção pública e a comunicação da ciência e da tecnologia** - Artigo apresentado na XIII Reunión de La RedPop - <http://www.redpop.org/redpopWeb/Contenido/Pagina/File/LIBRO%20SOMEDICYT%20ok.pdf>

MIURA,J; BELTRÃO, S. – (2009) – **Prosa Rural: Manual de Produção e Edição** - p. 33/19 Brasília DF: Embrapa Informação Tecnológica, 140p.

MOREIRA, I; MASSARANI, L. – (2005)- **Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil** – In: MASSARANI,L; MOREIRA I, BRITO,F. (Orgs.) **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil** – Casa da Ciência/UFRJ 2005

MDA (2006) - **Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul** - Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006

MOTA, D. M.; SILVA JUNIOR, J. F. da; SCHIMITZ, H.; RODRIGUES, R.F.A. (2011). **A mangabeira As catadoras O extrativismo.** p.107 p. 45 p.159/160 p. 117/118 p 162 p. 276. P.114 Belém, PA: Embrapa.

MOTA, D. M. da; SCHMITZ, H.; SILVA JÚNIOR, J. F. da; RODRIGUES, R. F. de A.; ALVES, J. N. F. (2008) **O extrativismo de mangaba é “trabalho de mulher”?** Duas situações empíricas no Nordeste e Norte do Brasil. *Novos Cadernos Naea*, Belém, v. 11, n. 2, p. 155-168.

MOTA, D. M. da; SILVA JÚNIOR, J. F. da; PEREIRA, E. O.; RODRIGUES, R. F. de A.; JESUS, N. B. de; SCHMITZ, H.; SANTOS, J. V. dos. (2008b). **Capacitação solidária das catadoras de mangaba**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2008. 57 p. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Documentos, 133). http://www.cpatc.embrapa.br/publicacoes_2008/Doc-133.pdf Acesso em janeiro de 2013

MOTTA, F.M – (2002) – **O sexo dos anjos: gênero e representações sobre animais no litoral catarinense** – In: Gênero em Matizes/ coordenação ALMEIDA, et al, Bragança Paulista, 2002 – coleção Estudos CDAPH . Série História & ciências Sociais.

MOUTINHO, Sofia (2013) - **Perfil em construção** – Boletim Ciência Hoje, <http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2013/02/perfil-em-construcao> acessado em fevereiro de 2013

NEVES, D. MEDEIROS, L. (2013) **Mulheres Camponesas – trabalho produtivo e engajamentos políticos** – 431 p Niterói – Editora Qualidade

NOBRE, M. (2012) – **Censo agropecuário 2006 – Brasil: uma análise de gênero**. In: As mulheres nas estatísticas agropecuárias – Experiências em países do Sul – BUTTO,A.; DANTAS,I.; HORA,K. (org.) 1 ed. Brasília – Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012, 220

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E. & TARALLO, F. (1989). *Vozes e Contrastes – discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez.

ORLANDI, E. P. (1990). *Gestos de leitura: a história do discurso*. Campinas: Ed da Unicamp.

ORLANDI, E. P. (1994). Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*. Volume (61), (p. 53-59).: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/> acessado em agosto de 2013

ORLANDI, E.P. (2004) – **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico** – p. 21 - Campinas – Pontes, 2004 – 4 edição.

ORLANDI, E. P. (2007) - **As formas do silêncio - No movimento dos sentidos**. P. 23
Campinas: Editora da Unicamp.

ORLANDI, E. P. (2008). **Silêncios: presença e ausência** - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico 2008. <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=38&id=456>.
Acessado em novembro de 2012.

ORLANDI, E. P. (2012). **Discurso em Análise – Sujeito, Sentido, Ideologia**. Campinas: Pontes.

PAULILO, M.I.S. 2013 – FAO, fome e mulheres rurais – **DADOS – Revista Ciências Sociais**.
RJ vol 56. N 2, 2013 p. 285/310

PAVEAU, M. (2007) – **Palavras anteriores. Os Pré-discursos entre memória e cognição** -
2007- p. 312/313/325. Trad. Norma Seltzer Goldstein
<http://pt.scribd.com/doc/78952323/Palavras-antiores-Os-pre-discursos-entre-memoria-e-cognicao-Marie-Anne-Paveau>

PAYER, M.O. (2005) – *Linguagem e sociedade contemporânea – sujeito, mídia, mercado*
(2005) in Rua: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp – Nudecri.
N.11 - Campinas SP

PÊUCHEUX, M. (2008) - **O Discurso – Estrutura ou acontecimento** - Tradução Eni
Puccinelli Orlandi p. 29 – 5 Edição, Campinas, SP Pontes Editores, 208.

PINHO, O. A., (2004) - **O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação** - p.101
Cadernos Pagu - julho-dezembro de 2004, pp. 89-119

PISCITELLI, (2009) – **Gênero: a história de um conceito**. P. 133/135 – In: **Diferenças, igualdade** – ALMEIDA.H.B., SZWAKO, J.E. (orgs.) – São Paulo: Berlendis & Vertecchi, 209 –
(Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais).

PONTE, J. P. (2006). **Estudos de caso em educação matemática**. Bolema, 25, 105-132. Este
artigo é uma versão revista e atualizada de um artigo anterior: Ponte, J. P. (1994). O estudo de

caso na investigação em educação matemática. Quadrante, 3(1), 3-18 [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/06-Ponte%20\(Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/06-Ponte%20(Estudo%20caso).pdf) acessado em outubro de 2013

RHOTER, Larry 2007 **Scientists Are Making Brazil's Savannah Bloom** – New York Times - nytimes.com
http://www.nytimes.com/2007/10/02/science/02tropic.html?pagewanted=print&_r=1& acessado em abril de 2013

SAMPAIO, C. 2006 - **Comunicação e Reconversão Cultural - estudo de recepção da proposta de parceria da Embrapa pelos pequenos produtores rurais de Irituia-Pará**, p. 105 in Comunicação em ciência e tecnologia: estudos da Embrapa. Brasília – DF: Embrapa informação Tecnológica, 2006 . p. 85-109.

SILVA, D.O. (2013) - **Anotações sobre Discurso no Relise Difusionista** – linguagem científica e tecnológica no jornalismo – João Pessoa: Ideia, 2013, p 134-166.

SILVEIRA, M.C.; SANDRINI, R. (2013) – **O modelo de déficit e seus efeitos no jornalismo científico** p.4 <http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/view/2284/404> acessado em outubro 2013

SANTOS, Boaventura S. (2003) – **Um discurso sobre as ciências** (p. 57); (p. 86/87) Cortez Editora - São Paulo

SANTOS, Jane Velma (2007) - O papel das mulheres na conservação das áreas de remanescentes de mangabeiras (*Hancornia speciosas* Gomes).. (2007) Universidade Federal de Sergipe

VIEIRA, D. PEREIRA, E. at al. 2010 - **Mapa do extrativismo da Mangaba em Sergipe** – Ameaças e Demandas – Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros.

VOGT, C & POLINO, C. (2003). **Percepção pública da ciência: resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Fapesp.

WANDERLEY, M.N.B 2011 – **Um saber necessário – os estudos rurais no Brasil** – Campinas, SP – Editora da Unicamp, 2011

ZOPPI-FONTANA, M.G. - 2003 – Identidades (in)formais p. 17/10 in: ORGANON, **Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, vol. 17, núm. 35: Porto Alegre Faculdade de Filosofia.

ZOPPI-FONTANA, M.G. (2012). **Autoria, Efeito Leitor e Gêneros de Discurso** – Rede São Paulo de Formação Docente, Unicamp. Secretaria da Educação de São Paulo. Material http://ggte.unicamp.br/~teleduc/cursos/diretorio/leituras_132_4/REDEFOR%20Autoria%20Efeito-leitor%20Generos%20de%20Discursos.pdf. Acessado em dezembro de 2012.

ANEXO 1 – Edital – Seleção de propostas de temas para o programa televisivo semanal – DCTV 2014

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA)
EMBRAPA INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA

EDITAL

Seleção de propostas de temas para o programa televisivo semanal
Dia de Campo na TV 2014

Por meio da Embrapa Informação Tecnológica (Brasília, DF), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) torna público às Unidades Descentralizadas (UDs), às Organizações Estaduais de Pesquisa (Oepas), assim como às demais instituições parceiras em pesquisa agropecuária, que realizará a seleção de propostas de temas a serem veiculados nos programas que integrarão a grade de programação do **Dia de Campo na TV (DCTV)** em 2014.

1. DO OBJETO

1.1 Estabelecer procedimentos para a inscrição e a seleção de propostas de temas a serem veiculados nos programas DCTV 2014.

2. DOS REQUISITOS

2.1 Qualquer pesquisador, ou técnico de nível superior, da Embrapa ou de instituição parceira, poderá apresentar propostas de tema para os programas DCTV 2014.

2.2 Só poderão ser propostos como temas de programas DCTV 2014 produtos, tecnologias ou processos cujos resultados tenham sido validados por instâncias técnicas da proponente (Comitês Técnicos Internos – CTI – ou outras que a Unidade/Instituição considerar) e que atendam às demandas do público-alvo do programa.

2.3 Os temas a serem propostos para veiculação em programas DCTV 2014 deverão enquadrar-se em pelo menos uma das linhas temáticas gerais:

- Agricultura;
- Agroenergia;
- Agroindústria e tecnologia de alimentos;
- Pesca e aquicultura;
- Ecologia e agroecologia;
- Pecuária;
- Meio ambiente;
- Recursos genéticos e biotecnologia;
- Segurança alimentar;
- Floresta e silvicultura;
- Geoprocessamento e sensoriamento remoto;
- Desenvolvimento social;
- Rede Leite;
- Rede Café.

- 2.4 A Unidade/Instituição cuja(s) proposta(s) for(em) selecionada(s) deverá(ão) viabilizar, via seu serviço de atendimento ao cidadão (ou similar), o fornecimento de informações sobre a tecnologia, o produto ou o processo a ser apresentado como tema, caso o público do programa venha a demandá-las.
- 2.5 A Unidade/Instituição cuja(s) proposta(s) for(em) selecionada(s) deverá(ão) observar as normas da Embrapa relativas à propriedade intelectual e à segurança da informação.

3. DAS INSCRIÇÕES

- 3.1 A inscrição de propostas de temas para os programas DCTV 2014 deverá ser feita até dia **31 de outubro de 2013**.
- 3.2 As propostas deverão ser apresentadas em formulário próprio (ver Anexo 1 deste edital), disponível também no site da Embrapa Informação Tecnológica (www.sct.embrapa.br) e do programa Dia de Campo na TV (www.embrapa.br/diacampo).
- 3.3 As propostas deverão ser apresentadas pelo Núcleo de Comunicação Organizacional (NCO) de cada Unidade, ou órgão equivalente da instituição parceira, em consonância com o pesquisador/técnico responsável pelas informações e mediante concordância prévia da chefia-geral, ou do dirigente da instituição.
- 3.4 Os proponentes que tiverem preenchido e enviado, com sucesso, os formulários de propostas para o DCTV 2014, receberão a confirmação de inscrição via e-mail cadastrado por ocasião da submissão da(s) proposta(as).

4. DO PROCESSO SELETIVO

- 4.1 As propostas de tema para programas DCTV 2014 serão selecionadas por uma comissão especialmente formada para este fim, composta por representantes da Embrapa Informação Tecnológica, da Secretaria de Comunicação (Secom) da Embrapa, do Departamento de Transferência de Tecnologia (DTT), do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD), e do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), e a proposta final da grade de programação será submetida à aprovação da Diretoria-Executiva da Embrapa.
- 4.2 Na seleção de propostas de tema para programas DCTV 2014 serão utilizados os seguintes critérios:
- Possibilidade de a tecnologia, o produto ou o processo (TPP) ser apresentado de maneira simplificada, em estilo passo-a-passo, e mostrado em detalhes para melhor compreensão dos telespectadores;

- Possibilidade de o TPP ser posto em prática por um público amplo do setor produtivo: pequenos, médios ou grandes produtores;
- Possibilidade de o TPP ser aplicado na maioria das regiões brasileiras, reforçando, assim, a sua abrangência nacional;
- O aspecto inovador do TPP, assim como a possibilidade de o TPP gerar impacto socioeconômico passível de ser relatado, por exemplo, em depoimentos de usuários, de forma que isso possa ressaltar a sua importância e facilitar a sua adoção.

4.3 Poderão ser selecionadas até 2 (duas) propostas por Unidade, e 1 (uma) por instituição parceira.

4.4 Terão preferência na seleção, propostas cujas datas de captação de imagens se concentrem em uma única etapa.

4.5 Terão preferência na seleção propostas que atendam nas linhas temáticas: m) Meio ambiente, aspectos de aplicação do novo Código Florestal; n) Rede Leite, propostas que abordem aspectos de manejo e sanidade animal, de qualidade e processamento do leite e de melhoria da eficiência da produção da agricultura familiar; o) Rede Café, propostas que abordem os aspectos de produção e qualidade da cultura.

4.6 Terão também preferência na seleção propostas que abordem o manejo integrado de pragas e a produção integrada;

4.7 A inscrição de proposta(s) para os programas DCTV 2014 implica a aceitação automática, por parte do proponente, de todas as condições contidas neste edital.

5. DA DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1 O resultado final dos temas selecionados para o DCTV 2014 será divulgado na página eletrônica do programa (www.embrapa.br/diacampo) e na lista de comunicação, após a aprovação da Diretoria-Executiva da Embrapa.

6. DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

6.1 A estreia do programa está prevista para o dia 7 de março de 2014.

6.2 A Embrapa Informação Tecnológica arcará com as despesas de viagem da equipe de captação de imagens, bem como com as despesas de viagem de 1 (um) convidado para gravação da entrevista no estúdio em Brasília. Havendo interesse na participação de outros convidados, as despesas correrão por conta da proponente.

6.3 A Unidade/instituição parceira cuja(s) proposta(s) for(em) selecionada(s) deve designar profissional de comunicação de seu próprio quadro de empregados para elaborar o roteiro das reportagens (dois blocos de 5 minutos, em média), o release de divulgação, bem como encarregar-se da agenda e da produção local das gravações, acompanhando a equipe de filmagem durante todo o trabalho, podendo atuar, inclusive, como repórter. Também será responsável pelo envio do material de suporte para as entrevistas no estúdio

- (perguntas, publicações ou outras solicitadas pela produção do DCTV) e pelas assinaturas do Termo de Cessão de Imagens.
- 6.4 A Embrapa Informação Tecnológica designará profissional de comunicação para adequar e editar roteiro e release produzidos pelos proponentes, bem como para coordenar o trabalho de gravação em estúdio e da edição final do programa.
- 6.5 A gravação das imagens para edição das reportagens somente será realizada após o envio, à Embrapa Informação Tecnológica, dos respectivos roteiros, que deverá ocorrer com um mês de antecedência.
- 6.6 Quando necessária a terceirização de serviços de gravação, o profissional de comunicação designado pelo proponente deverá acompanhar a equipe de produção, conferir a qualidade das imagens e do áudio produzidos e aprovar a decupagem das imagens gravadas, podendo incorrer na regravação ou cancelamento do programa, caso a qualidade de áudio e vídeo entregue pelo contratado não atenda aos requisitos técnicos exigidos para um programa de televisão.
- 6.7 A Embrapa Informação Tecnológica arcará com as despesas relativas à terceirização das gravações dos programas DCTV 2014.
- 6.8 As datas de gravação no estúdio da Embrapa Informação Tecnológica deverão ser previamente agendadas e pontualmente cumpridas pelos proponentes, salvo em caso de força maior.
- 6.9 A Embrapa Informação Tecnológica poderá, excepcionalmente, alterar a data de gravação e de veiculação de programas DCTV 2014.
- 6.10 Caso seja imprescindível o cancelamento de determinado programa, deverá ser formalizada justificativa prévia, com anuência da chefia da Unidade/Instituição parceira.
- 6.11 O programa DCTV 2014 terá duração de 44 minutos, e será transmitido pelo Canal Rural, às sextas-feiras; pela NBr, aos domingos – com reprises durante a semana – e por outras emissoras, nacionais e estrangeiras, com as quais a Embrapa celebrar contrato de veiculação.
- 6.12 A Unidade/Instituição participante do DCTV 2014 terá direito a 2 (duas) cópias, em DVD, e os entrevistados a 1 (uma) cópia cada.
- 6.13 Além de veiculadas pelas emissoras parceiras, as reportagens do DCTV serão publicadas na Videoteca Embrapa, hospedada no YouTube (www.embrapa.br/videoteca); assim como disponibilizadas em repositórios online de acesso livre e/ou aberto, tais como a Agência Embrapa de Informação Tecnológica (Ageitec: www.embrapa.br/agencia) e o sistema Informação Tecnológica em Agricultura (Infoteca-e: www.embrapa.br/infoteca-e).
- 6.14 A Unidade/instituição parceira responsabilizar-se-á pelo rigor científico do(s) conteúdo(s) por ela apresentado(s) nos programas do Dia de Campo na TV 2014, além de assegurar que tal(is) conteúdo(s) técnico-científico(s) é(são) de sua autoria e não viola(m) qualquer direito de terceiros, bem como que cede à Embrapa, automaticamente, os direitos patrimoniais a eles pertinentes.

Brasília, DF, 9 de setembro de 2013

Selma Lúcia Lira Beltrão
Gerente-Geral
Embrapa Informação Tecnológica

Anexo 2 – Edital – Seleção de propostas de temas para o programa radiofônico Prosa Rural 2014

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA)
EMBRAPA INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA

EDITAL

**Seleção de propostas de temas para o programa radiofônico
Prosa Rural 2014**

Por meio da Embrapa Informação Tecnológica (Brasília, DF), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) torna público às suas Unidades Descentralizadas (UDs), às Organizações Estaduais de Pesquisa (Oepas), assim como às demais Instituições do Setor, parceiras em pesquisa agropecuária, que, na forma deste edital, estará realizando a seleção de temas que deverão compor a grade de programação de seu programa radiofônico, Prosa Rural, durante o ano de 2014.

1. DO OBJETO

- 1.1 Estabelecer procedimentos para a inscrição e a seleção de propostas de temas a serem veiculados nas 4 (quatro) grades de programação do Prosa Rural em 2014 (Nordeste/Vale do Jequitinhonha/MG, Norte, Centro-Oeste/Sudeste e Sul);

2. DOS REQUISITOS

- 2.1 Qualquer pesquisador ou técnico de nível superior da Embrapa, ou de instituição parceira, poderá apresentar propostas de tema para a programação do Prosa Rural 2014.
- 2.2 Somente poderão ser propostos como temas de programas para Prosa Rural 2014 Tecnologias, Produtos e Processos (TPP) desenvolvidos pela Embrapa, ou por instituição parceira, cujos resultados estejam **validados** por instâncias técnicas da proponente (tais

como os Comitês Técnicos Internos ou outras que a Unidade/instituição considerar) e capazes de atender às necessidades do público-alvo do programa.

2.3 Os temas a serem propostos para veiculação na programação do Prosa Rural em 2014, deverão enquadrar-se em pelo menos uma das linhas temáticas gerais a seguir descritas, com foco nos agricultores familiares e na juventude rural:

- a) Agricultura;
- b) Segurança alimentar;
- c) Meio ambiente;
- d) Agroindústria;
- e) Aquicultura;
- f) Pecuária;
- g) Agroecologia.

2.4 Para a programação do Prosa Rural em 2014, a Unidade/instituição poderá encaminhar propostas já apresentadas em edições anteriores, condicionadas à atualização de novos conteúdos, e que corresponda ao máximo de 30% do total de suas propostas apresentadas.

2.5 A Unidade/instituição cuja(s) proposta(s) for(em) selecionada(s) deverá(ão) disponibilizar para atendimento ao público, via seu serviço de atendimento ao cidadão (ou similar), informações sobre a tecnologia, produto ou processo, demandados a partir de sua veiculação.

2.6 A Unidade/instituição cuja(s) proposta(s) for(em) selecionada(s) deverá observar as normas da Embrapa relativas à propriedade intelectual e à segurança da informação.

3. DAS INSCRIÇÕES

3.1 As inscrições das propostas de tema para a programação do Prosa Rural em 2014, deverão ser realizadas até **31 de outubro de 2013**.

3.2 As propostas deverão ser apresentadas pelo Núcleo de Comunicação Organizacional (NCO) de cada Unidade da Embrapa, ou seu equivalente, no caso da Instituição parceira, em consonância com o responsável técnico pelas informações relativas ao tema proposto, e mediante concordância prévia da Chefia-Geral, ou do dirigente da instituição.

3.3 As propostas para a programação do Prosa Rural 2014 deverão ser apresentadas em formulário próprio, disponível na homepage da Embrapa Informação Tecnológica, por meio do endereço <http://limesurvey.sct.embrapa.br//index.php?sid=78983&lang=pt-BR>

3.4 Os proponentes que tiverem preenchido e enviado, com sucesso, os formulários de propostas de temas a serem veiculados na programação do Prosa Rural em 2014, receberão a confirmação de inscrição via e-mail cadastrado por ocasião da submissão de sua(s) proposta(s).

4. DO PROCESSO SELETIVO

- 4.1 As propostas de tema para a programação do Prosa Rural em 2014 serão selecionadas por comissão especialmente formada para este fim, composta por representantes da Embrapa Informação Tecnológica, da Secretaria de Comunicação da Embrapa (Secom), do Departamento de Transferência de Tecnologia (DTT) e do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD), bem como do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), sendo submetida à apreciação da Diretoria-Executiva da Embrapa para aprovação, como resultado final do processo de seleção.
- 4.2 Para a seleção das propostas de temas para a programação do Prosa Rural em 2014, serão observados os seguintes critérios:
- Possibilidade de a TPP ser apresentada de maneira simples, em uma programação de rádio dirigida aos agricultores familiares e jovens rurais;
 - A TPP ser de baixo custo para o produtor individualmente, ou que possa ser implantada por meios associativistas;
 - Possibilidade de a TPP ser posta em prática por público significativamente amplo, formado por agricultores familiares ;
 - A TPP estar finalizada e em plenas condições de ser adotada pelo agricultores familiares;
 - Aspecto inovador da TPP bem como seu poder de impacto socioeconômico, ser condizente com o público-alvo do programa;
 - Possibilidade de a TPP proposta estar em consonância com atuais programas sociais do Governo Federal e alinhada às ações de combate à miséria;
 - Possibilidade de a TPP atender a políticas públicas, ações especiais e campanhas do Governo Federal;
 - Para as linhas temáticas gerais, descritas no item 2.3, serão priorizadas propostas que:
 - Abordem técnicas de manejo integrado de pragas e produção integrada;
 - nas alíneas de a) a f), abordem temas para o Plano Safra Semiárido;
 - na alínea a) abordem temas para apoio à Rede Café, tais como aspectos de produção e qualidade da cultura;
 - na alínea c) abordem temas para a adequação e aplicação do novo Código Florestal;
 - na alínea f) abordem temas para apoio à Rede Leite, tais como: manejo e sanidade animal, qualidade e processamento do leite e melhoria da eficiência da produção da agricultura familiar, entre outras de semelhante natureza;
 - Característica da TPP ser compatível com a região onde o programa será veiculado (Norte; Nordeste/Vale do Jequitinhonha; Centro-Oeste e Sudeste e Sul).

5. DA DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS

- 5.1 O resultado final dos temas selecionados para o Prosa Rural 2014 será divulgado na página eletrônica do Prosa Rural (www.embrapa.br/prosarural), após a aprovação da Diretoria-Executiva da Embrapa.

6. DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

- 6.1 A Unidade/instituição parceira cuja(s) proposta(s) de temas for(em) selecionada(s) deverá designar profissional de comunicação de seu próprio quadro de empregados, ou de parceiros, tanto para elaborar o roteiro do programa e os releases (impresso e falado) de sua divulgação, quanto para encarregar-se da produção local do programa.
- 6.2 Nos casos em que os serviços de gravação necessitem ser terceirizados, o profissional de comunicação designado pela Unidade/instituição deverá acompanhar a gravação, conferir a qualidade dos áudios e providenciar o seu envio para a Embrapa Informação Tecnológica.
- 6.3 A Embrapa Informação Tecnológica designará profissional de comunicação para adequar e editar roteiro e release produzidos por proponentes de programas, bem como para coordenar o trabalho de gravação em estúdio e a edição final do material em áudio.
- 6.4 A Unidade Descentralizada/instituição parceira deverá se comprometer a realizar a produção dos programas apresentados, conforme normas apresentadas neste edital, após a confirmação da aceitação dos temas para a programação de 2014.
- 6.5 O programa de rádio Prosa Rural terá 15 (quinze) minutos de duração; será montado e devidamente finalizado no estúdio de rádio da Embrapa Informação Tecnológica, em Brasília; e veiculado semanalmente pelas rádios comunitárias e não comunitárias que firmarem convênio com a Embrapa, em todas as regiões atendidas pelo programa.
- 6.6 Além de veiculados pelas emissoras de rádio parceiras conveniadas, a programação do Prosa Rural em 2014 será publicada em hot site do Prosa Rural (www.embrapa.br/prosarural); assim como disponibilizados em repositórios online de acesso livre e/ou aberto da Embrapa, tais como Agência de Informação Embrapa (www.embrapa.br/agencia) e serviço Informação Tecnológica em Agricultura – Infoteca-e (www.embrapa.br/infoteca).
- 6.7 É de responsabilidade da Unidade/instituição parceira o rigor técnico-científico dos conteúdos por ela apresentados, para a programação *Prosa Rural em 2014*, bem como assegurar que tais conteúdos são de sua autoria e não violam quaisquer direitos de terceiros.
- 6.8 A Unidade/instituição parceira responsável pela programação *Prosa Rural em 2014* cede à Embrapa, automaticamente, os direitos patrimoniais a eles pertinentes.
- 6.8 A inscrição de proposta(s) de tema para a programação do Prosa Rural em 2014 implica na aceitação automática, por parte do proponente, de todas as condições previstas neste edital.

Brasília, 9 de setembro de 2013.

Selam Lúcia Lira Beltrão
Gerente-Geral Interina

Embrapa Informação Tecnológica

Anexo 3 - Formulário Dia de Campo na TV 2014

Formulário Dia de Campo na TV 2014

1. Unidade:

2. Chefe-geral da Unidade:

3. Chefe ou responsável pela área de Comunicação

4. Responsável pela **tecnologia** na Unidade/Instituição

Nome:

Telefone:

E-mail

5. Responsável pela **produção** do programa na Unidade /Instituição:

Nome:

Telefone:

E-mail:

6. Linha temática da tecnologia - conforme edital:

7. Sugestão de título (claro e objetivo, máximo oito palavras)

8. Resumo da tecnologia:

9. Importância da tecnologia; público-alvo, resultados e impactos esperados:

10. Período apropriado para a GRAVAÇÃO DE IMAGENS (indicar mais de uma data):

11. Indicação de imagens de vídeo existentes que poderão ser usadas na edição: (Opcional)

12. Facilidades locais e descrição resumida das demandas de produção para a reportagem:

13. Período apropriado para GRAVAÇÃO NO ESTÚDIO da Embrapa Informação Tecnológica (Brasília-DF):

14. Contatos na UNIDADE / INSTITUIÇÃO capacitados a dar informações aos telespectadores sobre a tecnologia:

Nome:
Telefone:
Fax:
E-mail:
Página na internet:

15. Informações do PESQUISADOR/TÉCNICO (gravação no estúdio):

Nome:
Tel.:
Fax:
E-mail:
Matrícula:
Currículo resumido (para efeito de apresentação):

16. Informações do CONVIDADO DA UNIDADE PROPONENTE (gravação no estúdio):

Nome:
Tel.:
Fax:
E-mail:
CPF:
RG:
Currículo resumido (para efeito de apresentação):

17. Informar se outra Unidade da Embrapa tem pesquisas na mesma área da tecnologia proposta (este item é muito importante para a formalização de programas em parcerias).

18. Informar publicações sobre o tema para divulgação.

19. Release do tema (20 linhas, com assinatura do jornalista responsável, registro profissional, telefone de contato e e-mail) – Enviar foto ilustrativa anexa, com créditos e legenda.

* Obs: Qualquer mudança nas informações contidas neste formulário deve ser comunicada à Embrapa Informação Tecnológica para a devida atualização.

Enviar para sct.sac@embrapa.br

Responsável pelo preenchimento deste formulário

Nome: _____

Fone: _____

E-mail: _____

Data de preenchimento: ____/____/____

Anexo 4 - Formulário do Prosa Rural 2014

Formulário do Prosa Rural 2014

Preencha este formulário com informações objetivas sobre tecnologias, produtos ou processos desenvolvidos pela Embrapa ou instituição parceira, que tenham resultados validados a serem apresentados e que atendam às necessidades do público-alvo do Prosa Rural.

Bem-vindo ao Formulário de Inscrição de temas para o Prosa Rural 2014. Dedique algum tempo ao preenchimento deste formulário, levando em conta que as informações contidas aqui serão vitais para a boa avaliação do mesmo.

Antes de clicar no botão para enviar o formulário, aconselhamos imprimi-lo usando o comando de imprimir do seu browser (Mozilla Firefox) Chrome, Internet Explorer, etc.).

Há 21 perguntas no questionário.

Uma observação sobre privacidade

O questionário é anônimo.

O registro salvo de suas respostas não contém nenhuma informação de identificação a seu respeito, salvo se alguma pergunta do questionário a tenha pedido expressamente.

Se você respondeu a um questionário que utilizava código de identificação para lhe permitir acessar, pode ter certeza que esse código não foi guardado com as respostas.

O código de identificação é gerenciado num banco de dados separado e será atualizado apenas para indicar se você completou ou não a pesquisa. Não é possível relacionar os códigos de identificação com as respostas do questionário.

Formulário do Prosa Rural 2012

: *Nome do proponente:

: *E-mail do proponente:

: *Telefone do proponente:

: *

Unidade / Instituição parceira do proponente:

: *

Sugestão de título do programa:

Sugira um título que seja claro, objetivo e que tenha, no máximo, oito palavras.

: *

Trata-se de uma proposta:

Escolha uma das seguintes respostas:

- Inédita
- Apresentada anteriormente
- Programa temático

: *

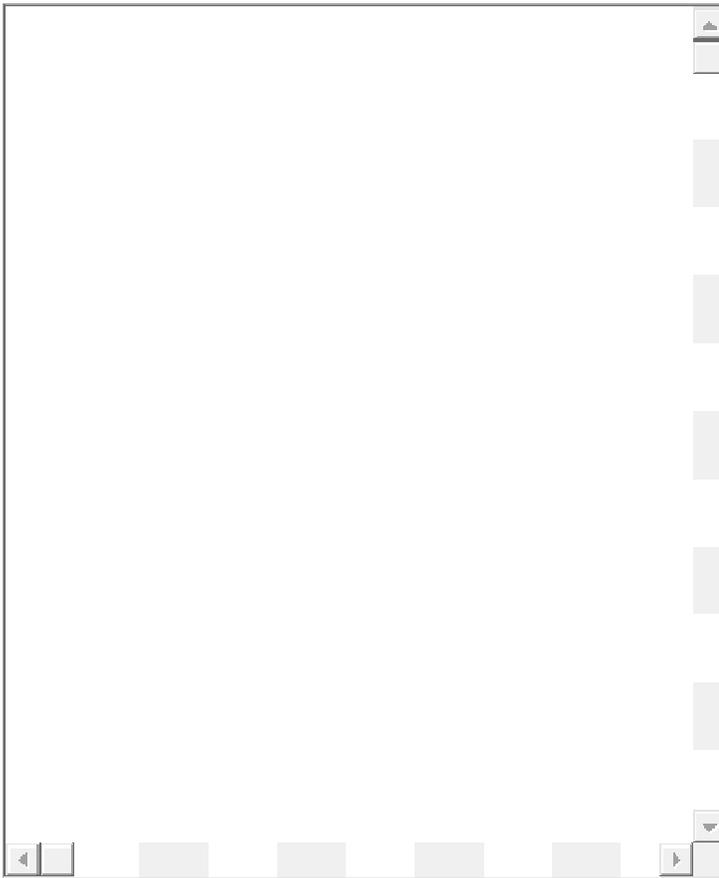
A tecnologia está validada e disponível para o público?

- SIM
- NÃO

Para que possamos divulgar a tecnologia por meio do Prosa Rural, é necessário que a tecnologia já esteja validada, uma vez que o programa gerará demanda no público.

: *

Como a tecnologia é composta:



Como a tecnologia é composta.

: *

Abordagem do programa (*qual o enfoque será dado à tecnologia*):

Descreva o enfoque que será dado ao tema.

: *

Benefícios proporcionados pela tecnologia:



Sociais, econômicos, ambientais ou cite outros benefícios.

: *

Região/regiões para as quais este tema está sendo proposto:

Opções: Centro-Oeste / Sudeste; Norte; Nordeste / Vale do Jequitinhonha ou Sul.

: *

Mês mais apropriado para a veiculação do programa:

Pode ser mais de um.

: *

Release básico do programa:

:

Profissional de comunicação responsável pela produção do programa na Unidade /
Instituição

: *

Nome:

: *

Telefone:

[Não se esqueça](#) de informar o código de área.

: *

E-mail:

:

Responsável pelas [informações técnico](#)-científicas, participante do programa:

: *

Nome:

: *

Telefone:

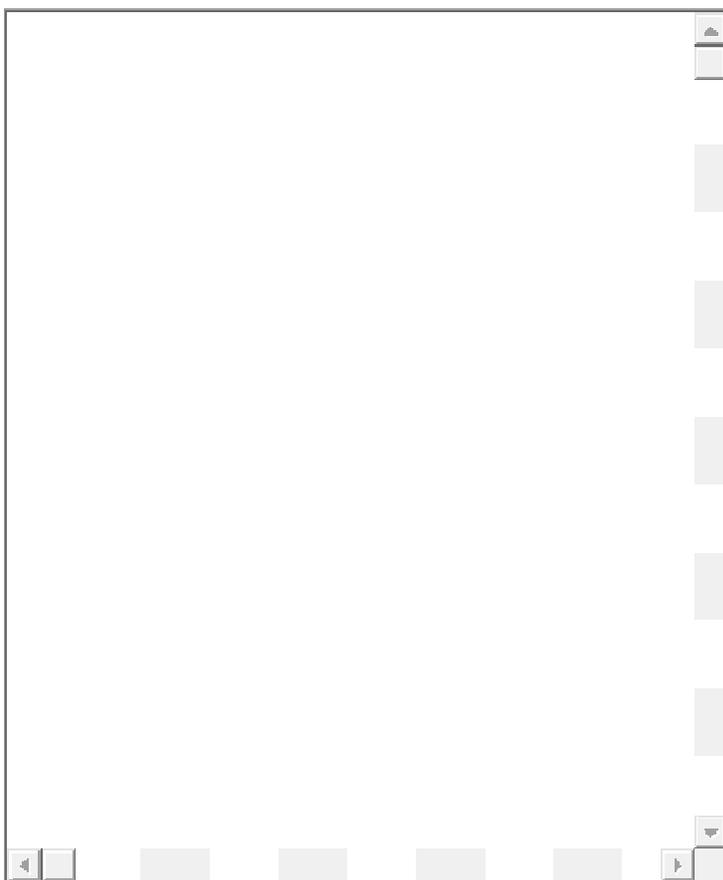
Não se esqueça de informar o código de área.

: *

E-mail:

: *

Minicurrículo:



:

Se o programa for realizado em parceria, por favor indique o parceiro:



